

Janaína Britto de Castro Weber

A Interação Segmento-Sílaba nas líquidas, em Segredo-RS e
a Variação do /l/ na coda

Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Letras, sob orientação da Prof. ^a Dra. Ana Paula Ramos de Souza.

Passo Fundo
2007

AGRADECIMENTOS

A Deus pela força infinita.

Ao economista Everton, meu marido, que foi meu suporte nos momentos difíceis.

Ao meu filho Gabriel Henrique que frequentou as aulas do Mestrado, quando no meu ventre e fora também.

À minha família: mãe, irmãs, sogra, tios que souberam me dar apoio.

Aos amigos-pesquisadores Joana Britto, Josué Frizon e Sâmara Suptitz.

A meu pai *in memoriam*, muito obrigado.

À direção da Escola Estadual Nicolau Vergueiro, alunos, professores e funcionários pelo incentivo e apoio.

À professora Florence e as alunas do 5º, 6º e 7º níveis do curso de letras do ano de 2005 que me ajudaram a fazer a pesquisa de campo com os gravadores em punho.

Aos informantes da comunidade de Segredo que nos acolheram em suas casas e falaram de suas vidas, construímos uma amizade.

Ao técnico da Emater e à extencionista, Edson e Rejane, que nos apresentaram à comunidade.

À prefeitura de Ibirapuitã: Secretaria de Administração e Biblioteca pelo apoio.

À Prefeitura de Nicolau Vergueiro: Secretaria de Educação e Cultura pelo apoio e incentivo.

À Universidade de Passo Fundo pela bolsa de estudos.

À professora Rosane Pimentel por ter nos ensinado o VARBRUL.

À minha orientadora Ana Paula que me ensinou também a confiar, muito obrigado.

“A vida não me chegava pelos
jornais nem pelos livros
Vinha da boca do povo na
língua errada do povo
língua certa do povo porque ele é que fala gostoso o
português do Brasil.
Ao passo que nós
O que fazemos
É macaquear
A sintaxe lusíada.”
(Evocação do Recife. Manuel Bandeira)

“Cambia lo superficial
Cambia también lo profundo
Cambia el modo de pensar
Cambia todo en este mundo
Cambia el clima con los años
Cambia el pastor su rebaño
Y así como todo cambia, que yo cambie no es extraño”
(Todo Cambia, Mercedes Sosa)

RESUMO

Este estudo descreve e analisa fonologicamente as ocorrências variáveis do sistema de líquidas de trinta pessoas da comunidade de Segredo-RS. Para esta análise utilizamos a teoria do Ciclo de Soância (Clements, 1990) para a análise silábica e a geometria de traços (Clements e Hume, 1995) para a análise segmental. Analisamos a variação do /l/ na coda através das variáveis lingüísticas contexto anterior e posterior, quanto ao ponto e ao modo articulatorio, e tonicidade da sílaba em que a líquida ocorre, e as extralingüísticas em termos de escolaridade, idade e sexo, como o programa VARBUL. Os resultados demonstraram que a variável escolaridade associada à idade foi a mais determinante no processo de rotacização, já que os menos escolarizados eram os mais velhos os que também aplicavam mais esse processo. A posição da coda também foi importante, já que a rotacização ocorreu mais significativamente em coda medial. Os mais jovens, também os mais escolarizados produziram exclusivamente a semivogal dorsal para a coda com /l/. Em termos fonológicos, a pesquisa demonstrou que as escolhas dos falantes obedecem a uma interação entre os níveis silábico e consonantal para a composição silábica, sendo alguns dos princípios atuantes o Princípio do Contorno Obrigatório, e as leis da hemissílaba inicial e final (Ciclo de Soância). O traço [contínuo] apresenta-se como o centro da explanação de várias ocorrências, em termos de escolha de segmentos, sobretudo a líquida não-lateral em detrimento da lateral nos encontros, bem como em termos de discussão das escalas de soância. Também explica a variação encontrada no 'r' forte entre consoante fricativa alveolar e a dorsal. A líquida palatal evidenciou um processo avançado de fissão, com o apagamento do ponto de consoante nos sujeitos menos escolarizados também os mais velhos, resultando da semivocalização da mesma nestes.

Palavras-chave: sociolingüística variacionista, fonologia, sistema de líquidas.

ABSTRACT

This paper presents a description of the variable occurrences in the liquid system on the thirty people's speech in a rural community of Segredo-RS. For this analysis we use the principles of the Sonority Cycle's Theory (Clements, 1990) to the syllable and Traces' Geometry (Clements and Hume, 1995) to the segments analyses. We analyse de coda variation of /l/ by anterior and posterior contexts, articulatory place and mode, and strength of syllable as linguistic variables, and schooling, sex and age as extralinguistics variables, with VARBUL's program. The results demonstrated that the variable schooling associated with age was the social variable more determinant to the rotacization's process, seeing that the less schooling are the oldier and they are the people that more apply the rotacization. The coda position in word was important in the rotacization's production, this process occurred more in the medial coda. The youngest, more schooling, produced exclusively the dorsal semivocoid. In phonological terms, this research demonstrated that the variable obey an interaction between the syllable and the segment in a syllabic composition, like the Obligatory Contour Principle and the laws like the initial-syllable and final-syllable interfere in the speaking's choice. The constraint [continuant] presents as the centre of many explanations in terms of the choice of segments and in the sonority scale's discussion that it affects the onset and coda's rotacization, but the wobble between alveolar point and dorsal point for trill. The palatal liquid conspicuousness in this variable realizations the advanced stage of the Fission, that reveals the deletion of the consonant node to form a semivocoid for the less schooling speakers.

Keywords: variacionist sociolinguistic, phonology, liquid system.

LISTA DE ABREVIATURAS

PB: Português do Brasil

NURC: Norma Urbana Culta

VARISUL: Variação Lingüística Urbana no Sul do país

OCP: Obligatory Contour Principle

CSP: Core Syllabification Principle

IPA: International Phonetic Alphabet

LISTA DE QUADROS

Quadro 1– Descrição dos sujeitos da pesquisa.....	27
Quadro 2 - Realizações do /l/ em <i>onset</i>	47
Quadro 3 – Realizações do /l/ em <i>coda</i>	48
Quadro 4 – Realizações de /r/ em <i>onset</i>	48
Quadro 5 – Realizações de /r/ em <i>coda</i>	49
Quadro 6 – Realizações de /R/ em <i>onset</i> inicial e medial.....	49
Quadro 7 – Realizações da líquida palatal / λ /.....	50
Quadro 8 – <i>Onset</i> complexo com /l/ por sujeito.....	50
Quadro 9 – Realizações de /l/ em <i>coda</i> medial e final por sujeito.....	51
Quadro 10 – Realizações de /R/ em <i>onset</i> inicial e medial por sujeito.....	52
Quadro 11 – Realizações de /r/ (<i>tar</i>) em <i>coda</i> medial e final por sujeito.....	53
Quadro 12 – Realizações de / λ / em <i>onset</i> medial por sujeito.....	54
Quadro 13 – Aplicação total das variáveis dependentes no <i>corpus</i>	81
Quadro 14 – Análise da variável posição silábica na produção [ʒ].....	82
Quadro 15 – Análise da variável tonicidade na produção [ʒ].....	82
Quadro 16 – Análise da variável escolaridade na produção [ʒ].....	83
Quadro 17 – Análise da variável posição silábica na produção [r ^o].....	84
Quadro 18 – Análise da variável escolaridade na produção [r ^o].....	84
Quadro 19 – Análise da variável classe do contexto seguinte na produção [w].....	85
Quadro 20- Análise da variável idade na produção [w].....	85

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Representação da hierarquia prosódica em Blevins (1995).....	30
Figura 2 – Representação silábica do alvo ‘carçamento’.....	31
Figura 3 – Representação silábica do alvo ‘plan’ por Ramos (1996).....	32
Figura 4 – Graus de soância pelas classes segmentais.....	35
Figura 5 – Representação da soância das classes por Bonet & Mascaró (1996)	35
Figura 6 - Geometria de traços de Clements & Hume (1995, p. 292).....	41
Figura 7 - Representação arbórea do fonema [λ] segundo Matzenauer- Hernandorena (1997).....	42
Figura 8 – Representação arbórea do fonema [y].....	43
Figura 9 – Representação arbórea do fonema [l].....	43
Figura 10 – Representação da regra de semivocalização de /l/ por Quednau (1993).....	44
Figura 11 – Representação do ‘r’ forte como líquida e como fricativa.....	45
Figura 12 – Representação geométrica da vibrante fricativa alveolar.....	45
Figura 13 – Representações do ‘r’ fraco como <i>tap</i> e como retroflexa.....	46
Figura 14 – Análise dos contextos das vibrantes em PB.....	74

LISTA DE TABELA

Tabela 1 – Escala de soantidade com discriminação das líquidas do Português.....	36
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 A COMUNIDADE DE SEGREDO: CONTEXTO E FALA.....	15
1.1 A comunidade de Segredo hoje.....	19
1.2 Aspectos metodológicos da coleta.....	23
2 ANÁLISE FONOLÓGICA DAS LÍQUIDAS EM SEGREDO.....	28
2.1 A visão autossegmental e o ciclo de soância em uma perspectiva interativa.....	28
2.1.1 Teorias da sílaba: o ciclo de soância.....	29
2.1.2 Descrição da estrutura silábica do português.....	37
2.1.3 A geometria de traços.....	40
2.2 Descrição fonológica das líquidas na variante falada em Segredo.....	46
2.2.1 Aspectos Metodológicos da análise.....	46
2.2.2 Resultados da análise das ocorrências variáveis das líquidas em Segredo.....	47
2.3 Análise fonológica das ocorrências variáveis das líquidas em Segredo.....	54
2.3.1 As realizações variáveis do ‘r’ forte.....	55
2.3.2 As realizações variáveis da líquida palatal / λ /.....	56
2.3.3 A realização variável entre C+l com C+r.....	56
2.3.4 A realização variável do ‘l’ na coda.....	57
3 ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA DA VARIANTE FALADA EM SEGREDO.....	59
3.1 Campo de atuação da sociolingüística.....	59
3.2 O variacionismo.....	66
3.3 Estudos variacionistas no português brasileiro.....	68
3.4 Análise da variação da líquida lateral em posição de coda em Segredo.....	77
3.4.1 Descrição do método.....	77
3.4.2 Análise e discussão dos resultados.....	81

3.4.2.1 Análise da variável dependente [ʒ].....	82
3.4.2.2 Análise da variável [r ^o].....	83
3.4.2.3 Análise da variável [w].....	84
3.4.2.4 Análise da variável apagamento.....	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS.....	89
ANEXOS.....	95
ANEXO A – Mapa com a localização do município de Ibirapuitã.....	95
ANEXO B – Variação nos níveis morfossintático e discursivo.....	96
ANEXO C – Informações sobre o <i>corpus</i>	101

INTRODUÇÃO

A escolha de realizar uma pesquisa Sociolingüística não foi algo impulsivo e imediato. Essa idéia foi trabalhada e moldada ao longo de anos de estudo, de trabalho em sala de aula e experiências variadas que também contribuíram para aguçar minha vontade de realizar um trabalho dessa natureza. Na graduação, os resquícios de um pensamento purista fruto de uma escola básica preocupada em fazer uma espécie de “lavagem cerebral” da variante por mim usada e em seu lugar colocar o “chip” da variedade culta, foi algo desafiante para ser mudado. Essa ação/fato havia se concretizado quando um professor exigiu como tema de casa a conjugação de trinta verbos, na 7ª série do ensino fundamental. Algumas folhas de ofício e uma esferográfica que, mais tarde, acabaram indo para a lata de lixo juntamente com o presente, o passado perfeito, imperfeito, o tu e o vós. O que nos deixa a pergunta: para quê?

Nós não entraremos na discussão sobre a atitude do professor diante do exercício um tanto exagerado; mas o papel da escola é ensinar a norma e fazer com que o aluno consiga ter competência para atuar com os diferentes gêneros (grupo de amigos: informal; proferir uma palestra: formal, por exemplo), ou seja, ser competente lingüisticamente, respeitando a variante lingüística falada pelo aluno. Queremos discutir, sim, o respeito pelas variedades lingüísticas e o quanto elas podem nos dizer sobre a evolução da Língua portuguesa nas mais variadas regiões do Brasil. Mais do que nunca o pesquisador em Lingüística tem em suas mãos um material de pesquisa precioso que é a língua falada.

Em parte, continuei pensando que falar correto era primordial, costumava corrigir meus pais e irmãos em casa, e, na escola, os alunos também: fulano não se diz “nóis fumo” e sim “nós fomos”, siclano não é “mais óia” e sim “mas olha”; e assim por diante, até que eu que eu cursei a disciplina de Sociolingüística. Nessa disciplina, pude perceber a riqueza existente nos diferentes falares, na composição de línguas que possibilitam a comunicação

entre pessoas de diferentes origens e culturas e a impressionante capacidade e inteligência do ser humano em ser o agente social de tudo isso.

A partir de então, nutri um desejo de ver/sentir na prática como é ser uma pesquisadora da língua viva e perceber a dinâmica social de uma comunidade. Os anos se passaram e a Especialização em Pedagogia Social aumentou a vontade de pesquisar um grupo social: seus aspectos de formação, história, economia, etc. O conhecer, o vivenciar situações me levariam a teorizar a prática. Tornei-me atenta aos fatos da língua até que surgiu uma oportunidade: um “sujeito” para eu desenvolver uma pesquisa na área de sociolinguística. A situação foi a de uma palestra proferida por um membro de uma igreja aos alunos de minha escola há três anos atrás. Tudo estava transcorrendo bem até que na seqüência de um falar, nosso palestrante pronunciou as seguintes palavras: bíbia (bíblia), paléstia (palestra), pormão (pulmão). Para os alunos havia algo de estranho naquilo, vivenciávamos uma situação estranha, pois “quem profere palestras não pode falar assim”. Então, entro em cena, já na sala de aula, naquele mesmo dia do acontecimento. Questiono os alunos sobre esse fato um tanto inusitado e aproveito para trabalhar os temas: variável linguística e preconceito linguístico, numa turma de 1º ano do Ensino Médio. No entanto, o estatuto de língua padrão e de norma não são pensamentos fáceis de serem revertidos e modificados na consciência dos alunos e, muitas vezes, nem mesmo na nossa.

E, foi a partir desse momento que pensei em pesquisar a comunidade de onde veio “aquele palestrante”. Após intensas investigações descobri uma comunidade próxima ao município onde resido com características de fala semelhantes as do “palestrante”.

Surgiu, então, a possibilidade de investigar a variante falada pela comunidade de Segredo (Ibirapuitã, RS), descrevê-la e refletir teoricamente sobre aspectos que estão em variação no português. Nós escolhemos esta comunidade porque esperávamos encontrar lá um falar diferente em função do isolamento – o que nos levou a acreditar que havia pouco contato linguístico com pessoas de outras origens, culturas e lugares, refletindo numa espécie de preservação de um dialeto. E também o fato de ser um trabalho único e que valoriza a história e a fala daqueles moradores. Ao analisar os principais traços linguísticos dessa variante, vislumbrei a possibilidade de várias análises sociolinguísticas. No entanto, ao considerar o tempo e as possibilidades de uma dissertação de mestrado, optei pela análise dos aspectos fonológicos da variante falada pelos moradores de Segredo.

Assim, o objetivo geral deste trabalho é descrever os principais traços fonológicos da variante falada na comunidade de Segredo, especificamente descrevendo e analisando

as realizações variáveis das líquidas em Segredo. A interferência de fatores lingüísticos e extralingüísticos nas realizações variáveis do /l/ na coda é o outro objetivo deste trabalho.

Para dar conta dessa proposta, no primeiro capítulo, analisamos aspectos geográficos e históricos da comunidade de Segredo. No segundo capítulo, descrevemos os processos segmentais e silábicos, envolvendo o sistema de líquidas da variante falada nessa comunidade. Os pressupostos teóricos fonológicos e a análise fonológica dos fatos mais freqüentes são descritos neste capítulo e, no último capítulo, apresentamos a base teórica e a análise variacionista sobre a variação do /l/ na coda.

Ao final, tecemos considerações sobre os resultados desta pesquisa.

1. A COMUNIDADE DE SEGREDO: CONTEXTO E FALA

A região de Soledade município a que Ibirapuitã pertenceu até o ano de 1987, e onde se encontra a comunidade de Segredo, possui raros documentos que permitem dizer que sua existência remonta ao ano de 1798.

Nessa região, não restaram vestígios concretos das Missões, mas podemos perceber em algumas pessoas (talvez remanescentes daqueles povos) traços físicos e culturais do passado. Segundo Franco (1975, p. 9), a presença missioneira ronda o passado e o presente de Soledade. Nos nomes próprios de lugar, como Curuçu (Cruz grande) e o rincão de São Tomé. Na tradição dos “enterros” de ouro e prata, que atraíram a curiosidade de muita gente ao longo do tempo. E nos “terços” que velhos caboclos entoam nos cemitérios, em remoto latim, não existirá um eco extraviado das rezas e cantorias jesuíticas?

Fontes históricas afirmam que foi em 1633 que o homem branco pisou na região que hoje conhecemos por Soledade. Mais ainda, que por volta do ano 1626 os jesuítas expandiram para a região da bacia do Jacuí o trabalho de catequese e aldeamento dos índios.

Nesta ampla região que abrange a Serra do Botucaraí, situou-se a redução de São Joaquim dirigida pelo padre João Suárez. Por volta do ano de 1636, essa redução foi dissolvida, pois a bandeira do paulista Antônio Raposo Tavares capturou índios e espalhou a violência. Diante disso, os padres e índios restantes emigraram para a margem ocidental do rio Uruguai em 1639. Consoante o relato de Franco (1975, p. 11), dessa primitiva redução de São Joaquim nada restou. Existiu por apenas quatro anos e nunca superou a

pobreza das construções de palha e pau-a-pique. Assim, não poderia permanecer em decorrência da ação do tempo. Entre a documentação dos jesuítas ficou a referência a esse esforço de arrebanhamento e catequese dos índios e aos nomes dos sacerdotes que a edificaram.

Desde a destruição da redução de São Joaquim até o início do século seguinte, a região de Soledade permaneceu como território de índios selvagens. Por mais de vinte anos nenhuma catequização foi empreendida nessa região.

No século XVIII, a região onde se situara a redução de São Joaquim passou a interessar os padres dos Sete Povos, j  que a erva-mate era abundante na Serra do Botucaraí. A erva era comercializada em Buenos Aires pelos padres dos sete Povos. Os  ndios missioneiros freqüentavam a Serra do Botucaraí, acampavam, colhiam a erva-mate e voltavam aos Sete Povos.

Transcorrido algum tempo e os jesuítas já tendo sido expulsos das reduções e substituídos por funcionários espanhóis e padres franciscanos, uma comissão liderada por José Saldanha, viaja pelo território dos ervais que pertenceu às reduções. Enquanto demarcava, Saldanha encontrou pedras datadas e pequenas capelas com nomes de santos.

A abertura da picada Botucaraí foi de extrema importância para a ocupação da região de Soledade em 1810. Buscava-se acesso entre Rio Pardo e o Planalto com os seguintes objetivos, conforme Franco (Ibidem, p.19): “(a) afugentar os bugres da encosta da serra; (b) encurtar o caminho para os tropeiros que se destinavam às capit nias do Norte, ou seja, a São Paulo; (c) estabelecer a possibilidade de um comércio direto entre Rio Pardo e as Missões”.

Com a abertura da estrada, afirma-se que foi, a partir da concessão das sesmarias, que se iniciou efetivamente a ocupação branca em Soledade. No Documento do Arquivo Histórico do Estado, “Requerimento de Sesmarias”, (apud FRANCO, 1975, p. 24), o primeiro que requereu e obteve sesmarias nos campos de Soledade foram os Ferreira de Andrade, o Tenente André e o Furriel Vicente, respectivamente pai e filho. Ambos alegavam criar “um grande número de animais” numa grande  rea. Tanto um como o outro se diziam apossados na região desde 1803.

Também houve concessão de uma sesmaria num lugar denominado “Campo dos Bugres”   senhora Ana Angélica Ricarda. As confrontações deixam claro que se trata dos campos onde hoje está situado Soledade e arredores.

Em 1833, a Câmara do Rio Pardo resolveu elevar essa região   condição de distrito, tendo sido povoada com relativa rapidez. Dentre as várias pessoas eminentes que

moravam nessa região encontramos o nome de Manuel da Silva Portella (sobrenome de uma das famílias que participam de nossa pesquisa, se há um certo grau de parentesco, não há dados que comprovem).

Os moradores desta região redigiram um abaixo-assinado, em que manifestavam o descontentamento em serem incorporados ao município móvel de Cruz Alta, que o Juiz de Paz Lúcio Ferreira de Andrade (outro sobrenome que remonta a nossa pesquisa) encaminhou no ano de 1833.

A região dos campos de cima da Serra do Botucaraí não era lembrada pelo governo provincial, e muito menos pela Câmara de Rio Pardo cujo município abrangia Sant'Ana do Livramento e Taquari.

Os habitantes resolvem construir uma capela e o líder foi Lucio Ferreira de Andrade. No topo de uma colina, ergueram uma capela que foi chamada de Nossa Senhora da Soledade.

Pelo ano de 1833, criaram-se os municípios de São Borja e Cruz Alta, desvinculando-se de Rio Pardo. E a região de Cima da Serra do Botucaraí passaria a pertencer a Cruz Alta, por vinte e três anos.

Segundo Franco (1975), durante os anos da Revolução Farroupilha, a região em questão recebeu pessoas que fugiam das regiões de conflito. Não há documentos que aludam sobre o 3º distrito nesse período e o que imperava era a autoridade das armas.

Em 1846, através de documento, a povoação de Nossa Senhora de Soledade foi elevada a capela, com direito a ter um pároco e, em 1859, à condição de freguesia.

O planalto de Soledade era uma região de difícil acesso, por isso sofreu uma ocupação lenta, com dificuldade de transporte e comunicação. Também o desenvolvimento econômico foi moroso por causa do alto custo dos fretes.

Em 1855, retomam o movimento para Soledade voltar a ser distrito de Rio Pardo e entre os nomes dos moradores que assinaram o abaixo assinado estavam: Capitão Manoel Correa Taborda, Joaquim da Silva Portella, Lucio da Silva Portella e Francisco Portella.

Não conseguindo o intento, Soledade passou a ser administrado por Passo Fundo através de várias eleições para a renovação da Câmara Municipal, muitos moradores de Soledade foram eleitos sucessivas vezes.

Em 1875, uma Lei Provincial elevou a freguesia de Nossa Senhora da Soledade à categoria de vila, emancipando-a de Passo Fundo. Segundo o relato de Franco (Ibidem, p.104), foram poucas as sesmarias concedidas no território de Soledade. A apropriação da terra foi feita, posteriormente, através da formação de posses, que, depois de 1854, se

legitimaram pelo sistema da Lei de Terras de 1850. Quem tivesse constituído posses com cultura efetiva, antes da referida lei, legitimava-as através de uma declaração e um registro paroquial. Quem viesse a apossar-se depois em terras públicas deveria adquiri-las do governo sob condição de as medir dividir e demarcar perante um juiz comissário.

Em 1850, o território de Soledade encontrava-se com muitas áreas de mato e áreas devolutas. Por força da constituição de 1891, essas terras passam da União para o Estado, que deveria restringir a apropriação privada de terras públicas. Franco afirma que Soledade ingressou no século XX, tendo ainda amplas extensões de terras devolutas. Um recenseamento, realizado em 1900, registrou uma população de 22.973 habitantes. Havia, portanto, uma população, em franco crescimento, e, paralelamente, terras públicas à espera de apropriação legítima.

A comissão de terras também era encarregada de distribuir terras aos italianos e alemães que chegaram à região para colonizá-la. A composição étnica de Soledade se alterou progressivamente, antes só havia caboclos, agora também alemães e italianos. Para Franco, segundo seu livro:

As iniciativas oficiais e particulares nesse terreno determinaram uma alteração profunda no quadro étnico do município. É verdade que, desde meados do século, Soledade recebera alguns povoadores estranhos à etnia luso-brasileira. Os franceses Francisco Salinet e Pedro Aguerre estiveram desde meados do século XIX, estabelecidos no Tope, na estrada de Passo Fundo; no primeiro distrito, um Chaise deu origem à conhecida família dos dias atuais; na Restinga se estabeleceram os Reveilleau. De outra parte, os alemães Knopf, Rochembach, Walendorff, Hellmann, Jandrey, Bagesntein (que se tornaram Bagewston com o decurso do tempo), Schimitt, Bohrer, Vanner madrugaram no município. No Jacuizinho, os alemães pareceram ter entrado desde 1857, a julgar por um relatório do fiscal José Ferreira de Camargo, que a Câmara de Cruz Alta, naquele ano encaminhou ao governo provincial. Dizia ele que mais de trinta casais alemães, da “picada nova de Santa Cruz”, queriam transferir-se para a “serra entre os campos de Butucarai e Cruz Alta, na costa do rio Jacuí”, sujeitando-se a perder os serviços que haviam feito em Santa Cruz (...) (Idem, *Ibidem*, p.107)

Após análise e leitura minuciosa do livro *Soledade na História* de Sérgio da Costa Franco, percebemos a grande relação dos fatos narrados pelos informantes da pesquisa e os fatos descritos no livro citado.

Chama-nos atenção o que o informante 2-69-M narrou a respeito do General Candoca (Cândido Carneiro Jr.) e de Borges de Medeiros. Também a referência feita ao Partido Libertador (frase escrita em placa de madeira) em cuja escrita gravada estão os

nomes dos fundadores “Gaspar Martins, Raul Pilla e Antônio Reveillau”. Todas essas informações aparecem no relato histórico feito por Franco. Numa das atas transcritas nesse livro no “Manifesto ao Povo do Rio Grande do Sul” ano de 1930, aparecem os nomes do General Candoca, Borges de Medeiros, Antonio Reveillau, e José Portella de Andrade. Há menções claras sobre a história das famílias entrevistadas e suas relações com a história do município de Soledade. Com isso, foi extremamente importante o levantamento histórico da formação dessa família.

O que podemos deduzir desses dados é que a memória histórica de nossos informantes está bastante viva. Os fatos narrados se aproximam muito do que foi lido e relatado acima, sobre a história do Rio Grande do Sul e a formação étnica da região das Missões Orientais. Queremos deixar claro que o município de Soledade abarcava o município de Ibirapuitã, ou seja, a formação étnica e histórica da Comunidade de Segredo está imbricada com as histórias de Ibirapuitã e Soledade. Os sobrenomes das famílias estudadas nesta pesquisa revelam sua estreita ligação com os nomes citados no decorrer do relato baseado no livro de Franco.

1.1 A comunidade de Segredo hoje

Segredo pertence hoje ao município de Ibirapuitã. Segundo dados retirados do endereço eletrônico¹ e constatações pessoais, o município possui uma área de 375 Km² e está localizado no Planalto Médio, no final de Serra do Botucaraí, entre os municípios de Soledade e Passo Fundo, onde está distribuída uma população estimada em 8.000 habitantes. Como indicado no mapa em anexo, o município de Ibirapuitã tem como municípios circunvizinhos ao norte: Marau, Ernestina e Nicolau Vergueiro; ao sul: Soledade; a leste: Marau e Soledade; a oeste: Tio Hugo. Com topografia irregular com partes planas e suaves planaltos, o município apresenta um inverno muito frio e chuvoso, com geadas nos meses de junho e julho. O verão é suave com chuvas passageiras, e a temperatura média durante o ano é de 18 graus centígrados.

O município de Ibirapuitã está localizado na porção norte do estado do Rio Grande do Sul, tendo alcançado a emancipação em 15 de dezembro de 1987. A base de sua economia ainda está fortemente ligada ao campo. O plantio de grãos, em especial o milho e

¹ <http://www.prefeituramunicipaldeibirapuita.com.br>. Acesso em junho de 2005.

a soja, são fontes importantes para a economia do município. Sua população é em grande parte rural, o que significa que muitos habitantes não têm acesso a água encanada, tendo que recorrer a fontes alternativas para o seu abastecimento, como poços artesianos.

Os principais rios de Ibirapuitã são: ao norte do município, fazendo divisa com Ernestina, o Rio Jacuí, onde está localizada a Barragem de Ernestina; Rio Povinho, separando Nicolau Vergueiro do município de Ibirapuitã; o Arroio Porongo é a divisa entre o Município de Soledade e Ibirapuitã. Além dos rios citados, há também arroios que cortam o município e também, alguns deles, nomeiam as comunidades existentes: Arroio Lambedor, Arroio Quebra Dentes, Arroio Caneleira, Arroio Passo da Laje, Arroio Segredo, Arroio Camargo, Arroio Roberto, Arroio das Cuias e Arroio Restinga.

A vegetação do município de Ibirapuitã é do tipo Zona da Mata caracterizada por árvores de pequeno e médio porte. Há grande quantidade de madeiras de pinho, árvores de erva-mate e de eucalipto; na Zona de Campo, predominam as gramíneas em geral e lavouras de pastagens artificiais. A vegetação está bastante descaracterizada, devido à mecanização agrícola e ao desmatamento de muitas áreas de mata. Dentre poucas matas que ainda restam, destaca-se a Mata de Pinhos (araucárias), onde se sobressai o pinheiro do Paraná, a erva-mate, espécie que permite intensa atividade extrativa.

A palavra Ibirapuitã é de origem indígena e significa Arroio da Madeira Vermelha. (Ig-Mbira-Pitã). O primeiro núcleo de povoamento surgiu em 1926, com a abertura da estrada que ligava Soledade a Passo Fundo. Sebastião José da Rocha foi a primeira pessoa a interessar-se pelo povoamento desta localidade. Os primeiros moradores foram os senhores: Sebastião, Vicente José de Lima, Franklin Ferreira Terres, João José de Chaves, Cristiano Tatsch, Ponciano Antunes dos Santos, João Pedro Senger e Jorge Simão Dipp. Este último, professor em Ibirapuitã, foi quem escolheu o nome da localidade, em homenagem a Flores da Cunha, visto ter ocorrido nas margens do rio Ibirapuitã afluente do Ibicuí, em Alegrete, durante a Revolução Federalista, em 1923, a mais sangrenta batalha da vida do General Flores da Cunha, em que perdeu seu irmão mais moço, Guilherme Flores da Cunha.

A origem étnica da população de Ibirapuitã é a seguinte: 40% da população é de italianos, 30%, de alemães e 30%, de chamados mestiços. Dentro deste município é que surge a comunidade de Segredo.

A comunidade de Segredo é de pequeno porte, essencialmente agrícola. Até o ano de 2003 não possuía luz elétrica, também existem residências que não possuem água tratada. Como vimos, a comunidade é bastante antiga, já que teria surgido mais ou menos

pelo ano de 1945, segundo relato dos moradores. Nessa época, as terras que constituem a comunidade de Segredo e arredores pertenciam aos Portella de Andrade, segundo um dos moradores que se declara descendente desta família. A propriedade dos Portella de Andrade teria chegado a cinco mil alqueires de terra (2,42 hectares ou 24.200 m², equivaleria a aproximadamente 32% da área total do município). A comunidade de Segredo é formada predominantemente pelos descendentes das famílias Portella de Andrade, Marques de Bairo e Pedroso de Lima. Dos trinta e um entrevistados, vinte e dois são descendentes do casal João Portella de Andrade e Manoela Portella de Andrade.

Constatamos, através das entrevistas e visitas que a comunidade é formada por cerca de 45 moradores que têm como fonte de sustento a agricultura de subsistência. Grande parte dos moradores planta milho e feijão. Outros, em menor proporção, cultivam fumo, extraem erva-mate e criam ovelhas. Alguns moradores vendem o excedente da produção na sede do município, ou em municípios vizinhos.

A comunidade recebe a visita mensal da Agente de Saúde. O médico e o dentista também atendem a comunidade pelo menos a cada dois meses, quando a casa de algum morador é utilizada como consultório.

As casas têm aspecto rústico, construídas com madeira e sem pintura. Algumas estão em estado precário, apresentando frestas, não possuindo banheiro nem água encanada. Apenas duas das 13 casas visitadas eram de alvenaria, possuindo melhores condições de habitação.

Nenhuma linha de ônibus serve a comunidade. Só há um transporte que passa próximo, para levar os alunos até a escola estadual, situada na sede do município. Os moradores que precisam se deslocar com urgência para atendimento de saúde, por exemplo, dependem da solidariedade dos três moradores que possuem carro, para levá-los até a sede do município. Não há linha telefônica, mas alguns moradores possuem telefone celular, o que facilita quando alguém necessita, principalmente, de socorro médico.

Não existe nenhum tipo de associação ou sindicato. Existe apenas uma igreja evangélica Assembléia de Deus, fato que chama bastante atenção numa comunidade cujos moradores foram batizados na igreja Católica. Passaram por todas as etapas exigidas pela igreja (catequese, comunhão, casamento no religioso), mas freqüentam a igreja evangélica, outros até se batizaram pela segunda vez e agora se intitulam evangélicos, já que a igreja católica mais próxima fica a 13 quilômetros de distância. Quanto à cultura, o que mais marca na comunidade são os tocadores de gaita e os violeiros, bastante famosos na região, por tocarem muito bem e por ensinarem essa arte para as crianças e jovens. Destacamos o

violeiro André² e o senhor 3-82-M e seu filho José, gaiteiros. Na culinária destacamos a rapadura de leite feita pela senhora 31-33-F e o doce de jaracatiá feito pela senhora 9-58-F, dotes recebidos de Dona Manoela, avó e mãe respectivamente, de origem alemã e natural de Santa Maria.

Nenhum dos entrevistados acima de trinta anos tem o primeiro grau completo. Os mais idosos argumentam que não puderam estudar por causa da distância entre a escola e sua casa e também porque os pais precisavam da ajuda dos filhos na roça. Os seis adolescentes e crianças em idade escolar entrevistados já têm mais possibilidade de prosseguir os estudos, em virtude do Estatuto da Criança e do Adolescente e, sobretudo, graças ao transporte escolar garantido pelo município. Somente os jovens e crianças têm acesso a livros, jornais e revistas na escola. Os mais velhos não possuem qualquer contato com as letras, alguns chegando até a admitir a dificuldade que teriam em ler agora.

A história, sobretudo política, está bastante presente na memória de alguns moradores. Muitos relataram acontecimentos históricos que marcaram a formação do Rio Grande do Sul. Uma das entrevistadas, 9-58-F, ainda guarda o quadro que pertenceu a seu pai com o lema e o símbolo do Partido Libertador.

Antes de iniciarmos a pesquisa de campo em Segredo, tínhamos ouvido falar, por moradores de Segredo, que o Monge João Maria³ teria estado na região de Segredo. Quando perguntados se conheciam alguma história sobre João Maria, os mais antigos moradores da comunidade, num primeiro momento, negavam, dizendo que não acreditavam nessas coisas, pois eram evangélicos, e porque ninguém poderia saber ao certo se os milagres realizados pelo Monge foram verdadeiros ou falsos. Num segundo momento, alguns dos entrevistados começaram a comentar sobre as profecias de João Maria sobre o mistério e o fascínio que sentiam pelo poder desse homem sobre os fenômenos da natureza. Assim, alguns falaram dos "córregos abençoados por São João Maria", da "cruz de cedro", da "magia de um profeta que *andô* pelo mundo", etc. O que parece ter ficado na memória e no imaginário dessas pessoas é o exemplo de um "homem

² Nomes fictícios.

³ O monge João Maria foi um eremita que veio da Itália e teve uma curta passagem por Sorocaba; posteriormente, apareceu na região de Santa Maria – Botucaraí e Campestre – (RS), de onde foi expulso por realizar práticas de curas, provocando grande peregrinação ao Morro do Campestre. Perseguido naquela região, seguiu para Santa Catarina, onde permaneceu por um período difícil de precisar, como também é difícil precisar o local e a data de sua morte. O certo é que ele despertou em toda a região sul do Brasil uma grande devoção entre os caboclos e camponeses. A sua memória foi reivindicada por José Maria, líder do Contestado, e por diversos outros movimentos, entre eles, o Movimento dos Monges Barbudos. (KUJAWA, 2001, p.48)

que era justo, correto e que respeitava a natureza. “Muitos dos moradores que relataram esses fatos não os vivenciaram, mas conheceram tios, tias e avós que, quando pequenos, teriam conhecido o Monge e até mesmo teriam presenciado seus “milagres e bênçãos”.

Segundo Pereira e Wagner (1981, p. 14-15), em 1902, em Pinheirinho, interior do Município de Estrela, um grupo de voluntários liderados pelo subdelegado Guerino Luca de Encantado, que, em seguida, teria solicitado reforço policial à Brigada Militar do Estado, chega ao acampamento dos monges onde vários seguidores foram assassinados, inclusive mulheres e crianças. Conforme relatado no livro, um dos monges consegue escapar desse massacre: “João Enéias – soube-se alguns anos depois – fugira para o município de Arvorezinha que fica a somente 36 quilômetros de Soledade”.

Neste ponto, conseguimos encontrar a peça que faltava no quebra-cabeça e responder como as pessoas de Segredo sabiam desses casos. Além dos testemunhos de parentes que vivenciaram alguns fatos que foram narrados, também descobrimos que algumas mulheres que agora vivem em Segredo vieram de Arvorezinha, lugar em que um dos monges viveu.

1.2 Aspectos metodológicos da coleta

A pesquisa foi suscitada a partir de uma curiosidade científica, por parte da pesquisadora, desse fenômeno social que é a língua falada.

Várias pesquisas a respeito do português falado vêm sendo feitas no Brasil ao longo dos anos. Podemos citar como exemplo o banco de dados do Projeto NURC (Norma Urbana Culta) e o VARSUL (Variação Lingüística Urbana no Sul do País) que foram transcritos e estão sendo analisados por vários lingüistas. Diferentemente desta proposta (de analisar um corpus pronto), nosso trabalho buscou fazer uma pesquisa em que pudéssemos passar por todas as etapas de uma pesquisa Sociolingüística, da escolha da comunidade lingüística até o trabalho “final” de análise dos dados.

Para isso tomamos uma comunidade⁴ rural do interior do município de Ibirapuitã. Nós escolhemos esta comunidade porque esperávamos encontrar lá um falar diferente em função do isolamento da comunidade – o que nos levou a acreditar que havia pouco

⁴ O conceito de comunidade é geográfico e lingüístico: grupo de pessoas que vive relativamente próximas umas das outras num determinado local, compartilhando uma mesma variedade.

contato lingüístico com pessoas de outras origens, culturas e lugares, refletindo numa espécie de preservação de um dialeto. Também o fato de até há pouco tempo atrás, não haver luz elétrica na comunidade, logo o acesso aos meios de comunicação, TV e rádio, poderia ser reduzido e, por isso, não influenciaria na fala das pessoas dessa comunidade. O que encontramos, na verdade, foram pessoas que interagem com pessoas de outros lugares, seus parentes, que assistiam/assistem televisão (à bateria/luz elétrica) e escutam radio (à pilha/ luz), possuem celular e um falar com as mesmas peculiaridades de outros lugares. Como poderemos observar no capítulo de descrição da variedade.

Combinamos a primeira visita à comunidade com o técnico agrícola e a agente de saúde. Eles conheciam bem os moradores e nos levaram à casa da moradora 9-58-F, com quem conversamos bastante e observamos a variedade do português utilizado naquela família.

Ao observar que aquela família tinha idéias interessantes a respeito do casamento, do relacionamento entre homens e mulheres, da educação dos filhos e netos; sobre religião etc., resolvemos utilizar esses temas para montar nosso roteiro de entrevista e permitir que essas pessoas falassem do modo mais espontâneo possível.

Nesse primeiro encontro, não utilizamos gravador, só observamos e combinamos uma nova visita para, então, gravar suas falas. A autorização para a realização da pesquisa foi feita pelos entrevistados oralmente. O roteiro utilizado nas entrevistas procurou abordar assuntos que favorecessem a fala dos entrevistados, sem rigidez quanto aos temas abordados:

- 1- Nome:
- 2- Idade:
- 3- Qual é sua profissão? Já trabalhou em outros lugares? Quais?
- 4- Onde nasceu?
- 5- Escolaridade:
- 6- Quem foram os primeiros moradores da comunidade de Segredo? (como essa comunidade se formou).
- 7- Que hábitos vocês tinham quando não havia luz elétrica?
- 8- Sabe qual é sua origem?
- 9- De que lugar do Rio Grande do Sul seus pais ou avós vieram?
- 10- Se a origem for alemã ou italiana (ou outra) você fala essa língua?
- 11- Qual é a religião praticada? Todos da família seguem essa religião?
- 12- Aqui na comunidade tem alguém que benze?

- 13- Aqui na comunidade tem alguma parteira?
- 14- Você já ouviu alguma história sobre uns monges⁵ que andaram por essa região?
- 15- Qual é o seu sistema de valores?
- 16- Você acha que seu português é igual ou diferente (melhor ou pior) do português:
- *da televisão?
 - *dos que moram em outras regiões do Brasil?
 - *dos mais velhos?
 - *dos que estudaram mais?

As visitas à comunidade de Segredo foram realizadas no ano de 2005 nos dias 12 de janeiro, 23 de abril, 13 de agosto e 10 de dezembro. Foram utilizados dois gravadores marcas Aiwa e Powerpack e as fitas: 2 Emtec de 46 minutos, 2 Maxell de 120 minutos, 1 Nipponic de 60 minutos, 1 Sony de 60 minutos, 3 fitas para microcassete Panasonic de 60 minutos. Transcrevemos as fitas gravadas, aproximadamente dez horas de gravação, e as escutamos exaustivamente, a fim de levantar o maior número de dados sobre a língua falada em Segredo.

Para o levantamento dos dados⁶ fomos escolhendo as formas lingüísticas que diferenciavam nos níveis fonético-fonológico, morfossintático e discursivo, da norma culta. Os dados fonético-fonológicos foram transcritos foneticamente, conferidos pela autora, e revisados em fitas de áudio e vídeo pela orientadora deste trabalho. Identificadas as variantes fonéticas das líquidas, houve nova conferência de todas as produções das consoantes líquidas e foi criado um código para digitação:

[] tap – r

[] fricativa alveolar – r

[l] líquida alveolar lateral – l

[³] líquida alveolar velarizada – ³

[w] glide dorsal – w

[¹] líquida não-lateral retroflexa – r^o

[^Λ] líquida lateral palatal – realizada como líquida complexa ou glide

[l] líquida lateral palatalizada ly

[y] glide palatal-y

⁵ No transcorrer das entrevistas tivemos que mudar a denominação Monge Barbudo pois ninguém na comunidade coconhecia essa denominação. Refizemos a pergunta com o nome “São João Maria” que também faz referência aos monges e as reações favoráveis foram imediatas, principalmente das pessoas mais velhas e as que agora pertencem à religião Evangélica.

⁶ Seguimos a proposição de Tarallo (1997, p.10) “um levantamento exaustivo de dados de língua falada, para fins de análise, dados estes que refletem mais fielmente o vernáculo da comunidade.”

A análise dos possíveis fatores condicionadores lingüísticos e não-lingüísticos tiveram embasamento em pesquisas Sociolingüísticas variacionistas específicas de cada item analisado. Para alguns itens que aqui constituem a variante falada em Segredo e que não foram alvo da análise direta deste trabalho, apenas citamos aspectos gerais descritivos no anexo B.

Nós não abordamos em nossa entrevista a questão de variável padrão/ não-padrão; conservadoras/ inovadoras; estigmatizadas/ de prestígio. O que observamos é que alguns poucos moradores entrevistados dizem que as pessoas, geralmente os jovens, mais estudados entendem mais as coisas que acontecem no mundo, ao contrário deles, os mais velhos, que não foram à escola, e se auto-denominam de ignorantes. Então, os moradores (mais velhos) entendem, elogiam e incentivam os que estudam, vão bem na escola e tiram notas boas (os jovens). Em três entrevistas, os moradores avaliaram sua própria fala com relação aos outros da comunidade, aos membros da família, e com relação às normas.

Num primeiro momento, quando entramos em contato com os falantes, notamos que existem variações, principalmente quanto à faixa etária e sexo e uma ínfima variação quanto à classe social, o que ainda vamos observar na descrição.

Para neutralizarmos toda a situação de entrevista, precisamos representar o papel de aprendiz interessado na comunidade de falantes e em seus problemas e peculiaridades. Nosso objetivo central foi, portanto, aprender sobre a comunidade e sobre os informantes que a compõem. A palavra língua foi evitada, pois o objetivo foi que o informante não prestasse atenção à sua própria maneira de falar, com exceção dos três moradores a quem foram feitas perguntas sobre a fala deles mesmos.

Há três objetivos principais em se seguir esse tipo de metodologia: controlar os tópicos de conversa, homogeneizar os dados de vários informantes e provocar narrativas de experiência pessoal que, comprovadamente, fazem com que as pessoas dêem atenção àquilo que estão contando, e não ao como estão contando.

Percebemos que, ao narrar fatos de experiência pessoal, os informantes não se preocupavam tanto com o como dizer. Não tivemos a preocupação em fazer a marcação das partes da narrativa a exemplo das pesquisas de Labov (1976), pois desvirtuaria um pouco de nosso objetivo principal que é o de descrever traços do dialeto da comunidade de Segredo.

Quando de nosso primeiro contato, deixamos claro que nosso objetivo era o de pesquisar a origem da comunidade, ou seja, como se formou, quem foram as primeiras famílias que povoaram a região, em hipótese alguma dissemos que nosso foco era o modo

como eles falavam. Entramos na comunidade por meio de terceiros e adequamos nossa linguagem a dos moradores. Não houve um critério rigoroso para a seleção dos informantes. O fator que nós levamos em maior consideração foi a faixa etária, procuramos conversar com os moradores mais idosos, para sabermos sobre a história da comunidade, já que esse era nosso "foco". Também conversamos com moradores mais jovens que são em número reduzido, obtendo boas amostras de fala, a partir das quais foi possível efetivar as análises fonológicas e variacionistas planejadas, conforme apresentaremos nos próximos capítulos.

A seguir apresentamos os sujeitos com a distribuição em idade, sexo e escolaridade identificados por números para que o leitor possa acompanhar as descrições fornecidas no capítulo 2.

Sujeito	Idade (anos)	Escolaridade	Sexo
1	82	1ª série	M
2	80	4ª série	M
3	75	1ª série	M
4	73	3ª série	F
5	70	Analfabeta	F
6	70	6ª série	F
7	70	Analfabeta	F
8	69	1ª série	M
9	63	Analfabeta	F
10	60	4ª série	F
11	60	Analfabeta	F
12	60	3ª série	M
13	59	4ª série	M
14	58	4ª série	F
15	57	Analfabeta	F
16	56	4ª série	M
17	55	6ª série	F
18	54	3ª série	F
19	42	3ª série	M
20	41	4ª série	M
21	41	2ª série	M
22	40	2ª série	F
23	38	4ª série	F
24	36	4ª série	F
25	33	5ª série	F
26	23	1ª série EM	M
27	16	8ª série	F
28	16	1ª série EM	M
29	10	3ª série	F
30	9	4ª série	F

Quadro 1- Descrição dos sujeitos da pesquisa

2 ANÁLISE FONOLÓGICA DAS LÍQUIDAS EM SEGREDO

Como as líquidas foram as consoantes que apresentaram a maior variação nas produções dos falantes de Segredo, passamos a descrever as principais ocorrências nesse sistema consonantal. Para tanto, iniciamos com as ocorrências gerais, tanto das produções variáveis como das mais estáveis. A seguir, apresentamos os dados de produção por sujeito.

Toda a análise fonológica, fornecida na seqüência do capítulo, é precedida pela explicitação dos princípios teóricos utilizados.

2.1 A visão Autossegmental e o Ciclo de Soância em uma perspectiva interativa

A teoria do ciclo de soância e a teoria autossegmental fazem parte da teoria fonológica não-linear que descreve a organização e funcionamento do componente fonológico da gramática de forma mais aprimorada que a teoria fonológica linear. Segundo Matzenauer-Hernandorena (1999, p. 13), os modelos não-lineares tratam a fonologia de uma língua como uma organização em que os traços⁷, dispostos hierarquicamente em diferentes “tiers” (camadas), podem espalhar-se aquém ou além de um segmento, unir-se a mais de uma unidade, como também funcionar isoladamente ou em conjuntos solidários.

As teorias do Ciclo de Soância e Autossegmental são propostas que possibilitam uma maior clareza da ordenação de regras, da descrição das possíveis sílabas e da organização dos segmentos de línguas particulares.

⁷ Os traços distintivos são definidos como unidades mínimas não segmentáveis de caráter acústico e articulatorio e que se combinam para formar os sons das línguas humanas. (Matzenauer-Hernandorena, 1999, p. 17)

Neste trabalho, o foco de análise será a aplicação das teorias do Ciclo de Soância e Autossegmental, pois acreditamos serem teorias complementares na descrição da análise da interação entre segmento e sílaba durante a escolha do falante por determinada variante fonético-fonológica em sua fala. Assim, nossa perspectiva é de que a escolha de um determinado segmento, para ocupar determinada posição silábica, dá-se pela necessidade de atender à soância indicada pelas leis da hemissílaba inicial ou final. Deste modo, estamos adotando a perspectiva de Clements (1990), ao propor que a sílaba, enquanto nível hierárquico superior ao segmento, direciona a escolha do segmento que ocorrerá em cada posição e que as características dos distintos nós do segmento serão consideradas neste processo de escolha. Assim, por exemplo, questionamos se a escolha da líquida lateral ou não-lateral para a segunda posição do *onset* complexo obedece à soância ou não. Com tal hipótese em mente faremos as análises dos dados anteriormente expostos. Antes, no entanto, faremos uma resenha teórica dos principais aspectos dessas propostas.

2.1.1 Teorias da Sílaba: O Ciclo de Soância

Blevins (1995) afirma que na década de 80, intensificou-se na teoria a postulação da sílaba como unidade fonológica. Há, segundo a autora, várias evidências a favor da sílaba como constituinte fonológico:

- Ela é o domínio de muitas regras;
- Muitas regras são melhor definidas em relação à posição silábica;
- As sílabas são estruturas-alvo de processos fonológicos como o truncamento;
- Os falantes nativos têm intuições sobre pausas entre sílabas e reconhecem a sílaba como unidade.

Para McCarthy & Prince (1995) as sílabas são reconhecidas pela morfologia prosódica, pois o peso silábico interfere na atribuição do acento, dependendo da classificação da sílaba (máxima, leve, pesada e básica).

A sílaba tem posição fixa na hierarquia prosódica. Blevins (op. cit., 210) fornece a seguinte hierarquia prosódica universal:

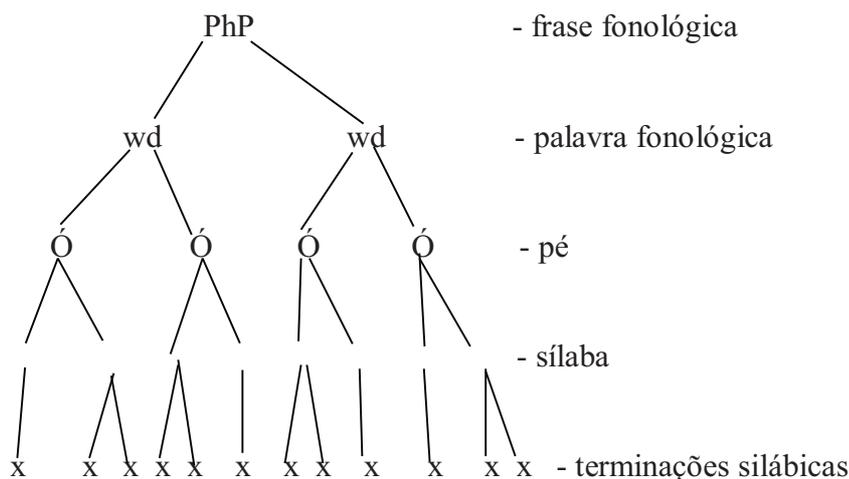


Figura 1- Representação da hierarquia prosódica em Blevins (1995)

Blevins (1995) faz extensa revisão dos modelos silábicos classificando-os em:

Modelos de Estrutura Plana - nesses modelos a sílaba não tem outros constituintes, ou seja, o nó que representa a sílaba domina imediatamente seus constituintes. (Clements & Keyser, 1983 e Itô, 1986).

Abordagens Móricas – A mora é a unidade de subdivisão silábica (Hyman, 1985; McCarthy, 1986; Hayes, 1980).

Modelo de Ramificação Binária – a sílaba é subdividida em onset e núcleo (McCarthy, 1979).

Modelo de Ramificação Ternária – o onset, núcleo e coda são os constituintes silábicos.

Modelo de Ramificação Binária com Rima – A sílaba se divide em onset e rima e esta em núcleo e coda (Selkirk, 1982).

Há uma grande diversidade de posições dos autores sobre a adoção ou não de subdivisões na estrutura da sílaba, mas como este trabalho centra-se em modelos de estrutura plana cabe lembrar as principais propostas desses modelos: Clements & Keyser (1983) e Itô (1986).

Na proposta de Clements & Keyser (op. cit.), os autores colocam que uma teoria universal da sílaba tem três grandes tarefas:

- especificar expressões de boa-formação da sílaba;
- especificar parâmetros ao longo dos quais as línguas variam ao escolher tipos silábicos;
- caracterizar as regras particulares de cada língua, que permitem modificar ou entender as regras de silabação e colocar como essas regras estão integradas no componente fonológico.

Para estes autores, a relação entre os segmentos e a sílaba precisa ser mediada por camadas (*tier*) CV. Portanto, a proposta é de três camadas: o segmento, o nível CV, e o nível da sílaba representado pelo nóculo \ddot{a} . Para Silva (1999), este modelo propõe discutir a relação entre processos fonológicos e a estrutura silábica, buscando definir um modelo para os inventários silábicos das línguas naturais.

Clements & Keyser (1983) afirmam que, no nível da representação lexical, as palavras são armazenadas silabadas. Assim, a estrutura silábica é assinalada num nível único, unicamente especificado para todas as línguas. Acreditam que uma teoria desse tipo é mais simples, pois leva a crer que as estruturas silábicas de superfície são encontradas na subjacência.

Na figura 2, ilustramos uma representação para a palavra 'calçamento (carçamento)', dado de nossa pesquisa:

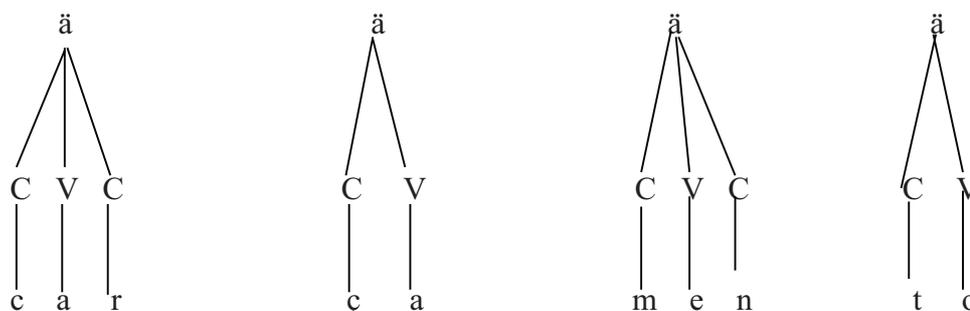


Figura 2- Representação silábica do alvo 'carçamento'

Considerando-se as possibilidades silábicas do PB, assume-se que sílabas do tipo CVC e CV são bem formadas para o português.

Clements & Keyser (op. cit.) consideram, ainda, a seguinte seqüência em ordem crescente de complexidade dos tipos silábicos, para as línguas:

- a. CV b. V c. CVC d. VC

Afirmam que a língua que tiver a seqüência \underline{d} , que é a mais marcada, apresentará as seqüências anteriores. Já a seqüência CV está presente na gramática de todas as línguas.

Duas regras atingindo a sílaba CV derivariam as outras estruturas:

Delete C do início da sílaba: C - V V

Insira C no final de sílaba: CV + C CVC

A partir do uso diferenciado dessas regras as línguas possuiriam a seguinte tipologia:

Tipo 1: CV

Tipo 2: CV, V (regra a. presente)

Tipo 3: CV, CVC (regra b. presente)

Tipo 4: CV, V, CVC, VC (regras a. e b. presentes)

As línguas permitem, ainda, a duplicação ou triplicação de C no *onset* (ou ataque). Os autores exemplificam com o inglês que teria o molde: CVC2, no qual são permitidos os encontros consonantais de três elementos e as codas com dois elementos. Clements & Hume (1995) postulam que cada língua terá sua fórmula ou molde dado através de condições positivas e negativas. As positivas dizem o que é admissível em termos de segmentos na sílaba e as negativas o que é proibido.

Por outro lado, as associações entre a camada CV e os elementos segmentais são, em parte, determinadas por princípios universais. Um desses princípios é o da Maximização do *Onset* (*Onset First Principle*) que diz que consoantes no início de sílaba são maximizadas na escansão silábica atendendo às condições de boa formação da estrutura da língua em questão. As consoantes em final de sílaba não têm prioridade sobre o *onset* na escansão. Coloca os seguintes passos na silabação:

1-Elementos – V são pré-ligados a T (sílaba)

2-Elementos – C à esquerda de V são ligados um a um (direção direita para esquerda) obedecendo às condições de boa formação da língua.

3- Elementos – C à direita de V são ligados.

Por esses passos a sílaba “plan” do português seria silabada assim:

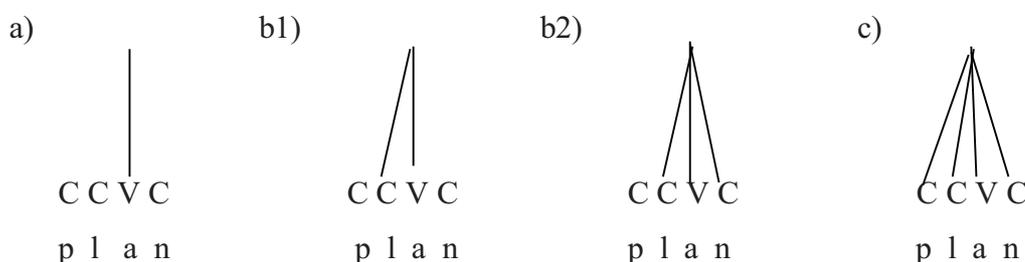


Figura 3 - Representação silábica do alvo ‘plan’ por Ramos, 1996

Itô (1986) faz outra proposta para o mapeamento silábico exposto nas representações de (a) a (c). Através do Princípio da Direcionalidade, o mapeamento

silábico dependerá da direção escolhida pela língua. Pode ser da direita para a esquerda, com maximização do *onset*, e da esquerda para a direita, com maximização da coda. No português, a direção parece ser da direita para a esquerda e o resultado de mapeamento também ligaria a líquida antes da plosiva.

Outro princípio abordado por Itô (op. cit.) é o Princípio da Localidade, que diz que a boa formação de uma estrutura prosódica é observada localmente. Esse princípio atua no *tier* melódico, no qual a escala de soância influencia na formação das sílabas. Essa escala tem valores universais e língu-específicos. Na maioria dos casos, as especificações particulares nas línguas consistem, no mínimo, de dissimilaridade em relação a segmentos tautossilábicos (grupos de consoantes que ocorrem na mesma sílaba “trote”, Silva, 1999).

Para Itô (op. cit.) essa limitação de melodia adjacente é consequência do Princípio de localidade, que se relaciona ao Princípio do Contorno Obrigatório (OCP), um dos princípios mais importantes para a análise fonológica, segundo Silva (1999). Tal princípio postula que seqüências adjacentes de unidades idênticas são proibidas nas representações fonológicas, isto é, não é permitida uma seqüência de autosegmentos idênticos.

Relembra Goldsmith (1990), ao especificar a atuação da soância na sílaba pelos seguintes postulados:

- o material segmental no *onset* da sílaba pode ser arranjado numa ordem linear de crescimento de soância, do início para o núcleo da sílaba;
- na rima, ele deve ser organizado em decréscimo de soância, do núcleo vocálico ao segmento final.

Itô (1986) coloca a escala de soância refletindo o grau de abertura do aparato vocal durante a produção. Estabelece tal escala em ordem decrescente como: vogais, glides, líquidas, nasais, obstruintes (fricativas, africadas e plosivas).

O Princípio de Licenciamento Prosódico, que diz que todas as unidades fonológicas devem ser prosodicamente licenciadas a partir da estrutura prosódica superior, é outro princípio colocado por Itô (op. cit.). Aparentemente, existiriam exceções na teoria da extraprosodicidade como outro mecanismo de licenciamento. Itô (op. cit.) afirma que uma cadeia fonológica é exaustivamente silabificada e que o material não licenciado (elemento extraviado) é apagado nesse processo. Portanto, tal princípio é, independentemente, motivado e engatilha o mapeamento silábico no léxico e pós-léxico.

Admite, ainda, a Condição Universal de Centro Silábico, que diz que a seqüência CV é tomada como tautossilábica e cada língua tem condições de boa formação específicas que, tipicamente, trazem restrições à posição de coda.

Clements (1990) retoma a discussão silábica com o Ciclo de Soância, afirmando que há uma clara preferência interlingüística por determinados tipos de sílabas. Uma das explicações para essa preferência é o Princípio de Seqüência de Soância, que demonstra que a *soância aumenta da margem para o pico e decresce do centro para a outra margem*. O autor dá uma nova versão ao princípio do Ciclo de Soância: o crescimento inicial de *onset* (ataque) para pico é abrupto, e o decréscimo do pico para a outra margem é lento. Clements (op. cit.) coloca que essa lei se manifesta de modo especial na fonologia lexical, na qual há uma uniformidade segmental e seqüencial. Ele discute a base fonética da soância e conclui que é um construto fonológico justificado em termos de sua habilidade de captar generalizações interlingüísticas envolvendo padrões fonemáticos. Destaca, por outro lado, a importância do traço [aproximante] como traço de classe maior, definindo como aproximantes os sons produzidos com constrição do trato vocal suficiente para que o ar saia turbulento apenas se for surdo. Essa definição difere da de Ladefoged (1982), pois lá as aproximantes são definidas como sons nos quais os articuladores se aproximam fazendo turbulência. As plosivas e aproximantes são mutuamente exclusivas na visão de Clements (1990). Ele ressalta, no entanto, que o fonema /l/ é uma exceção, pois apresenta o traço [-contínuo] e [+ aproximante] simultaneamente, sendo uma aproximante e plosiva ao mesmo tempo.

Clements (op. cit.) apresenta dois princípios como fundamentais na explicitação do Ciclo de Soância: *Core Syllabification Principle (CSP)* e o *Princípio de Dispersão*. No primeiro determina três regras:

- 1- associe cada grau quatro de soância ao nó silábico de pico;
- 2- se P (um segmento não silabado) seguido de Q (segmento silabado), ligue P à sílaba contendo Q se P tem soância menor do que Q (interativa);
- 3- dado Q (segmento silabado) seguido de R (segmento não silabado), ligue R à sílaba contendo Q se R é menor em soância do que Q (interativa).

O ciclo de soância faz 2 preceder 3. Assim, a silabação não é mais dada por regras fixas, como no trabalho de Clements & Keyser (1983), mas obedece às características dos segmentos. Tal visão parece mais dialética do que a anterior e permite uma previsão distinta de mapeamento silábico da sílaba 'plan' apresentada anteriormente. A plosiva 'p' seria mapeada antes da líquida 'l' pela soância.

A atribuição dos referidos graus de soância depende da seguinte proposta:

O	N	L	G	V	
-	-	-	-	+	silábico
-	-	-	+	+	vocóide
-	-	+	+	+	aproximante
-	+	+	+	+	soante
0	1	2	3	4	

(O = obstrintes, N = nasais, L = líquidas, G = glides, V = vogais).

Figura 4 - Graus de soância pelas classes segmentais

O Princípio da Dispersão afirma que a soância da primeira parte da sílaba, primeira hemissílaba, é diferente da segunda parte, segunda hemissílaba. A primeira hemissílaba minimiza a dispersão e a segunda maximiza-a. A distância mínima de soância entre os segmentos em cada hemissílaba apresenta tendências universais, mas há especificações particulares a cada língua.

As sílabas marcadas são as que violam o CSP (*Core Syllabification Principle*). Afirma que, se uma língua apresenta a estrutura de complexidade n, possui a de complexidade n-1. Apresenta uma série de tipos silábicos e suas implicações. Por exemplo, se uma língua possuir a estrutura LOV, possui OLV. Afirma, ainda, que a alternância de contrastes em alguns encontros é favorecida. Desse modo, os encontros consonantais presentes no português são dos menos marcados e, de modo especial, os de obstruente com a líquida [r] ou fricativa com a líquida [l], pois alternam em relação ao traço [contínuo].

Em relação à escala de soância, observa-se que Clements (1990) não diferencia líquidas laterais das róticas, pois não considera isso necessário para captar universais silábicos. Bonet & Mascaró (1996), na sua tentativa de explicar assimetrias dentro do grupo dos róticos, colocam o *trill* em posição distinta na escala de soância, atribuindo-lhe o traço [+contínuo]:

0	1	2	3	4	5
plosivas-	trill-	fricativas-	nasais-	laterais –	flap – glide- vogais

Figura 5 - Representação da soância das classes por Bonet & Mascaró (1996)

Os autores justificam tal posição do *trill* pelo fato de poder ocorrer no início de sílaba, início de palavra como as plosivas e, portanto, deve estar mais próximo das plosivas do que o *flap* ou *tap*. Elas hipotetizam um traço [á] abstrato para diferenciar o *trill* do *flap*. O *flap* seria [+ á] e o *trill* [-á]. O *flap* seria o valor marcado dessa propriedade, cuja

especificação se dá na subjacência, e o *trill* o valor não-marcado atribuído na derivação. Observam ainda, que no onset complexo ocorre o valor marcado.

Matzenauer-Hernandorena e Lamprecht (1997) também propõem uma escala de soância em que estão discriminadas as líquidas do português:

Tabela 1 - Escala de soantidade com discriminação das líquidas do Português

Tipo de segmento	Soantidade
Plosivas	0
Fricativas e R	1
Nasais	2
l	3
Ë	4
r	6
Vogal	7

Fonte: Matzenauer- Hernandorena e Lamprecht (1997)

Matzenauer-Hernandorena e Lamprecht (op. cit.) afirmam que, por /R/ e /l/ terem o menor grau de soantidade, explicaria o motivo pelo qual elas são as mais preferidas, dentre as líquidas, em *onsets*, pois provocam crescimento abrupto da soância no *onset*. Essa explicação justificaria serem o /R/ e o /l/ as líquidas que podem constituir *onset* de sílaba. Segundo pesquisas na área de aquisição da fonologia, é o segmento /l/ a primeira líquida a ser dominada pela criança.

Lindau (1985) realizou um interessante trabalho de comparação fonética dos róticos. Afirma que as interligações fonéticas são diferenciadas e complexas, criando uma rede, na qual cada um dos membros é semelhante a outro membro, mas não há uma propriedade comum a todos eles. A autora observa que os róticos ocupam o mesmo ponto nos sistemas consonantais e silábicos. Se estiverem nos encontros consonantais, estão perto do núcleo. Os erres pós-vocálicos tendem a se transformar em vogais ou desaparecer, como no inglês da Inglaterra. As vogais que os precedem tendem a alongar, e as baixas aparecem próximas a eles, antes e depois. Conclui que a relação entre os róticos é muito mais fonológica do que fonética.

Observe-se que a coda é apontada como a posição mais suscetível de mudança fonológica, considerando as observações de Lindau (op. cit.).

Especificamente em relação à coda, Goldsmith (1990) apresenta tipos possíveis que podem explicitar algumas variações dialetais na coda de uma mesma língua. Os tipos são:

- a) CVi (Vi) – a coda pode ser ocupada por ditongos ou vogal contrastiva em duração;
- b) CVX [X, sem ponto de articulação] – nasal ou obstruinte se for homorgânica com a consoante seguinte;
- c) CVX [X, soante] – glides e líquidas semelhantes a b.
- d) CVX – coda com qualquer segmento que o *onset* possui.

Apresenta, portanto, dois grandes tipos de restrições na coda. O primeiro é o tipo de segmento que pode ocorrer (preferencialmente soantes) e o segundo é a tendência a não apresentar ponto de articulação na coda, restringindo o contraste de ponto ao *onset*. Algumas línguas, como o inglês, permitem um segundo contraste de ponto, no *onset* e na coda, mas são poucas. Há uma tendência forte de o ponto articulatorio da coda quando escolhido, ser o alveolar, ou seja, o coronal, pois é o ponto *default* predileto pelas línguas.

Em geral, considerando a forte tendência da coda em não receber o contraste de ponto, será dotada de segmentos que não são contrastivamente definidos pelo ponto – vogal, líquida e glide – ou adotará o ponto do próximo *onset*.

Goldsmith (1990) ressalta, ainda, as conseqüências positivas de colocar a sílaba como parte da representação fonológica: a eliminação do traço [silábico] e o tratamento do contraste entre vogais e glides, sendo que as primeiras se associam ao núcleo e as segundas à coda.

Considerando tais pressupostos e a descrição da sílaba em português, a seguir fornecida, foi possível pensar a análise deste trabalho.

2.1.2 Descrição da Estrutura Silábica do Português

Câmara Jr. (1997, 2000), em seus trabalhos descreve a estrutura da sílaba em língua portuguesa. O autor diz que, quando a sílaba é completa, ela conta com um aclave (*onset*), um ápice (*pico*) e um declive (*coda*). No ápice, geralmente, encontra-se a vogal. Considera três tipos básicos de sílaba: V (sílaba simples), CV (sílaba complexa, mas aberta, porque termina no silábico – vogal) e CVC (sílaba completa e fechada). Afirma que o português se caracteriza por uma grande predominância de sílabas simples ou abertas onde podem aparecer todas as consoantes do português no aclave de uma sílaba. Já as fechadas apresentam uma restrição maior. Chega à conclusão de que há quatro tipos de

sílabas fechadas ou travadas no PB: v /z/, v /r/, v /l/ e v /w,y/. Poder-se-ia acrescentar um quinto tipo com a interpretação da vogal nasal como v /n/ na subjacência. Haveria uma subespecificação de ponto articulatorio dessa consoante nasal cuja realidade consonântica travando a sílaba é percebida mesmo diante de pausa, e apenas a seqüência em final tônico sofre ditongação [bey]. Além disso, a nasalidade pura da vogal não existe no PB porque não se cria contraste entre ela e a vogal com travamento nasal, e a escolha do ‘r’ forte ocorre após travamento nasal como depois de outras sílabas fechadas como em ‘Israel’.

Ele considera que o /z/ é o arquifonema sibilante, porque aparece no grupo de força como em ‘pazarmada’. Ressalta, também, a semivocalização de /l/ para /w/ em alguns dialetos.

Em relação ao aclave (*onset*), Câmara Jr. (op. cit.) diz que apresenta a possibilidade de duas consoantes que em geral são /l/ ou /r/. A vogal /u/ também pode ficar assilábica nessa posição (semivocalizada) ao seguir /k/ e /g/ e contrasta /kwayz/ ‘quais’ com /kuays/ ‘coais’. Diz, ainda, que, na língua escrita, podem surgir encontros entre obstruintes ‘psicologia’ ou obstruinte e nasal ‘pneumático’ que, na língua oral, são desfeitos por uma vogal epentética. A descrição apresentada nesses trabalhos tem sido muito questionada em muitos pontos. Com as propostas não-lineares outras formas de explanação da sílaba do PB têm surgido.

Bisol (1989), em análise do ditongo, apresenta uma série de proposições sobre a sílaba do PB. Como sílaba mais complexa do PB apresenta o CCVVC, com o –s plural associado ao *tier* prosódico e a nasal final como um autossegmento não associado ao *tier* em que se agrupam os primeiros constituintes. A representação da vogal nasal na subjacência é VC possuindo duas posições no *tier* prosódico. Ela sofre uma regra de desligamento de N que opera no nível 2 do léxico antes da adjunção da marca de classe e torna-se um autossegmento flutuante. Quicoli (1990) adota a mesma representação subjacente, embora ofereça um aparato linear de análise. Já Weltzels (1988) diz que, independentemente de se tomar uma decisão sobre haver ou não essa consoante na subjacência, existe, com certeza, uma seqüência bimórica na subjacência na qual o segundo elemento é especificado para modo, mas não para ponto articulatorio. Seu ponto torna-se homorgânico à consoante seguinte criando problemas de violação do OCP. Weltzels (op. cit.) propõe, como solução para esse problema, a fusão dos *tiers* de cavidade oral entre a nasal e a consoante seguinte, criando uma estrutura duplamente ligada. Outra forma de reparo seria a nasal ser apagada, deixando o traço na vogal.

Especificamente em relação aos ditongos, Bisol (1989) considera a existência de dois tipos. O verdadeiro, ou pesado, com duas posições no *tier* prosódico, como ‘céu’, ‘pauta’, e o leve, associado a uma posição suscetível a variação dialetal, como em ‘peixe’ [pey i] ~ [pe i]. O verdadeiro ditongo forma pares mínimos com a vogal, o leve não. A explicação que a autora oferece é de que o ditongo leve surge por assimilação. Sobre o ditongo crescente, ela propõe que seja constituído de rimas de duas sílabas distintas, já que há variação como ‘quiabo’ [kiabu] ~ [kyabu]. Apenas um pequeno grupo de palavras apresenta o que poderia ser um ditongo crescente: ‘qual’, ‘quando’, ‘quase’. Observa que uma parte desse grupo já está em variação [kwatorzi] ~ [katorzi], e propõe que não sejam verdadeiros ditongos, mas uma consoante complexa, na qual o [k] possui a articulação secundária [w]. Assim, ditongos crescentes, excluindo esse grupo, são estruturas derivadas.

Couto (1994) adota uma análise de ambissilabidade para ditongos crescentes, como os da palavra ‘ceia’, que será desfeita na silabação. Se a segunda sílaba for átona, a semivogal fica silabada na primeira sílaba; se for tônica, na segunda. O autor faz proposição interessante sobre palavras como ‘senha’ em cuja superfície poderia ocorrer um ‘y’ nasalizado e ambissilábico, derivado da palatal subjacente. Isso explicaria algumas variações dialetais também em relação a outras palatais como ocorre na palavra ‘velha’ cuja produção pode variar: [ve ^Λ a] ~ [veya].

Realizando um estudo sobre epêntese, Collischonn (1996) apresenta algumas propostas sobre a sílaba baseando-se na teoria de Itô (1986). Demonstra que a epêntese surge para evitar estruturas ausentes no *onset* para esquerda (conforme outras línguas indo-européias). O molde em que se baseia para dizer quais estruturas são permitidas no PB é CCVCC, porque trata glides e soantes em distribuição complementar e, excetuando as nasais, praticamente inexistem ditongo + soante. Ela ressalta que a epêntese funciona normalmente à esquerda de /s/, ocorrendo à direita para as demais consoantes. É uma regra lexical, pois não é evitada pela ressilabação em fronteira de palavra.

Esmiuçando um pouco mais alguns aspectos da ocorrência segmental na sílaba do PB, cabe citar os trabalhos de Quednau (1994) e Monaretto (1994) que serão abordados na próxima seção, após a teoria autosegmental, quando analisamos as representações do sistema de líquidas do português brasileiro.

2.1.3 A Geometria de Traços

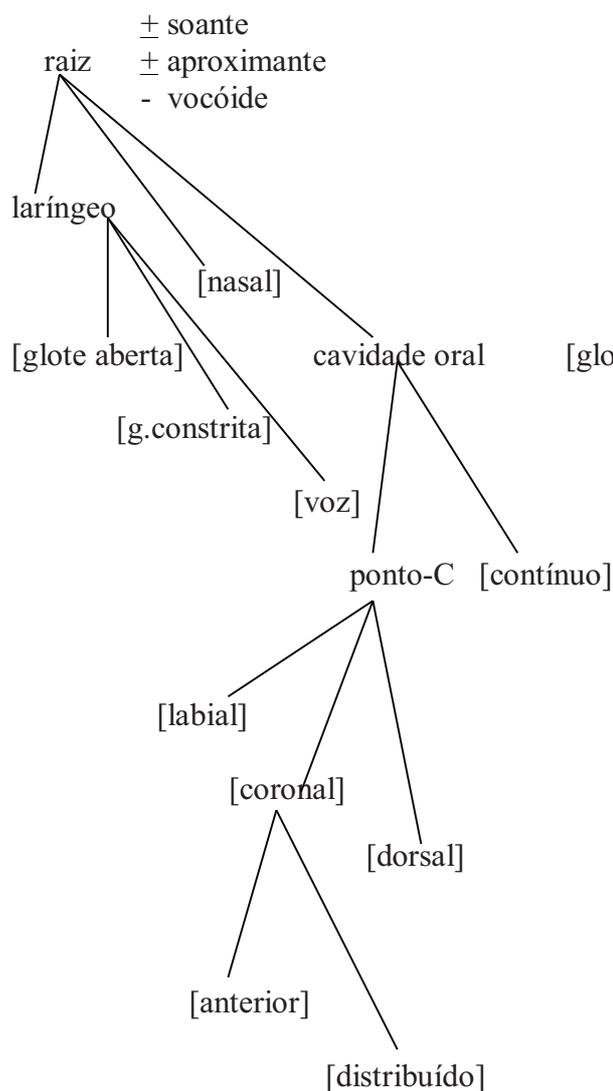
Dentro da perspectiva não-linear dos segmentos, destaca-se o modelo da geometria de traços de Clements & Hume (1995). Nesse modelo, houve uma organização distinta dos traços na composição dos segmentos. Os sons da fala são tratados como complexos de traços que constituem uma hierarquia, e o fonema e a matriz de traços não apresentam uma relação bijetiva como propunham Chomsky & Halle (1968).

Na teoria autosegmental, os autores, propõem uma geometria de traços que permite uma representação natural de segmentos e dos processos fonológicos que os envolvem. Cada segmento representa uma unidade abstrata no tempo à qual está ligado o nó de raiz, porção hierárquica mais alta, que domina nós de classe e esses dominam os traços fonológicos, que são elementos terminais. Os nós de classe são unidades naturais dos segmentos e, portanto, de descrição fonológica.

O motivo da escolha dos traços como unidades de representação é que os mesmos podem ter uma realidade psicológica ligada a capacidades físicas e cognitivas humanas. Fica claro, portanto, que o modelo hierárquico de traços tem como base o papel importante que os articuladores exercem na organização de segmentos. A constrição vocal analisada quanto ao ponto (*place*) e grau é fator relevante na construção de tal hierarquia, pois reflete melhor as possíveis relações entre vogais e consoantes, a estrutura interna das vogais e as articulações maiores e menores (segmentos simples, complexos e de contorno). Assim, explicita-se o fato de as relações não-lineares não se limitarem ao âmbito suprasegmental, pois existem processos no nível do segmento (Clements e Hume, 1995).

Matzenauer-Hernandorena (1999, p. 64-65) define alguns dos princípios básicos da teoria autosegmental que impõem limites à aplicação de regras. O primeiro princípio é o do não cruzamento de linhas de associação que funciona como uma Condição de Boa-Formação. O segundo princípio é o do Contorno Obrigatório que proíbe elementos adjacentes idênticos ou nós adjacentes em uma dada camada. O terceiro princípio é o da Restrição de ligação, esse princípio prediz que toda regra se aplicará somente a configurações que contenham o número de linhas de associação que sua descrição estrutural específica possui. Apresentamos a seguir a representação arbórea de Clements e Hume (1995):

a) consoantes:



b) vocóides

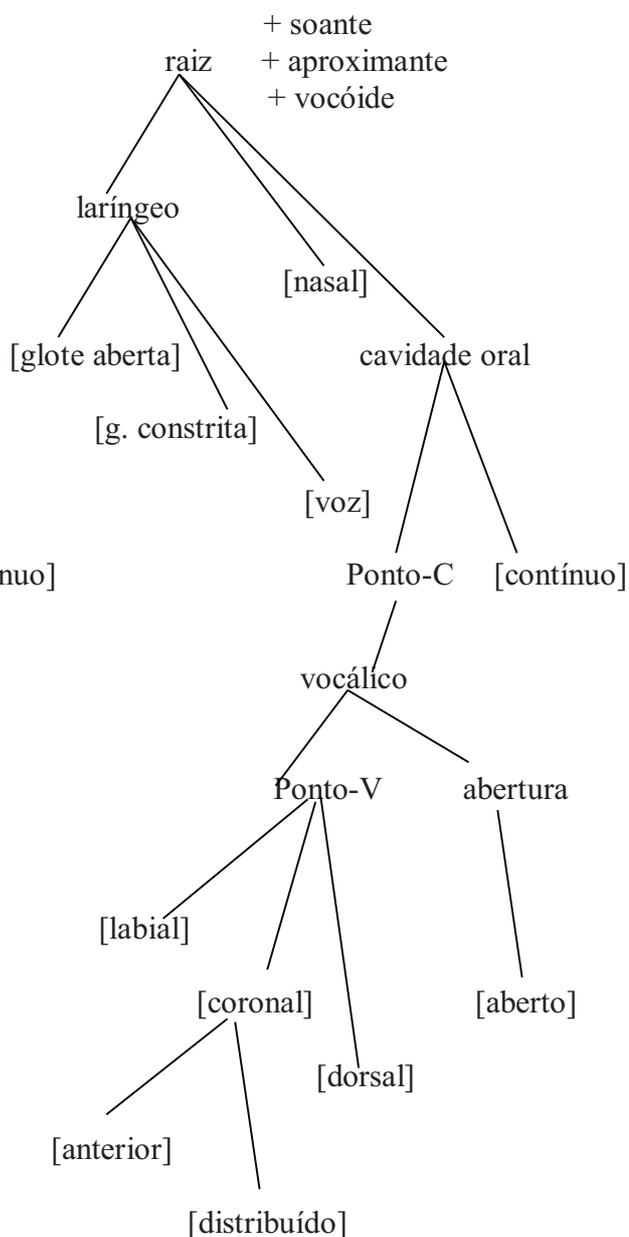


Figura 6 - Geometria de traços de Clements & Hume (1995, p. 292)

De acordo com Ramos (1996), com a representação hierárquica proposta parece ficar mais explícita a relação do mapeamento silábico com as características internas do segmento, a partir do valor de soância que se pode propor pela definição de traços do segmento, sobretudo o traço [soante] e sua relação com a escala de soância de Clements (1990).

A partir da representação básica, vários autores propõem representações das consoantes líquidas no português brasileiro, que agora sintetizamos, pois serviram de base

para nosso raciocínio fonológico sobre a relação entre o segmento e a posição por ele ocupada na sílaba.

Escolhemos representações já afinadas com as propostas de explicação variacionista. Começamos pela representação da líquida palatal e seu desdobramento na relação com a líquida alveolar [l] e a glide [y] (Matzneauer-Hernandorena, 1997a). A mesma autora (Matzenauer-Hernandorena, 1997 b) afirma que a tendência a evitar a palatal antes da vogal alta [i] é m efeito do OCP, o que a teoria prevê como uma “resposta elegante” (p.697) aos processos de dissimilações (vide figura 7).

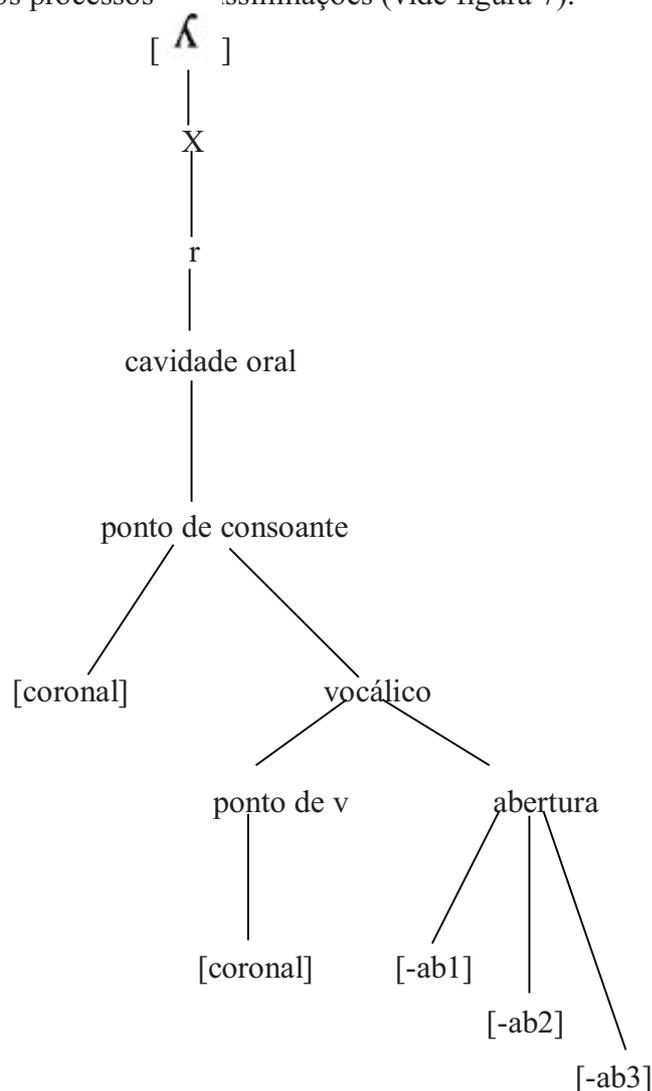


Figura 7 - Representação arbórea do fonema [ʎ] segundo Matzenauer-Hernandorena (1997)

Borges (1997) afirma haver evidências diacrônicas para caracterização do /ʎ/ como consoante complexa, afirmando que palavras como 'ervilha' e 'maravilha' teriam

sofrido um processo de palatalização do /l/ antes da vogal alta /i/. Portanto, o autor afirma ter existido, no passado, um processo na direção *contrária* ao que observamos hoje em Segredo: o possível desmembramento da consoante / λ / em um nó consonantal e outro vocálico o que originará, num processo de fissão (CALABRESE, 1995) entre a consoante /l/ e a semivogal [y], produções [l] e [y] relatadas em estudos variacionistas para o PB. Borges (op.cit.) também afirma a existência de um desligamento natural do nó de pontos de C como explicação do processo de semivocalização (vide figuras 8 e 9).

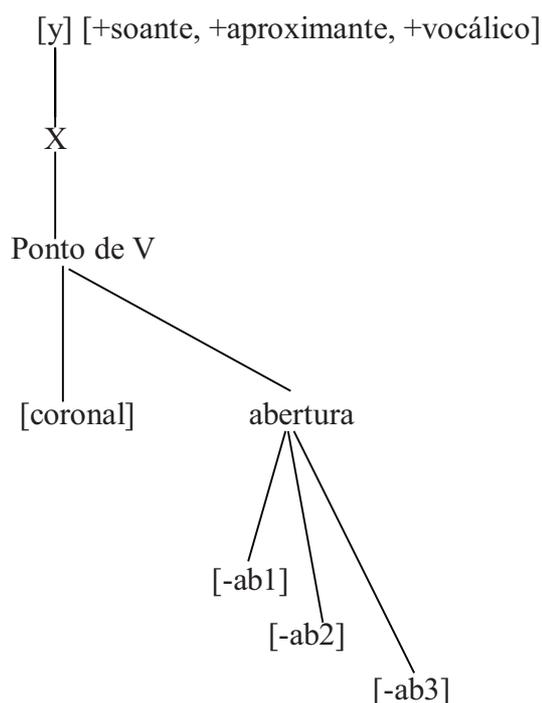


Figura 8 – Representação arbórea do fonema [y]

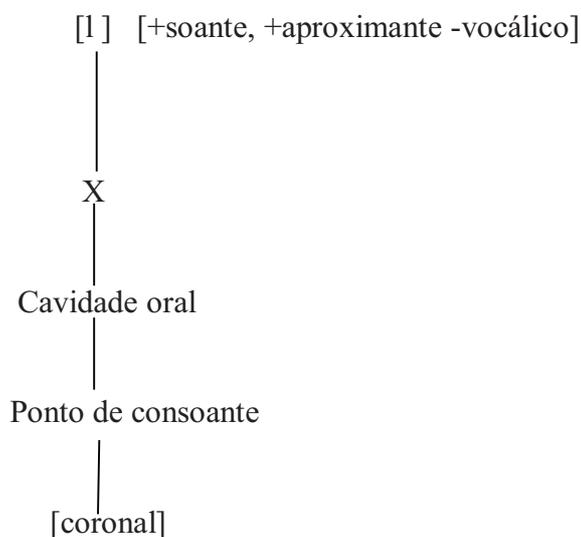


Figura 9 – Representação arbórea do fonema [l]

Em relação ao /l/ alveolar e velarizado, Callou, Moraes e Leite (1996) propõe que dentro do modelo autossegmental, a formalização do processo torna-se natural e as etapas da mudança podem ser recuperadas. Segundo a geometria de traços de Clements e Hume (1995), o /l/ alveolar possui apenas um nódulo de ponto de articulação, enquanto o [ɫ] velarizado possui um nódulo consonântico e um vocálico, conforme representação abaixo descrita (Quednau, 1993).

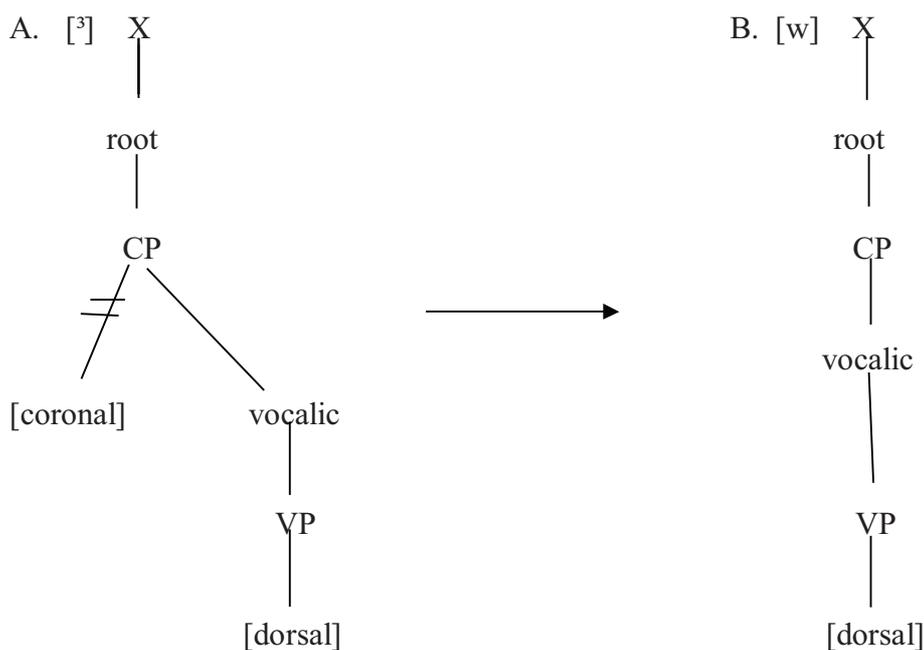


Figura 10 – Representação da regra de semivocalização de /l/ por Quednau (1993)

As etapas da mudança de /l/ alveolar para velar, segundo a geometria dos traços, pela inserção, no nódulo do ponto de articulação da consoante coronal, de um nó vocálico, com ponto de articulação dorsal, o que corresponde à representação da lateral velarizada. Em seguida, dar-se-á o cancelamento do nó consonantal, levando ao glide posterior arredondado [w]. Assim, a vocalização pressuporia um estágio anterior velarizado – assimilado no latim – estágio esse ainda operante em alguns dialetos do português do Brasil, por exemplo, Porto Alegre. A passagem de [l] para [w] seria uma regra muito simples, portanto, consistindo na perda apenas de um traço, o coronal, que caracteriza o [ɫ] velarizado como consoante. (Callou, 1998, p. 798- 802).

Outras representações importantes para este trabalho são as das líquidas para as quais propomos geometrias conforme as figuras 11, 12, 13.

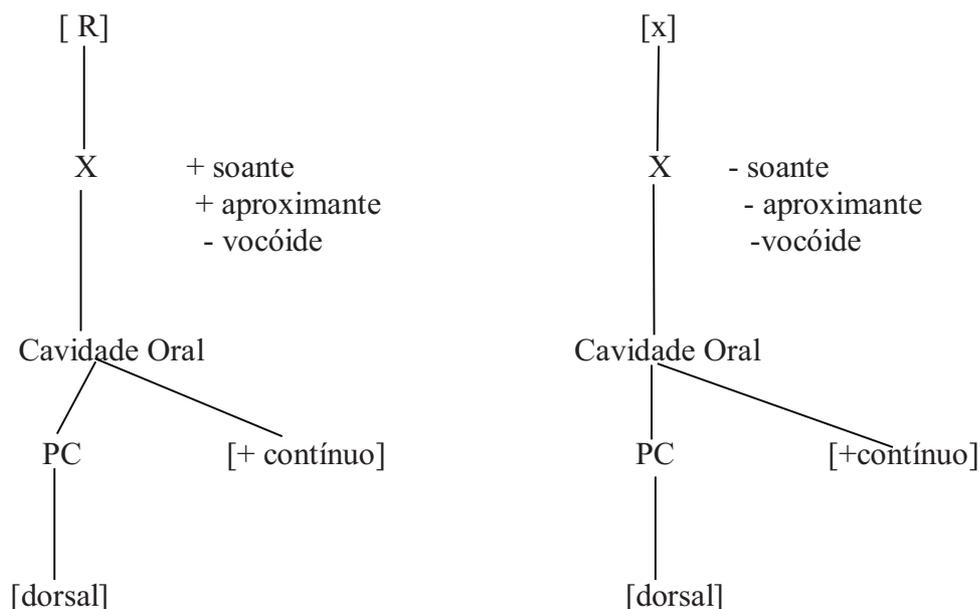


Figura 11 – Representações do 'r' forte como líquida e como fricativa

Na próxima figura, representamos a vibrante fricativa alveolar, a partir do que explicita Pimentel (2003) sobre a mesma. A autora afirma algumas características acústicas desta consoante tais como a ausência de harmônicos organizados, característico de ruído, incremento de energia em faixa de frequência acima de 2000Hz e duração longa do segmento.

A primeira e as últimas características o distinguem do *tap* e o assemelham às fricativas. A frequência o distingue da fricativa velar, na qual a constrição ocorre na região posterior (Behlau e Russo, 1993), conforme representamos em (12)

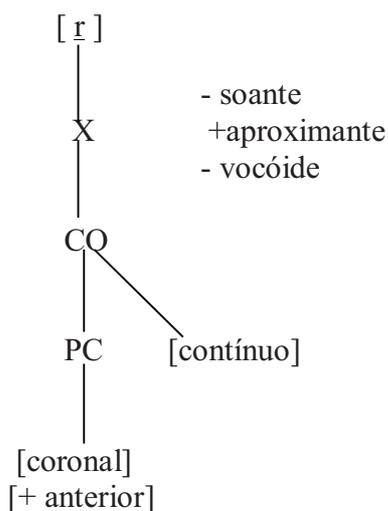


Figura 12- Representação geométrica da vibrante fricativa alveolar

Por esta representação, criamos uma distinção do *tap* e do /s/ pela combinação entre [-soante] e [+aproximante], embora não seja uma combinação não natural porque cria uma

classe não natural do PB. No entanto, pareceu-nos a única forma de identificar a ambigüidade fonológica deste segmento que pode atuar como fricativa ou líquida. Em Segredo, veremos que ocupa uma realização do 'r' forte.

Em relação ao 'r' fraco observamos as realizações de Segredo na figura 13.

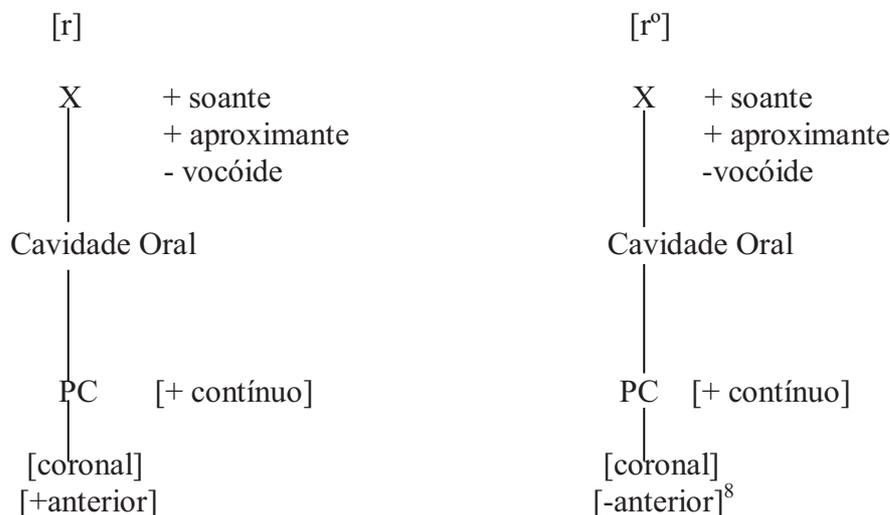


Figura 13- Representações do 'r' fraco como *tap* e como retroflexa

Pelas representações em 13 podemos inferir a distinção da retroflexa em relação ao *tap* pelo ponto articulatório manifesto no traço [-anterior]. Isso possibilita uma distinção utilizável fonologicamente na distinção entre coda medial com /l/ e /r/, já a retroflexa é mais realizada no lugar da líquida lateral.

2.2 Descrição Fonológica das Líquidas na Variante Falada em Segredo

2.2.1 Aspectos Metodológicos da Análise

Como foi dito no capítulo anterior (seção 1.2) coletamos e transcrevemos foneticamente os dados. A seguir realizamos a análise contrastiva da fala de cada sujeito, tomando como foco as consoantes líquidas laterais e não-laterais. Para analisar os dados, fizemos uma contagem geral das ocorrências através de todos 30 sujeitos entrevistados em Segredo, apenas um sub grupo de 10 sujeitos foi analisado em termos de variação da coda. Montamos, então, quadros que procuram descrever as ocorrências gerais de todos os sujeitos (2 a 7) e os dados por sujeito (8 a 12). A partir das freqüências encontradas

⁸ Chomsky e Halle (1968) propõem o traço [± distribuído] para diferenciar alveolar de retroflexa. Diferenciamos ambas consoantes entre si e do 'r' forte pelos traços [± anterior] e [dorsal].

buscamos discutir, com base na teoria anteriormente exposta, os aspectos mais variáveis nas líquidas em Segredo. Lançamos hipóteses explanatórias com base em uma visão interativa entre sílaba e segmento, na seção 2.3.

2.2.2 Resultados da análise das ocorrências de líquidas em Segredo

Nos quadros 2 e 3, descrevemos as produções para a líquida lateral alveolar.

<i>Onset</i>	Inicial	%	Medial	%
Simples	/l/ 597	100	/l/ → [l] 1039	99,6
	‘levantá’		apagamento- 1	0,1
	‘alimento’		difícil → ‘difíci’	
			/l/ → [r] 3 pelo → ‘pero’	0,3
Total OS	597	100	1043	100
Complexo	C + /l/= 27	61,4	C + /l/= 27	65,8
	C + /r/= 17	38,6	C + /r/= 14	34,2
	‘prantei’		‘bicicreta’	
Total OC	44	100	41	100

Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 2- Realizações do /l/ em *onset*

Pelo quadro anterior, podemos observar que praticamente a variação em *onset* simples é ausente. Já no *onset* complexo a variação ocorre em direção da estabilização da produção com a líquida lateral (aproximadamente 60% dos casos). A situação é distinta, no entanto, na posição de coda, na qual há maior variação na realização da líquida lateral, conforme vemos no quadro 3.

Coda	medial	%	final	%
[ʒ]	41	39,8	75	61
[r ^o]	46	44,7	1	0,8
[w]	16	15,5	32	26
[Ø]	0	0,0	15	12,2
Total	103	100	123	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 3- Realizações do /l/ em coda

Cabe ressaltar que o apagamento do /l/ em coda final ocorreu exclusivamente para as palavras “difícil” e “fácil”, enunciadas como “difíci” e “faci”.

Em coda medial, as realizações oscilam entre a semivogal e a líquida lateral velarizada e a líquida alveolar retroflexa, nesta ordem crescente. É importante assinalar que as realizações como semivogal estão sempre presentes em sujeitos com menos de 33 anos, conforme se verá nos dados por sujeito, enquanto as outras duas estão presentes em faixas etárias superiores.

Já a líquida não-lateral alveolar, sofre menor variação, conforme veremos no quadro 4.

Estrutura silábica	realizações	%
<i>Onset</i> simples medial Ligeiro → ‘ligeru’	1594/1822	87,4
<i>Onset</i> complexo inicial grito → ‘gritu’ pra → ‘pa’	846/891 45/891	95 5
<i>Onset</i> complexo medial entrevistado → ‘intrevistadu’ Atrasado → ‘atasado’	308/315 9/315	97,7 2,8

Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 4- Realizações de /r/ em *onset*

O apagamento do /r/ foi praticamente exclusivo ao item lexical “pra” realizado como [pa] em algumas ocasiões, na posição de *onset* complexo. A posição de *onset* simples medial não foi alvo de variação entre os sujeitos.

Na coda ocorreu, por outro lado, uma variação entre a líquida alveolar simples (*tap*) e a líquida alveolar não-lateral retroflexa. Perceba-se que esta realização também ocorreu para o /l/ em coda, sobretudo em coda medial. O apagamento nesta posição esteve praticamente restrito à palavra “porque” enunciada em muitos momentos como [puke~puki].

Coda	medial	%	final	%
[r]	453	81,2	129	89
[r°]	77	13,8	7	4,8
[Ø]	28	5	9	6,2
total	558	100	145	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 5- Realizações de /r/ em coda

Comparando percentualmente as produções da retroflexa na coda com /l/ (44,7%) e com /r/ (13,8%), podemos observar que tal produção parece estar mais reservada à coda com /l/.

No quadro 6 apresentamos as realizações para o 'r' forte em *onset* inicial e medial.

Realizações	<i>Onset</i> inicial	%	<i>Onset</i> medial	%
[r]	63	56,2	119	75,8
[x]	49	43,8	38	24,2
Total	112	100	157	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 6- Realizações de /R/ em *onset* inicial e medial

Notemos que há uma variação entre a produção de uma fricativa alveolar e a fricativa velar, demonstrando o claro enfraquecimento do erre nesta posição, embora com variantes fonéticas distintas.

Outra variação encontrada foi a produção da líquida palatal ora como uma consoante complexa [ly] ora como [y].

Realizações	Onset medial	%
[y]	110	50,7
[ly]	101	46,5
[l]	6	2,8
total	217	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 7- Realizações da líquida palatal / λ /

A seguir, apresentamos os quadros correspondentes às realizações mais variáveis por sujeito.

Sujeito	C + l			C + r		/ /	
	OI	OM	/ /	OI	OM	OI	OM
1	1/1	-	-	6/9	3/9	-	-
2	-	-	-	3/4	1/4	-	-
3	-	1/1	-	5/12	7/12	-	-
4	-	-	-	4/6	2/6	-	-
5	-	-	-	34/62	23/62	5/62	-
6	3/6	3/6	-	65/102	36/102	1/102	-
7	5/5	-	-	37/64	25/64	2/64	-
8	4/5	1/5	-	47/85	34/85	4/85	-
9	-	-	-	19/36	17/36	-	-
10	1/1	-	-	19/27	8/27	-	-
11	-	2/2	-	40/64	23/64	1/64	-
12	-	1/1	-	8/16	8/16	-	-
13	-	-	-	1/2	1/2	-	-
14	-	1/1	-	35/94	48/94	9/94	2/94
15	-	-	-	123/221	78/221	15/221	5/221
16	1/2	1/2	-	12/33	21/33	-	-
17	1/2	1/2	-	12/17	5/17	-	-
18	-	2/2	-	62/109	46/109	1/109	-
19	3/3	-	-	24/45	21/45	-	-
20	-	-	-	11/18	6/18	1/18	-
21	1/5	4/5	-	7/12	5/12	-	-
22	3/4	1/4	-	15/23	7/23	1/23	-
23	-	-	-	13/18	5/18	-	-
24	-	1/1	-	10/15	5/15	-	-
25	-	-	-	21/49	26/49	2/49	-
26	-	2/2	-	17/33	16/33	-	-
27	-	1/1	-	-	-	-	-
28	-	-	-	10/16	6/16	-	-
29	-	-	-	-	1/1	-	-
30	-	2/2	-	7/10	3/10	-	-

Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 8 – Onset complexo com /l/ por sujeito

Podemos observar que os dados que apresentam a rotacização estão mais presentes nos sujeitos acima de 50 anos, demonstrando que a variável faixa etária é fator importante no processo de variação na realização das líquidas em Segredo. Esse fato também poderá ser observado no quadro 9, que resume os dados em relação ao /l/ em coda, nos quais encontramos ampla variação.

Suj.	l Coda / ³ /		l Coda /l/		l Coda /ã /		l Coda /r ^o /		l Coda / /		l Coda /r ^o /		l Coda /W/	
	Medial	Final	Medial	Final	Medial	Final	Medial	Final	Medial	Final	Medial	Final	Medial	Final
1	-	1/1	1/1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
3	2/3	-	-	-	-	-	1/3	-	-	-	-	-	-	-
4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
5	8/9	-	-	-	1/9	1/5	-	-	-	4/5	-	-	-	-
6	8/11	11/12	-	-	-	-	2/11	-	-	1/12	1/11	-	-	-
7	1/7	2/2	-	-	-	-	-	-	-	-	6/7	-	-	-
8	2/6	9/9	-	-	-	-	1/6	-	-	-	3/6	-	-	-
9	1 /2	1 /2	-	-	-	-	-	-	-	-	1 /2	-	-	1 /2
10	1/4	2/4	-	-	-	-	3/4	-	-	2/4	-	-	-	-
11	1/9	1 /2	-	-	-	-	1/9	-	-	1 /2	7/9	-	-	-
12	-	5/6	-	-	-	-	2/4	-	-	1/6	2/4	-	-	-
13	1 /2	-	-	-	-	-	1 /2	-	-	-	-	-	-	-
14	2/9	6/9	-	-	-	-	3/9	-	-	1/9	4/9	-	-	2/9
15	2/22	19/20	-	-	-	-	10/22	-	-	1/20	10/22	-	-	-
16	-	-	-	1/1	-	-	1 /2	-	-	-	1 /2	-	-	-
17	1/1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1/1
18	2/10	9/10	-	-	-	-	2/10	-	-	-	6/10	-	-	1/10
19	2/4	4/5	-	-	-	-	-	-	-	1/5	-	-	2/4	-
20	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3/3	-	-	-
21	3/5	4/4	-	-	-	-	1/5	-	-	-	1/5	-	-	-
22	1/3	-	1/3	-	-	-	-	-	-	2/6	1/3	-	-	4/6
23	1/1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
24	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4/4	2/2
25	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1 /2	-	-	3/3	1 /2
26	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2/2	10/10
27	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
28	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2/2	4/4
29	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1/1	-
30	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2/2	4/4

Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 9 – Realizações de /l/ em coda medial e final por sujeito

As realizações do 'r' forte também foram variáveis, sendo distribuídas entre o r (fricativa alveolar) e a fricativa velar [x], demonstrando um processo de enfraquecimento

do traço soante nesta líquida, e fortalecimento do traço [+contínuo], processo predominante nos demais dialetos do país (MONARETTO, 1992,1997). Os sujeitos acima de 50 anos, novamente, são aqueles nos quais há maior variação, talvez em função de sua proximidade com imigrantes de origem alemã ou até italiana como vislumbramos no histórico da família e da região, entre os quais a realização alveolar do 'r' forte pode ser mais comum.

Sujeitos	Onset inicial		Onset medial	
	<u>r</u>	X	<u>r</u>	X
1	7/7	-	3/4	1/4
2	-	-	1/1	-
3	-	-	2/2	-
4	-	1/1	-	-
5	5/5	-	3/5	2/5
6	9/14	5/14	10/10	-
7	11/13	2/13	11/11	-
8	2/4	2/4	5/7	2/7
9	1/1	-	5/5	-
10	2/3	1/3	1/1	-
11	5/5	-	4/4	-
12	5/6	1/6	3/3	-
13	-	-	-	-
14	12/12	-	14/14	-
15	3/21	18/21	27/50	23/50
16	3/3	-	6/6	-
17	2/5	3/5	-	-
18	17/17	-	17/17	-
19	6/7	1/7	1/2	1/2
20	-	2/2	-	-
21	4/4	-	4/4	-
22	2/2	-	1/1	-
23	-	3/3	-	-
24	-	-	-	1/1
25	-	6/6	1/8	7/8
26	-	2/2	-	-
27	-	-	-	-
28	-	1/1	-	1/1
29	-	-	-	1/1
30	-	1/1	-	-

Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 10 – Realizações de /R/ em *onset* inicial e medial por sujeito

Outro rótico, no qual observamos variação é o *tap*, quase que exclusivamente na posição de coda. As realizações presentes também são mais variáveis para sujeitos com

mais de 50 anos, abrangendo o *tap*, a retroflexa e o apagamento como veremos no quadro 11.

Sujeitos			Coda medial			Coda final		
	r		r	ã°		r	ã°	
1	25/25	-	10/10	-	-	5/5	-	-
2	3/3	-	1/1	-	-	-	-	-
3	15/15	-	7/13	6/13	-	-	-	-
4	8/8	-	1/1	-	-	-	1/1	-
5	79/80	1/80	15/23	6/23	2/23	11/11	-	-
6	71/71	-	17/21	-	4/21	11/11	-	-
7	75/75	-	21/27	5/27	1/27	6/8	1/8	1/8
8	93/93	-	41/44	3/44	-	11/12	1/12	-
9	28/28	-	14/19	5/19	-	2/4	2/4	-
10	34/34	-	22/23	-	1/23	1/1	-	-
11	46/46	-	24/31	4/31	3/31	5/5	-	-
12	23/23	-	12/16	-	4/16	2/2	-	-
13	1/1	-	-	-	-	-	-	-
14	98/98	-	40/59	15/59	4/59	4/8	3/8	1/8
15	217/217	-	91/103	9/103	3/103	21/22	1/22	-
16	23/23	-	9/9	-	-	-	-	-
17	17/17	-	8/8	-	-	1/1	-	-
18	89/89	-	28/39	8/39	2/39	5/9	-	4/9
19	31/31	-	7/7	-	-	10/10	-	-
20	6/6	-	2/2	-	-	-	-	-
21	13/13	-	7/7	-	-	2/2	-	-
22	25/25	-	7/15	8/15	-	1/2	-	1/2
23	8/8	-	2/2	-	-	2/2	-	-
24	31/31	-	13/13	-	-	-	-	-
25	30/30	-	26/30	-	4/30	9/9	-	-
26	22/22	-	7/7	-	-	3/3	-	-
27	2/2	-	1/1	-	-	-	-	-
28	10/10	-	9/9	-	-	6/6	-	-
29	5/5	-	1/1	-	-	-	-	-
30	11/11	-	5/5	-	-	2/2	-	-

Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 11 – Realizações de /r/ (*tap*) em coda medial e final por sujeito

Por fim, outra grande freqüência de variação está na líquida lateral palatal, cujas realizações mais freqüentes foram a consoante complexa [ly] e a semivogal [y], conforme se pode constatar no quadro 12. Neste quadro, também fica clara a maior presença de variação nos sujeitos acima de 50 anos. Ainda, no mesmo quadro, observamos que a realização [l] é bem menos freqüente do que as demais (6 realizações entre todos os

sujeitos, perfazendo um percentual médio de 12 % para cada um dos 5 sujeitos que as realizam).

Sujeitos	ly	%	y	%	l	%
1	-	-	4/4	100	-	-
2	-	-	1/1	100	-	-
3	1 / 2	50	1 / 2	50	-	-
4	-	-	1/1	100	-	-
5	3/24	12,5	21/24	87,5	-	-
6	7/20	35	13/20	65	-	-
7	5/25	20	20/25	80	-	-
8	10/17	59	5/17	29	2/17	12
9	1 / 3	33	2 / 3	67	-	-
10	7/8	87,5	-	-	1/8	12,5
11	4/17	24	13/17	76	-	-
12	3/8	37,5	4/8	50	1/8	12,5
13	-	-	-	-	-	-
14	2/24	8	22/24	92	-	-
15	13/73	18	60/73	82	-	-
16	-	-	2/2	100	-	-
17	4/5	80	-	-	1/5	20
18	11/31	35,5	20/31	64,5	-	-
19	2/6	33	3/6	50	1/6	17
20	-	-	4/4	100	-	-
21	1 / 2	50	1 / 2	50	-	-
22	1 / 4	25	3 / 4	75	-	-
23	-	-	1/1	100	-	-
24	8/8	100	-	-	-	-
25	6/7	86	1/7	14	-	-
26	5/5	100	-	-	-	-
27	-	-	-	-	-	-
28	5/5	100	-	-	-	-
29	-	-	-	-	-	-
30	2/2	100	-	-	-	-

Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 12- Realizações de / λ / em *onset* medial por sujeito

2.3 Análise Fonológica das Ocorrências Variáveis das Líquidas em Segredo

Para análise fonológica, selecionamos os casos em que ocorreu variação nas escolhas dos falantes, o que podemos sintetizar em:

- Variação do 'r' forte, ora realizado como fricativa alveolar [r] ora como fricativa dorsal surda [X];

- Variação da líquida palatal [λ] no *onset* medial entre a consoante complexa [ly], a semivogal [y] e a lateral [l];
- Realização do *onset* complexo C+ l como C + r;
- Variação do /l/ na coda como [w], [ʔ], [r^o] e apagamento [Ø].

2.3.1 As Realizações Variáveis do 'r' forte

Observamos duas realizações para o 'r' forte, a fricativa velar [x] e uma vibrante fricativa alveolar surda [ɾ], esta descrita foneticamente por Pimentel (2003). Tais realizações são previstas na literatura por autores como Monaretto, Quednau e Hora (1999). Nas duas realizações encontradas em Segredo, observamos que o traço [+contínuo] é comum, o que nos leva a hipotetizar que a lei da hemissílaba inicial do Ciclo de Soância (Clements, 1990) estaria interferindo nesta escolha, através da seleção de segmentos com característica de fricativa. Assim, o ciclo de soância estaria respeitado já que a seqüência CV com soância 1-4 seria a selecionada no caso de [x]. No caso de [ɾ], embora segmento líquido ([+aproximante], o traço [+contínuo] também é saliente, como descreveu Pimentel (op.cit). Ambas consoantes funcionariam, assim, como fricativas, já que podemos hipotetizar que a vibrante fricativa alveolar estaria mais próxima da soância da fricativa do que se fosse um verdadeiro *tap*. Esta hipótese está baseada também no que afirmam Bonet e Mascaró (1996) para o *trill*, cuja soância é 1 (fricativa) e não 3 (líquida) como prevê a classificação fornecida por Clements (1990).

Em relação à presença da vibrante fricativa alveolar podemos hipotetizar que, em algum momento, ela foi um *tap* em função da interferência do alemão, que foi uma das línguas dos ancestrais de algumas das famílias investigadas. Como tal variação é presente apenas nos sujeitos acima de 40 anos, conforme vimos nos quadros da segunda seção deste capítulo, esta hipótese ganha força já que seriam os sujeitos que tiveram algum contato com tais ancestrais. Outro aspecto a considerar é a escolaridade maior nos sujeitos mais novos que possivelmente induz a uma realização da fricativa dorsal, pois é mais prestigiada socialmente.

2.3.2 As Realizações Variáveis da Líquida Palatal [λ]

Para explicar a variação entre [ly], [y] e [l], nessa ordem decrescente de ocorrência no *corpus* desta pesquisa, retomamos a representação geométrica de Matzenauer-Hernandorena (1997a) para a líquida palatal que já propunha ser esta um segmento complexo, com um ponto de C [coronal +anterior] e um ponto de V [coronal – anterior], cuja realização em um ritmo mais lentificado poderia imprimir uma percepção do [ly], que é a realização mais freqüente para todas as faixas etárias. Já o [y], que observamos com maior freqüência, exemplo do exposto no item anterior para o 'r' forte, na faixa acima de 40 anos, seria o fruto de um processo de Fissão da consoante complexa (Calabrese, 1995), com apagamento do nó de ponto consonantal. Tal apagamento resultaria no [y] em *onset* medial. Um aspecto contrário a tal produção seria o fato de quebrar a lei da hemissílaba inicial já que a soância de CV, neste caso, ficaria, 3-4, o que é marcado em termos silábicos (Clements, 1990). No entanto, o fato de ser uma produção em extinção nos sujeitos mais novos, permite-nos hipotetizar que os falantes do português estão eliminando tal possibilidade.

Por outro lado, podemos supor ainda que, quando a líquida é realizada como a semivogal [y] ela funcionaria como um grande tritongo, considerando a produção da palavra, como no caso de [muyE] para o alvo 'mulher', [paya] para o alvo 'palha' e [fiyo] para o alvo 'filho', sobretudo em 'palha' onde a sílaba tônica é em 'pa'. Já em 'filho' observamos o que poderíamos chamar de um alongamento do 'i' pela presença do [y] a seguir dele. Tal hipótese só poderia ser comprovada diante de uma análise fonética, mas nos parece plausível com as regras fonotáticas propostas pelo ciclo de Soância (Clements, 1990) e com o que afirma Couto (1994) sobre a presença de um [y] nasalizado na superfície de [ɲ] para a palavra 'senha' que seria ambissilábico como o [y] em 'ceia'. Essa proposta permite, retomando a representação da líquida palatal proposta por Matzenauer-Hernandorena (1997a), propor a ambissilabidade do [y] após o apagamento do nó consonantal no processo de variação entre [ly] e [y].

2.3.3 A Realização Variável entre C+l e C+r

Considerando a escala de soância proposta por Clements (1990) tanto o *onset* complexo com C + l + V quanto com C + r + V teriam a mesma seqüência de soância: (0 ou 1) + 3 + 4, ou seja, como afirma Ramos (1996) uma seqüência pouco recomendável

para as línguas em geral (Clements, 1990) e para o PB. Por isso, a autora afirma ser a última estrutura silábica no processo de aquisição da linguagem. Tal proposta de soância explicaria porque poderia haver a variação na produção de C + l, tanto como C + l quanto como C + r. A questão que surge é por que os falantes, sobretudo os mais velhos, estão optando pela produção C + r em vários momentos?

Considerando o Princípio do Contorno Obrigatório (McCarthy, 1986) que proíbe segmentos idênticos, talvez este princípio esteja atuando de forma branda no modo articulatorio, vinculado à cavidade oral, ou seja, impedindo a seqüência [-contínuo] + [-contínuo] ao produzir o rótico que é [+contínuo] na posição de C2. Essa hipótese ganharia força se observássemos uma maior rotacização nos *onsets* com C1 plosiva do que fricativa. De qualquer forma, vale observar, na língua portuguesa, que a presença de encontros com a fricativa na posição de C1 é diminuída em relação a plosiva, sendo praticamente restrita ao fr e fl, e com poucas ocorrências de vl e vr, pois neste último par teríamos duas consoantes consecutivas parecidas em sonoridade, sendo, em muitos casos, decorrentes de empréstimos (Collischonn, 1999). Essas observações nos permitem hipotetizar que o OCP está sendo um elemento forte nas escolhas dos falantes. No caso desta pesquisa, os falantes mais velhos e com menor escolaridade parecem ser os que deixam fluir o princípio estrutural, sem o filtro social da variante prestigiada que não aceita realizações como 'prástico'.

2.3.4 A Realização Variável do 'l' na Coda

Retomando as realizações de /l/ em coda como [w], [ʷ], [r^o] e apagamento, em ordem decrescente, podemos entender a variação entre a semivogal e a lateral velarizada, retomando as representações arbóreas de Quednau (1994) para a evolução de tal líquida no português. A autora propõe um apagamento do nó consonantal da seqüência complexa [ʷ] o que explicaria a permanência da semivogal no processo de variação. A presença da líquida lateral velarizada [ʷ] permite hipotetizar a mesma evolução, referida por Quednau (op.cit) para outros dialetos, na fala da comunidade de Segredo.

Considerando tais representações, é possível observar que o desligamento do traço [coronal] do nó de ponto consonantal, com a permanência apenas do nó vocálico, permite explicar a realização de [w] como uma evolução da líquida velarizada [ʷ]. O ciclo de soância (Clements, 1990) prevê o [w] como um fechamento de sílaba melhor do que a líquida lateral velarizada. Exemplificando, em uma seqüência [aw] teríamos a soância 4-4

enquanto na seqüência [a³] a soância seria de 4 -3, portanto, esta com decréscimo menos gradual do que a primeira. Considerando a lei da hemissílaba final que aponta o decréscimo gradual como preferido pelas línguas, a seqüência [aw] tende a ser o final evolutivo da variação do /l/ em coda.

Em relação à realização de /l/ como líquida não-lateral retroflexa, sua baixa freqüência também se explica pelo fato de ter uma soância pior do que a seqüência vogal + semivogal. Igualmente à lateral velarizada, o ciclo de soância ficaria em 4 -3. Uma questão que permanece, no entanto, é por que a retroflexa e não o *tap* que é um segmento mais produtivo na língua portuguesa? Propomos duas hipóteses para explicar o fato.

A primeira é fugir da homonímia, possível em exemplos como *parco* x *palco*, através de uma produção rótica que não seja igual ao outro rótico que ocorre em coda (*tap*). A outra hipótese, que não exclui esta, é de que o retroflexo tivesse maior semelhança geométrica com a lateral velarizada. Conforme representação que apresentamos para a retroflexa na página 46, ele diferiria do *tap* pelo traço [-anterior], mas guardaria maior semelhança enquanto classe fonológica com este segmento do que com a líquida lateral. Por outro lado, se utilizássemos o traço [±lateral] para diferenciar as líquidas, poderíamos pensar na retroflexa como mais semelhante à líquida lateral do que o *tap*. São, no entanto, hipóteses cuja comprovação dependeriam de uma análise acústica, pois não sabemos os detalhes fonéticos da retroflexa em Segredo, sobretudo se a ponta ou o dorso da língua fazem a articulação retroflexa.

Por fim, a última ocorrência para a líquida lateral em coda que é o apagamento, pode ser explicado pela produção de sílabas tipo CV, que é a produção *default* em termos de soância, pois evita a sílaba fechada. Chama a atenção, no entanto, que tal apagamento fique restrito aos itens ‘difícil’ e ‘fácil’. Uma hipótese possível é o fato de o fonema /l/ em coda estar na posição átona, pós-tônica o que pode ter enfraquecido sua produção. Talvez tal fato se some à impossibilidade de homonímia nesses casos.

3 ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA DA VARIANTE FALADA EM SEGREDO: O CASO DA LÍQUIDA LATERAL NA CODA

3.1 Campo de Atuação da Sociolingüística

Para falar da sociolingüística é preciso retomar autores que frente às diferentes visões, tentaram e ainda tentam explicar as premissas encontradas no Curso de Lingüística Geral. Por exemplo, Bouquet (2000) apresenta um estudo pormenorizado das tendências filosóficas em que Saussure se baseou, num tempo em que estavam em discussão as fronteiras dos objetos de estudo das ciências. O autor procura recompor os caminhos que permearam os conceitos e a forma de pensar de Saussure, afirmando que o objetivo dos cursos ministrados era o de esboçar uma “filosofia da linguagem”. Da mesma forma, só que de um novo prisma, Calvet (1975) critica de forma veemente os editores do Curso que não souberam organizar de forma “correta” o Curso de Lingüística Geral. Bouquet afirma no prefácio de sua obra:

Que Bally e Sechehaye realizaram uma síntese magistral da reflexão saussuriana é um fato comprovado pelo sucesso alcançado por sua obra. Mas essa obra oferece, por outro lado, um reflexo deformado do pensamento que pretende divulgar, falseando, sob dois importantes aspectos, as notas do curso e os manuscritos de Saussure em que se apóia. (BOUQUET, 2000, p. 13)

Na verdade, segundo Bouquet (2000, p.16), o objetivo da obra Curso de Lingüística Geral é: “De fato, a profunda originalidade do trabalho saussuriano é justamente mostrar como, numa reflexão sobre o objeto e sobre o método de uma ciência humana, uma tal organização de pensamento pode tomar forma”.

Calvet (1975, p.19) concorda que: “O Curso vai ser, pois, após a morte de Saussure e até uma época muito recente, a pedra de toque em relação àquilo a que se determinará à lingüística moderna, lançando o texto às bases da cientificidade dessa disciplina”. Mas também critica a forma com que os editores do Curso o elaboraram:

O Curso de Lingüística Geral assume, assim, um sentido que, sem dúvida, ele não tinha na mente daquele que o professava: elaboração de fundamentos teóricos justificando a autonomia da ciência lingüística. Por isso, essa discussão é muito mais que uma querela de eruditos: os editores, repitamos, fabricaram uma “imagem de marca” saussuriana que passou para a posteridade. O problema aqui não é tanto defender Saussure contra as deformações do CLG, mas seguir o devir teórico dessa imagem de marca. (CALVET, 1975, p. 23)

Na Introdução de sua obra, Calvet (op. cit.) critica o Saussure de uma lingüística estruturalista, mas também tece comentários favoráveis a respeito do Saussure que provocou uma reviravolta na visão dos fatos de língua. Segundo ele, houve uma tentativa fracassada de tornar os fatos da língua em fatos sociais. Consoante Lucchesi (2004, p. 33): “(...) o texto de 1916 (Curso de Lingüística Geral) constitui um objeto de discussão, não apenas legítimo, mas crucial para a história da lingüística, num debate que passa ao largo dos problemas de autoria do texto, ou do grau de fidelidade dos organizadores ao mestre.”

Esses conceitos e debates deixaram um aspecto da Linguagem muito importante a ser estudado: a fala. Para estudar a fala em seus aspectos concretos e de uso, vários estudos foram feitos e aprimorados em sua metodologia e teorias no decorrer dos anos, aproximando a ciência Lingüística e a sociedade. Baseados em todos esses conceitos, questionamentos e aprimoramentos, segundo Calvet (2002), no ano de 1964, por iniciativa de William Bright, é realizada uma conferência sobre sociolingüística em Los Angeles. Esse evento é o marco do nascimento da sociolingüística. Para, Bright, que publica os anais do congresso, o objeto de estudo da Sociolingüística é a diversidade lingüística. Uma lingüística que se diz alavancada nos fatos sociais chega a provocar uma redundância já que os fatos da língua ocorrem no meio social, logo, não precisaríamos de uma (sócio) lingüística, conforme explica Calvet (2002). Essa forma de fazer lingüística interessar-se-ia por aquilo que Saussure optou por não estudar, isto é, a fala (*parole*).

Através de uma lingüística voltada especificamente para a relação entre seres humanos e língua, surgiu uma lingüística empenhada em descrever as implicações dessa relação no uso e na transformação da língua na sociedade: a Sociolingüística.

Dentro da Sociolingüística, outras terminologias e conceitos foram adotados para esclarecer sobre a nova perspectiva que se estava tomando, ou seja, a nova forma de se

estudar os aspectos lingüísticos da fala, através da influência que determinados fatores extra lingüísticos exercem sobre a fala da sociedade. Vamos abordar, dessa forma, os conceitos de linguagem, sistema social, língua falada, comunidade lingüística, variação e variável e mudança dentro da perspectiva da Sociolingüística.

Para chegarmos aos conceitos dentro da perspectiva da Sociolingüística, devemos percorrer um caminho que diversos lingüistas fizeram e refizeram, traçando um percurso e demarcando o ponto crucial em que se percebeu que, na realidade, a língua, tal como as pessoas falam, possui um uso diferente e mutante.

Lucchesi (2004), em sua obra, traça o percurso da história da lingüística moderna, observando os pontos em que essa ciência teve importantes pilares derrubados. Para sua empreitada, Lucchesi (op. cit.) determina o seguinte percurso: estruturalismo sincrônico (que concebia a língua como um sistema homogêneo, unitário, formado por unidades e regras invariáveis e tem seu expoente principal nas visões atomistas e neogramaticais – o estruturalismo saussuriano aspira à língua enquanto estrutura, formula as antinomias e atenua as relações entre língua e sociedade), estruturalismo diacrônico (tem seu expoente no Circulo de Praga que concebe a língua como uma sucessão de estados de língua, captáveis por sistemas discretos a partir daí não se pôde mais acreditar que a língua era o domínio da invariância) e a sociolingüística variacionista (a partir desse novo enfoque dado a língua surge à sociolingüística variacionista – postula a heterogeneidade como característica essencial da língua, tem como expoente Labov (1976)).

Percebemos que os pilares derrubados pelo Variacionismo, para a elaboração de sua teoria, foram o de ver a língua como um sistema homogêneo e estanque. Novas bases foram colocadas para a sustentação da língua como atividade social.

Assim, a também chamada teoria variacionista trata de uma interação complexa entre causas sociais e lingüísticas. Para Margotti (2006), a Sociolingüística variacionista se orienta por uma concepção de língua como sistema socialmente determinado: um sistema heterogêneo, cuja variação estrutural está relacionada às alterações dos padrões culturais e ideológicos da comunidade de fala.

Ao confrontarmos mudança e sistema também estamos opondo duas formas de pensar a língua e a sociedade. Uma diz que o sujeito é senhor de seu dizer e faz as escolhas segundo sua consciência e outra que percebe a língua como algo estático passível de ser apreendida pelas pessoas. Mas, qual é a definição da primeira forma de ver a relação língua e sociedade? Para Mollica e Braga:

A sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos lingüísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos lingüísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo. (MOLLICA & BRAGA, 2003, p. 9)

Essa investigação da língua no âmago da comunidade de fala reflete o aspecto sócio-histórico que perpassa a diversidade. Segundo Labov (1976), “a língua é um conjunto estruturado de normas sociais”, os fatos lingüísticos têm um caráter eminentemente social e são variáveis. Pode-se perceber, pois, que a língua tem uma função social que é de ser dialógica.

A linguagem dentro de uma abordagem sociolinguística é tratada como um fenômeno de natureza social. Ao pensarmos dessa forma, nosso objeto de estudo também alcançará outras dimensões. Alkmim (2001) alerta que a forma como linguagem e sociedade são assumidos repercute na escolha da perspectiva e em como vemos o fenômeno lingüístico. Por isso, nossa perspectiva pretende tratar a linguagem e a língua como manifestação concreta da faculdade humana da linguagem e, sendo assim, é pela utilização da língua que o homem constrói sua relação com a natureza e com os outros homens.

A sociedade funciona graças à comunicação. As pessoas se relacionam, argumentam, interagem, ordenam, imploram, manipulam e convencem, utilizando principalmente a língua, própria de seu país, estado, município, bairro, grupo, família ou seu idioleto. Assim, vimos a língua como um organismo dinâmico e por isso variável e mutável. Num mesmo país como o Brasil convivem milhares de línguas (tupi-guarani, Kainkang, italiano, alemão, japonês) e seus dialetos (sulino, nortista, carioca...). Colocamos, metaforicamente, a língua como engrenagem que movimenta as peças sociais, pois, quando falamos, partimos de um ponto de vista, falamos a partir de um lugar social (classe social, sindicato, grupo litúrgico, família y, escola x, empresa w, igreja a ou b). Somos pessoas povoadas de discursos e, por ser essa nossa própria natureza, necessitamos interagir com o outro e expor nossos pensamentos e discursos através da língua. Vale, também ressaltar as colocações de Câmara Jr. (2000) a respeito dessa mesma questão. Segundo ele, “a língua existe essencialmente como meio de comunicação entre os homens e as significações lingüísticas estão evidentemente na base de tal comunicação (...)”. Por isso, ao escolhermos em qual língua interagir, das acima aludidas, acionamos em nossa mente mecanismos que selecionam o sujeito - nós (ser histórico), baseado no para quem (o

outro - ser histórico), como falar (dialetos –estilo) e o que falar (discurso - ponto de vista). Encontramos respaldo para esse argumento em Bakthin (2002), que escreve:

Uma análise mais minuciosa revelaria a importância incomensurável do componente hierárquico no processo de interação verbal, a influência poderosa que exerce a organização hierarquizada das relações sociais sobre as formas de enunciação. O respeito às regras da “etiqueta”, do “bem-falar” e as demais formas de adaptação da enunciação à organização hierarquizada da sociedade tem uma importância imensa no processo de explicitação dos principais modos de comportamento. (BAKTHIN, p. 43).

Podemos dizer que a variação lingüística reflete um conjunto de regras sociais/de classe e lingüísticas que fazem com que as engrenagens da variação e da mudança se movimentem em busca de uma melhor forma de comunicar o pensamento, numa determinada situação.

A organização social, em classes como a nossa no Brasil, exerce influência na forma como os falantes falam. Essa influência faz surgir basicamente uma variedade dita padrão da língua portuguesa e outras não-padrão. Essa é uma visão de sistema lingüístico não estático nem definido, segundo Lucchesi (2004), um sistema lingüístico heterogêneo, plural, dinâmico e determinado não apenas por suas relações estruturais internas, como também pelas relações que o unem à estrutura social (externa à língua).

Também Mollica (2003) afirma que todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas. Encontram-se assim, na variação, formas distintas que, em princípio, se equivalem semanticamente no nível do vocabulário, da sintaxe e morfossintaxe, do subsistema fonético-fonológico e no domínio pragmático-discursivo, mas que, por influência de fatores lingüísticos e sociais, passaram a assumir formas orais (e por vezes escritas - por influência da fala na escrita) diferentes. E, segundo Lucchesi (2004), quando os sociolingüistas integraram estrutura e mudança dentro da concepção da língua como sistema heterogêneo buscaram e buscam construir uma representação teórica do fenômeno lingüístico que articule suas dimensões estrutural e histórica.

A língua também é um instrumento de análise da sociedade. Além disso, para Alkmim (2001) a língua dá forma à sociedade ao exibir o semantismo social, que consiste, principalmente, de designações, de fatos de vocabulário. E, o objeto da sociolingüística para a autora é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social (situações reais de uso). Ou seja, a língua precisa ser estudada, levando-se em conta

a comunidade onde ela se manifesta. Por isso, Alkmim (op.cit, p. 31) caracteriza comunidade lingüística como sendo “um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos lingüísticos”. Em outras palavras, uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam, por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras. Ao estudar qualquer comunidade lingüística, a constatação mais imediata é a existência de diversidade ou da variação. Também Calvet (2002), ao discorrer sobre a definição de comunidade lingüística, diz que ela pode ser definida como um grupo de pessoas que falam a mesma língua ou usam o mesmo código lingüístico para se comunicarem entre si e entre os membros de outras comunidades. Isto é, toda a comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar. A essas diferentes maneiras de falar, a Sociolingüística reserva o nome de variedades lingüísticas.

Ao retomar a não homogeneidade da língua em uma mesma comunidade lingüística, Mollica (2003) afirma que a variação lingüística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas lingüísticas alternativas denominadas variantes. Entendemos, então, por variantes as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente (i. é, o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores). Já para Calvet (2002), a variável é o conjunto constituído pelos diferentes modos de realizar a mesma coisa e por variante cada uma das formas de realizar essa mesma coisa. O autor especifica dizendo que estamos diante de uma variável lingüística quando duas formas diferentes permitem dizer “a mesma coisa”. Para Lucchesi (2004), a variação é o primeiro passo para uma possível mudança na língua, ao admitir isso está também afirmando que a língua pode ser vista como algo dinâmico, heterogêneo e sujeito a mudanças. O autor afirma que:

Os processos de variação e heterogeneidade na língua estão relacionados aos processos de mudança lingüística, na medida em que os processos de mudança passam necessariamente pelo processo de variação. Um modelo teórico que desprezava a variação e a heterogeneidade e considerava seu único objeto de estudo a língua, vista como um sistema homogêneo e unitário, seria incapaz de dar conta da questão da mudança. Dessa forma, a concepção saussuriana de língua tornou-se excludente em relação à mudança lingüística; enquanto aquela se fundamentava na idéia de uma funcionalidade intra-estrutural do sistema homogêneo e unitário, esta implica necessariamente variação e heterogeneidade. (LUCCHESI, 2004, p. 55).

Podemos afirmar que, segundo Mollica (2003), cabe à Sociolinguística investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático. Para a autora, o sistema linguístico encontra-se em constante estado de variação e unidade e isso significa que há forças constantes que impelem a língua para a variação e possível mudança e outras forças que procuram a estrutura e a unidade. Assim, podemos afirmar que o conceito de Mollica (op.cit) é o mais compatível com a visão variacionista que adotamos em nossa análise.

Para Chagas (2003), as línguas passam por mudanças no tempo e existem várias formas de perceber esses fenômenos uma delas é o contato entre pessoas de faixas etárias diferentes, poderemos, por exemplo, perceber diferenças de vocabulário ou de pronúncia. Outras formas de percebermos a mudança são os filmes de época, os textos escritos e gravações. As mudanças podem ocorrer em diversos níveis: fonológico, sintático, morfológico, semântico, lexical, etc. e tais mudanças podem ser assimiladas pelo sistema.

Mas a mudança não é um processo simples como aparenta ser. Ela ocorre de forma gradual, passando por um período de transição em que há variação, para, só então, ocorrer a mudança. E esse processo pode durar várias dezenas de anos. Chagas (op. cit.) afirma que a língua está sempre sendo recriada e, por isso ela comporta o surgimento de inovações a todo o momento, porém, o principal é que nem toda inovação é incorporada pelo sistema e divulgada pelos falantes de uma comunidade.

O fato de que a variação e a mudança existam suscita várias questões que orientam nosso pensamento para as relações sociais. Como nossa sociedade está organizada? Que valores estão em voga? Nossa sociedade valoriza a educação? O jeito de falar de uma pessoa é um fator de discriminação? Essas questões vão continuar em nosso meio sendo passíveis de reflexão. Através das ciências vamos elaborando possíveis respostas que nos satisfaçam.

Para Lucchesi (2004), os estudos sociolinguísticos mostram que a mudança é, em grande parte, determinada pelas relações sociopolíticas e ideológicas que se estabelecem dentro da comunidade de fala; relações essas de prestígio e de poder.

Já Labov (1976), em outra vertente sociolinguística, tentou mostrar com maior precisão a possibilidade de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada, considerando fatores sociais e linguísticos em conjunto na efetivação de suas análises.

3.2 Variacionismo

O conceito de variação utilizado na pesquisa é o da Teoria Variacionista citada no livro de Silva e Scherre (1998):

Assume-se da postura variacionista a idéia de que a variação é inerente ao sistema lingüístico e que a noção de heterogeneidade não é incompatível com a noção de sistema. Aceita-se, portanto, a dissociação que se faz entre estrutura e homogeneidade, tendo em vista que a variação não existe só na comunidade mas inclusive na fala de uma mesma pessoa. Mais do que isto, assume-se a postura de que a variação não é aleatória mas sim governada por restrições lingüísticas e não lingüísticas. Admite-se, então, que os fenômenos variáveis, aqueles expressos por duas ou mais variantes, apresentam tendências regulares passíveis de serem descritas e explicadas por restrições de natureza lingüística e não lingüística. (SILVA & SCHERRE, 1998, p. 39-40).

Língua e variação são inseparáveis. A Sociolingüística encara a diversidade lingüística não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno lingüístico. As variedades lingüísticas são as diferentes maneiras de falar e o seu conjunto não se dá no vácuo, mas no contexto das relações sociais estabelecidas pela estrutura sociopolítica de cada comunidade.

As línguas não são homogêneas e a variação observável em todas elas é produto de sua história e do seu presente. Por isso, a homogeneidade lingüística é um mito, que pode ter conseqüências graves na vida social. Os julgamentos sociais ante a língua são julgamentos de natureza política e social.

Quando assumimos olhar o fenômeno sociedade e língua através do prisma Sociolingüístico, a linguagem também ganha um aspecto primordialmente social e dinâmico. O objeto língua já não tem a mesma percepção estagnada e isolada do estruturalismo⁹ e, sim, a de ser a responsável pela constituição do ser humano como ser social. Conforme Berruto (2004):

⁹ “O termo estruturalismo se aplicou e se aplica, conforme as pessoas e momentos, a escola lingüísticas bastante diferentes. Esta palavra é utilizada muitas vezes para designar uma dentre elas; outras vezes, para designar várias delas e, noutras, ainda, para designar a totalidade delas. Tem em comum certo número de concepções e de métodos que implicam a definição de estrutura em lingüística. (...) “...o estruturalismo coloca de início o princípio da imanência, limitando-se o lingüista ao estudo dos enunciados realizados (corpus), tentando definir sua estrutura(a arquitetura, a independência dos elementos internos). Em contrapartida, tudo o que diz respeito à enunciação (principalmente o sujeito e a situação considerados de um certo modo como invariantes) é deixado de lado pela pesquisa.” (DUBOIS et al., 2001, p. 248).

Ao nosso redor, a vida cotidiana está a todo o momento cruzada por cenas lingüísticas. As pessoas falam, escrevem, conversam, em cada momento são produtoras ou receptoras de mensagens lingüísticas. Comportamentos lingüísticos, dos mais diversos tipos, dos mais complexos, são uma parte constitutiva muito importante que perpassa a vida social. (BERRUTO, 2004, p. 3).¹⁰

No dizer de Labov (1976), a sociolingüística em 1960 era bastante restrita. Os pesquisadores se ocupavam com o estudo de seu idioleto, fechados dentro de quatro paredes. Havia aqueles que pensavam ser as mudanças fonéticas impossíveis de serem observadas e as tratavam como empréstimos dialetais. Outros afirmavam que a variação era livre e que a alternância entre um e outro na enunciação não tinha pertinência lingüística. Segundo Labov (1976), uma forma ou uma regra só podiam ser obrigatórias, facultativas ou inexistentes e o estudo da variação era algo impossível para os estruturalistas.

Também, na época que antecedeu os estudos labovianos, afirmava-se que não se podiam emitir juízos de valor a respeito da língua, ou seja, era proibido o estudo da avaliação social das variantes lingüísticas e, com isso, vinha a não utilização de dados extralingüísticos para explicar as mudanças lingüísticas. A partir dos estudos de William Labov é que se percebe o quanto fala e linguagem se encontram no âmago das sociedades. Os trabalhos de Labov fizeram com que a sociolingüística ganhasse uma nova roupagem, um outro brilho que procura desvendar os meandros das línguas vivas. Labov (1976) reforça, ainda, que o conhecimento intersubjetivo só é encontrado na fala, no cotidiano, na linguagem falada nas comunidades.

Para Labov (1976), o objeto de estudo da sociolingüística é a estrutura e a evolução da linguagem no seio do contexto social formado pela comunidade lingüística. Ele afirma que tal perspectiva se distingue da adotada por Saussure e seus seguidores, como Martinet, que se dedicaram ao estudo da língua em seus fatores estruturais internos, fora da sociedade, porque para Saussure o termo “social” significa “pluri-individual” o que não sugere em nada a interação social.

Também Labov (1976) afirma que Saussure (2003) fundou um paradoxo ao escrever que a língua é um sistema gramatical existente virtualmente em cada cérebro. Ou

¹⁰ Attorno a noi, la vita quotidiana è in ogni momento percorsa da scene linguistiche. Le persone parlano, scrivono, conversano, in ogni circostanza sono produttrici o riceventi di messaggi linguistici. Comportamenti linguistici, del tipo più diverso, dai più complessi, sono una parte contitutiva molto importante e pervasiva della vita sociale. (BERRUTO, 2004, p.3) (Tradução nossa)

seja, para Labov, Saussure estabelece o seguinte paradoxo: o aspecto social da língua estuda-se em qualquer indivíduo, mas o aspecto individual observa-se somente no contexto social. Nisso observa-se que as pesquisas em torno da língua obtiveram sucesso, enquanto os estudos em torno da fala não obtiveram tanto êxito.

De acordo com Labov (1994) deve-se diferenciar mudanças lingüísticas instituídas por classes sociais dominantes, geralmente com maior grau de consciência, das que vem de classes menos favorecidas que possuem uma motivação mais lingüística. Assim, fatores extralingüísticos e lingüísticos interagem para a criação da mudança lingüística. O autor ainda afirma a presença de recursos tecnológicos e científicos, dentre os quais se destacam o desenvolvimento de equipamentos de gravação e de recursos computacionais, que permitem tanto a análise acústica quanto estatística da variação.

O programa VARBRUL 2S é um exemplo desta tecnologia aplicada em vários estudos de variação do português brasileiro (Brescancini, 2002).

3.3 Estudos Variacionistas em Português Brasileiro

Vários estudos têm sido efetuados a respeito da variação no Português do Brasil. Dentre esses estudos, selecionamos alguns que irão servir de base para a análise e explicação do estudo proposto por nós neste trabalho.

Em todos os estudos, variáveis lingüísticas tais como: contexto precedente e seguinte, tonicidade, posição silábica, entre outras, são confrontadas com as variáveis sociais como sexo, faixa etária, escolaridade e localização geográfica.

Para exemplificar, retomamos os estudos do sistema vocálico do PB como o da Harmonização Vocálica, feito por Schwindt (1997), o de Vieira (2002) sobre a elevação das vogais médias, e o abaixamento das vogais altas /i/ e /u/ na região da campanha do RS, realizado por Amaral (1997).

No estudo de Schwindt (1997), a análise no pacote VARBRUL de 5120 contextos, demonstrou a interferência da escolaridade menor na aplicação da regra de harmonização vocálica, diferentemente do sexo e idade que se apresentaram neutros. Já Vieira (2002), observou a idade acima de 51 anos interferindo na aplicação da elevação das vogais médias. Ela também analisou a posição geográfica como fundamental na elevação de vogais médias pos-tônicas já que no RS esta elevação acontece muito mais do que no Paraná.

O estudo de Amaral (1997) sobre o abaixamento do [I] e do [U] na região da Campanha, no RS, constatou num primeiro momento que a alternância vocálica ocorre com certa regularidade, tratando-se de uma regra variável. Dentro do levantamento diacrônico, o autor constatou que, na escrita, já se faziam alternância vocálica nos textos em português antigo. O autor utiliza uma explicação fonológica para esse tipo de alternância, ressaltando, ainda, que pode se tratar de um caso de hipercorreção.

No estudo de “A síncope em proparoxítonas: uma regra variável”¹¹ Amaral (2002) observou o fenômeno da síncope na fala de 40 informantes da zona rural, do município gaúcho de São José do Norte, através da perspectiva laboviana da Teoria da Variação. O número de informantes foi de cinco por célula, estabelecendo-se oito células, de acordo com as variáveis sociais: sexo, faixa etária e escolaridade. As entrevistas foram de duas modalidades: conversa dirigida (questionário-guia) e conversa livre (narrativas sobre histórias de vida).

Segundo Amaral (2002, p. 99) há vários estudos sobre a variação das proparoxítonas e esse fenômeno é difundido na fala dos menos escolarizados e na fala espontânea dos mais escolarizados, em determinadas situações. O corpus recolhido foi submetido ao programa VARBRUL.

As variáveis selecionadas foram:

- Como variável dependente é o apagamento da sílaba postônica não-final (síncope), à qual correspondem duas variantes: (0) não-apagamento da sílaba e (1) apagamento da sílaba;
- Variáveis lingüísticas: contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, traços de articulação da vogal, peso da sílaba anterior (leve ou pesada), extensão da palavra.
- As variáveis extralingüísticas foram sexo, faixa etária, escolaridade e tipo de entrevista.

Na discussão dos resultados, a autora chegou às seguintes análises:

- A vibrante /r/ é a que mais provoca o apagamento e a que melhor forma sílaba de ataque complexo, pois há mais grupos consonantais com /r/ do que com /l/. Segundo a escala de soância de Clements (1990) a vibrante /r/ tem mais soância¹² do que a lateral /l/, o que comprova nos resultados de que as proparoxítonas mais propensas ao apagamento da vogal não-final são as que apresentam /r/ ou /l/ para ressilabação;

¹¹ “O fenômeno que será relatado no presente capítulo trata da síncope ou supressão da vogal postônica não-final das proparoxítonas, uma regra que se originou no latim vulgar, atravessou as diferentes fases do português e difundiu-se em todo o país na fala popular.” (AMARAL, 2002, p.99)

¹² “Hierarquia de Soância: oclusivas – fricativas – nasais – l – r – w – y – u – i – o – e – a” (Amaral, 2002, p.106).

- As sílabas com /o, u/, labiais, são as que mais favorecem o apagamento, enquanto as que menos favorecem são as coronais (e,i) e a dorsal (a);
- A hipótese sobre o peso da sílaba precedente é de que proparoxítonas com sílaba pesada (CVC) são mais resistentes a aplicação da regra de síncope do que as sílabas leves, por aquelas terem a sílaba mais complexa e esta menos complexa, com menos material fonético, portanto mais propensa ao apagamento;
- Quanto ao contexto fonológico precedente a preferência de aplicação da regra está pelo contexto da velar, seguindo-se a labial na primeira posição do ataque;
- A escolaridade é um fator que vem apresentando um papel de maior relevância no comportamento lingüístico dos falantes. Nesta análise, ela foi a variável social considerada mais significativa, mostrando que os mais escolarizados tendem a usar as formas da língua-padrão. Já os que nunca ou pouco freqüentaram a escola utilizam mais as forma não-padrão ou estigmatizadas” (Amaral, 2002, p.111);
- No tipo de entrevista a autora constatou que a síncope se manifestava mais na conversa livre;
- A variável sexo, neste estudo, segundo a autora, não teve um resultado significativo, sendo um dos últimos itens que o programa selecionou;

Segundo a autora, o programa não selecionou como significativo o papel da faixa etária, mas mesmo assim foram feitos mais testes. Os informantes foram divididos em dois grupos (20 a 50 anos e mais de 50 anos) e os valores da aplicação da regra foram bastante próximos. Então, na segunda rodada, distribuíram-se os informantes em quatro faixas etárias (24-39; 40-50; 51-59; + 59) para se fazer um estudo no eixo do tempo aparente, constatou-se que os falantes de + 59 são os que mais aplicam a regra, seguidos dos de 24-39 anos, o que significa que a síncope é uma variável em recrescimento, parecendo tratar-se de uma variável estável. No cruzamento das variáveis escolaridade X faixa etária, constatou-se que tanto os falantes com mais escolaridade quanto os de menos escolaridade da faixa etária +59 são os que mais realizam a regra de apagamento, o que possibilita dizer que idade mais avançada junto à menor escolaridade são os fatores que determinam o processo. No cruzamento sexo X faixa etária, percebeu-se que os mais velhos (+59) são os que mais realizam a regra de apagamento em ambos os sexos, seguidos dos mais jovens (24-39). No cruzamento entre faixa etária X tipo de entrevista, nota-se que ocorre mais síncope na faixa etária +59 e 24-39 nos estilos livre e dirigido. Confirma-se, então, que “o padrão que emerge indica que a síncope, de uso maior entre os mais velhos, mostra sinais de vitalidade entre os jovens, sugerindo a estabilidade da regra” (Idem, 2002, p.120).

Foi realizado, ainda, um estudo por informante e frequência de apagamento, constatando-se que “a alta aplicação da regra é desencadeada por falantes com até dois anos de estudo, o que evidencia o papel significativo da escolaridade da não manutenção do apagamento em proparoxítonas” (idem, 2002, p. 121).

Num estudo realizado por Borges & Gregis (1997), sobre o papel do sexo na retenção da oclusiva dental diante de [i] na cidade de Flores da Cunha (RS), de colonização italiana, constataram que há diferença na aplicação da regra de palatização entre homens e mulheres. As mulheres aplicam mais a regra (66% dos casos) do que os homens (2% dos casos). A partir desse resultado, as autoras realizaram uma nova verificação, acrescentando os grupos de fatores: valorização da etnia e contato social. A primeira variante extralingüística foi abandonada, pois as pessoas não consideravam importante o aprendizado da língua italiana. Quanto ao segundo grupo de fatores, o contato social, foi possível analisar. Os 1353 contextos foram submetidos ao Programa VARBRUL. Dentro dos fatores lingüísticos analisou-se o contexto lingüístico e a tonicidade. Quanto aos fatores extralingüísticos as autoras submeteram o corpus a duas análises. Primeiro os fatores sexo, idade e contato social foram rodados isoladamente no VARBRUL, em seguida os fatores foram cruzados entre si. O fator sexo foi o que mais apresentou discrepância entre homens e mulheres. O fator idade não foi relevante. Houve discrepância entre os cruzamentos contato social X sexo, as mulheres realizam mais a regra do que os homens. E isso pode ser explicado pelo fato que as mulheres percebem mais o maior prestígio de uma ou outra pronúncia.

Especificamente em relação às consoantes líquidas laterais duas variações são detectadas: a variação da líquida lateral alveolar na coda e da líquida palatal no *onset* medial.

Segundo Tasca (2002), o segmento /l/ pode apresentar diferentes articulações dependendo da posição que ocupa na palavra. Quando o segmento antecede uma vogal ou é o segundo elemento de um grupo consonantal (C+1), ele pode ser articulado como dental ou alveolar. Quando estiver em posição de coda, poderá ser articulado como líquida velarizada [ɫ] ou como semivogal [w]. Pesquisas sobre o segmento /l/ mostram que são variados os fatores que exercem influência na realização variante deste segmento. Entre os fatores socioculturais apontados pela autora como influentes nesta variação estão: etnia, idade, sexo, escolaridade, entre outros; como fatores lingüísticos: o tipo de segmento que precede ou segue a consoante lateral, a tonicidade da sílaba, a estrutura morfológica do vocábulo, entre outros.

Quednau (1994), em pesquisa sobre o comportamento da lateral pós-vocálica velarizada ou vocalizada no português gaúcho, apontou o fator grupo étnico como o que mais favorece a presença das duas variantes. A pesquisa contou com o modelo variacionista que teve como corpus constituído pela fala de vinte e oito indivíduos membros de quatro regiões de diferentes grupos étnicos e a regra variável foi analisada sob a perspectiva da fonologia não-linear. Além do fator grupo étnico, outros elementos lingüísticos como acento, posição da lateral, contexto fonológico seguinte e precedente também exerceram relativo favorecimento na variação do l em coda. O processo de velarização da lateral pós-vocálica, segundo Quednau (1994, p. 151), deve ser visto como a adição do nó vocálico à lateral coronal (alveolar). A esse nó está associado o PV (ponto de vogal), ao qual se liga o traço [dorsal]. O processo de vocalização, conforme os apontamentos da autora, consiste no desligamento do traço [coronal] que caracteriza [ʎ] velarizado como consoante, com a perda desse traço, o resultado é a permanência do traço vocálico [dorsal].

Tasca (2002, p. 269-298) sintetiza três estudos sobre a variação e mudança da lateral na coda silábica. Na primeira pesquisa, Quednau (1993), concentrou-se nas cidades de Porto Alegre (capital), Taquara (colonização alemã), Monte Bérico (colonização italiana) e Santana do Livramento (fronteira). Essa pesquisa teve como objetivo verificar os índices de variação da lateral pós-vocálica nessas cidades gaúchas. Tasca (1999), pesquisou as cidades de Porto Alegre (capital), Panambi (colonização alemã), Flores da Cunha (colonização italiana), São Borja (fronteira). O propósito da pesquisa foi ampliar a descrição do comportamento da lateral nessas comunidades étnicas do RS. A pesquisadora hipotetizou ser o Estado gaúcho mantenedor da lateral. Espiga (2001) concentrou-se nas cidades de Chuí (fronteira) e Santa Vitória (fronteira). O autor defende que o português falado na fronteira do Brasil com o Uruguai e a Argentina representa um contínuo dialetal em que predominam duas variantes da lateral pós-vocálica, uma para a região do Chuí, a forma alveolar [l], e a velarizada-labializada [lw] para a região de Santa Vitória do Palmar.

Destacamos agora os principais fatores lingüísticos e não-lingüísticos que foram elencados por Tasca (2002) nos três estudos.

Nos estudos de Quednau (1993) e Tasca (1999), a variável grupo étnico foi selecionada em primeiro lugar. Quednau pesquisou falantes de Porto Alegre onde o estágio de vocalização é adiantado, essa condição pode ser atribuída por seus habitantes serem monolíngües. Já em Panambi e Flores da Cunha, municípios onde se falam diferentes

línguas, houve a predominância da alveolar. E, em São Borja, pelo fato de ser um município de fronteira, não obteve muita variação, predominando a forma velarizada e o desaparecimento da alveolar.

Quanto ao fator faixa etária, o estudo de Espiga (2001) foi o que demonstrou maior significância. Na região do Chuí, o exame da retenção da forma alveolar [l] mostrou que os mais velhos a usam com mais frequência. Na amostra de Santa Vitória do Palmar, a forma velarizada-labializada [lw] demonstrou ser a mais frequente entre os jovens. A hipótese de Espiga (2001), de que em algumas cidades há predominância de uma variável, foi ratificada através da análise acústica que acusou a gradação [l] → [ʎ] → [lw] → [w] nos dados dessa pesquisa.

Os dados do fator escolaridade tiveram um comportamento diferente na pesquisa de Espiga, com os dados de Chuí. O pesquisador constatou que os informantes mais escolarizados possuem uma atitude conservadora. Ele afirmou que, na fronteira, o sentido favorecedor da escolaridade na direção da preservação se deve ao fato de que as formas compartilhadas, no contínuo português-espanhol, são mais prestigiadas do que no restante do território gaúcho. Mas, assim mesmo, o autor afirma que a tendência é a forma inovadora tomar espaço.

Quanto à variedade sexo, a pesquisa de Tasca (1999), nos municípios de Panambi, Flores da Cunha e São Borja, obteve resultados mais expressivos que corroboram com a premissa da sociolinguística segundo a qual os homens conservam as variedades mais antigas e as mulheres utilizam as inovadoras. Ou seja, os homens preservaram a variante alveolar [l] e as mulheres a variante inovadora [w].

Os resultados dessas três pesquisas acusam a presença de uma regra telescópica, ou seja, há uma mudança que opera em quatro etapas: [l] → [ʎ] → [lw] → [w], na direção da vocalização. Afirma-se que no português falado na região do extremo sul do país, podem ser encontrados, sincronicamente, os quatro estágios da mudança da lateral. (Tasca, 2002, p. 269).

Vários estudos estão sendo realizados sobre as consoantes vibrantes.

Callou, Moraes e Leite (1996) investigaram a variação e a diferenciação dialetal da pronúncia do 'r' em coda, nas cidades de Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Concluíram que a variante apical tem maior ocorrência, seguida da queda, fricativa velar e faríngea. Outra conclusão foi que Porto Alegre e São Paulo

preferem a vibrante enquanto Rio e Recife preferem a fricativa velar. Esses dados combinam com os já identificados por Marquardt (1977) para o RS.

Outro, dentre esses estudos da vibrante, que destacamos é o de Monaretto, Quednau e Hora (1999, p.205) que conceituam, segundo Malmberg (1954), um som vibrante como sendo uma sucessão de pequenas oclusões que são produzidas pela língua ou pela tremulação da úvula através da ação da corrente de ar. Para os autores, as diferentes formas de articulação é que identificam os sons que o 'r' pode ter: vibrante, fricativa ou aspirada, e vibrante múltipla, dependendo do dialeto e do contexto lingüístico em que ocorrem.

Para Lopez (1979) e Monaretto (1992, 1997) existe, no português do Brasil, apenas a vibrante simples na subjacência, pois ela aparece em mais contextos como mostra a figura abaixo (Monaretto, Quednau, Hora, 1999).

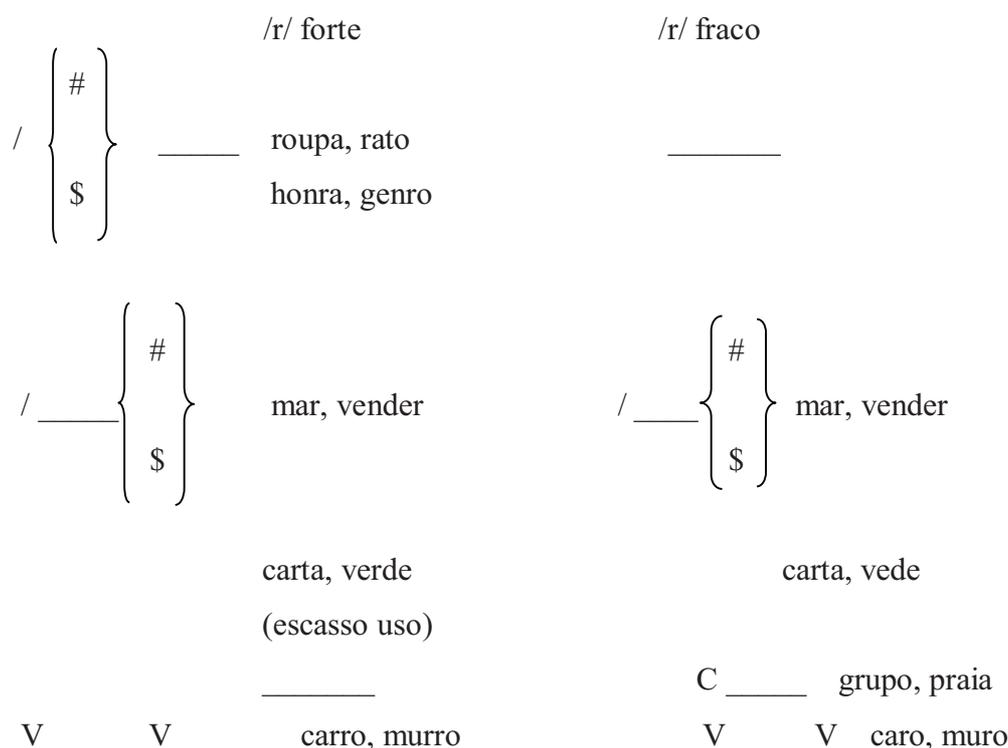


Figura 14 - Análise dos contextos das vibrantes em PB

Podemos observar que há oposição entre os fonemas 'r' forte e 'r' fraco no contexto intervocálico e ,como conseqüência, existe mudança de significado. No contexto consoante + vibrante, encontramos exclusivamente a vibrante branda. Já a vibrante forte aparece com

verificar se há sinais de uma mudança em curso ou se já é um caso de variação estável. Em pesquisas anteriores Monaretto (1992, 1997, 2000) constatou que o uso de variantes da vibrante está relacionado à posição que o /r/ ocupa na sílaba. O r-forte está presente em contexto pré-vocálico e precedido por consoante (honra); o r-fraco (*tap*) está em contextos pré-vocálicos. Segundo a autora, a mudança da articulação anterior para posterior, no sul do Brasil, está ocorrendo de modo mais lento devido à interferência de populações oriundas da colonização alemã, italiana e à situação de fronteira com países de fala espanhola (fator etnia). Cabe ressaltar que a autora (Monaretto, 1997) encontrou em termos fonéticos as consoantes vibrante anterior, vibrante posterior, tepe e retroflexa.

Algumas conclusões a que Monaretto (2002) chegou sobre esse estudo:

- Dados mostram que o tap é a variante preferida na posição de coda;
- O apagamento de /r/ pós-vocálico está condicionado à posição que ocupa na palavra;
- O VARBRUL selecionou classe morfológica, posição e idade como fatores influentes na variação, indicando ser mais freqüente a perda do 'r' nos verbos;
- Em tempo aparente, conclui-se que o apagamento do 'r' pós-vocálico está em processo de implementação entre os mais jovens;
- Na análise em tempo real, observou-se que conforme as pessoas foram ficando mais velhas a incidência do uso da regra de apagamento na posição final de palavra foi aumentando (gradação etária);
- Na análise do r-final em verbos, o programa VARBRUL selecionou como significativos os fatores sexo, dimensão da palavra e contexto precedente;
- As mulheres destacam-se no uso do apagamento da vibrante;
- Quanto à dimensão da palavra percebeu-se que, nas palavras com até duas sílabas, o apagamento é mais favorecido do que em palavras com três ou mais sílabas;
- O contexto precedente de vogal posterior é o que favorece o apagamento.

Pimentel (2003) combinou análises como a fonológica, a variacionista e a fonética para investigar o comportamento variável do 'r' em situação pós-vocálica, a partir da coleta de dados semi-espontâneos de falantes de Porto Alegre. A autora identificou o apagamento e a presença de uma vibrante fricativa alveolar como elementos importantes na variação que indica uma mudança lingüística em curso.

Entre os resultados do estudo da autora, ela encontrou como favorecedores da vibrante:

- O contexto seguinte demonstrou-se favorável à vibrante fricativa quando era surdo;
- Também as classes gramaticais de substantivos e palavras funcionais (preposições, artigos, conjunções...) foram mais favoráveis à vibrante fricativa;
- Menor índice de apagamento do 'r' em coda em co-ocorrência com maior realização da vibrante fricativa alveolar nos sujeitos acima de 50 anos;
- A sílaba tônica foi mais favorecedora para a vibrante fricativa alveolar.

Já o apagamento, presente em 37% dos dados, apresentou-se mais freqüente em afixos, sobretudo de verbos, o que explicou a presença em sílabas tônicas, o que contraria a maior parte dos estudos de variação que apontam a sílaba átona como mais favorecedora do apagamento. Esses dados de Pimentel (2003) diferem de Monaretto (2002) nos quais o apagamento era mais freqüente por serem dados espontâneos.

Ainda em Pimentel (2003) afirma o fato de a coda final conter o maior número de apagamento (58%), embora 6% das consoantes em coda medial tenham sido apagadas.

Como podemos perceber os fatores que influenciam a utilização de diferentes variantes são os mais diversos. O objetivo da apresentação dessas pesquisas e seus resultados foi o de proporcionar um panorama para a análise variacionista do presente trabalho.

3.4 Análise da Variação da Líquida lateral em posição de coda em Segredo

3.4.1 Descrição do método

A pesquisa realizada neste estudo se caracteriza por ser exploratória e aplicada e contou com 10 sujeitos do total de 30 sujeitos investigados. O critério principal de seleção foi a presença do máximo de ocorrências do /l/ em coda. Entre os sujeitos com mais dados, procuramos selecionar homens e mulheres com menos e mais de 36 anos, com distintos níveis de escolarização, conforme descreveremos a seguir.

Os dados analisados foram os mesmos do capítulo anterior. Foram, portanto, provenientes de fala espontânea. O *corpus* formado por esses sujeitos foi transcrito e analisado conforme descrito anteriormente (Anexo C).

As características dos sujeitos quanto à idade, ao sexo e à escolaridade são as seguintes:

- Sujeito 1- mulher, 70 anos, 6ª série do ensino fundamental;
- Sujeito 2 – mulher, 58 anos, 4ª série do ensino fundamental;
- Sujeito 3 – mulher, 57 anos, analfabeta;
- Sujeito 4- mulher, 70 anos, analfabeta;
- Sujeito 5- mulher, 33 anos, 5ª série do ensino fundamental;
- Sujeito 6- mulher, 36 anos, 4ª série do ensino fundamental;
- Sujeito 7- homem, 23 anos, 1ª série do ensino médio;
- Sujeito 8 – homem, 69 anos, 1ª série do ensino fundamental;
- Sujeito 9 – homem, 56 anos, 4ª série do ensino fundamental;
- Sujeito 10 – homem, 60 anos, 3ª série do ensino fundamental.

Quanto à definição de variáveis, podemos sintetizá-las em:

Variáveis Dependentes

Realização do /l/ em coda, para o qual consideramos quatro variantes:

- a) líquida lateral velarizada [l³]
- b) semivogal dorsal [w]
- c) líquida não-lateral retroflexa [r^o]
- d) apagamento [∅]

Em apenas um caso, tivemos a impressão de haver o *tap* ao invés da retroflexa, mas, pela limitação imposta pelo número de variáveis a ser rodada pelo programa, e considerando o fato de ser apenas um sujeito, optamos por agrupar tais realizações com a retroflexa.

Variáveis Independentes

Entre as variáveis independentes temos as lingüísticas e as sociais. As lingüísticas podem ser assim sintetizadas:

a) *posição da sílaba na palavra*: aqui consideramos a coda medial (C) e a coda final (c) tais como nos exemplos:

medial - Almoço

final – mal

b) *tipo de segmento no contexto anterior*: aqui consideramos as vogais trabalhando com duas oposições:

vogais anteriores(i)

[e] - Delfino

[] – Miguel

[i] – difícil

vogais posteriores (u)

[a]- almoço

[o]- voltei

[]- revolta

[u] – cultura

c) *segmento no contexto seguinte*: foram considerados tanto os segmentos que seguem a coda medial na mesma palavra como as iniciais da palavra seguinte à coda final. O final absoluto não foi considerado, porque não houve ocorrências deste tipo. Consideramos, então, o modo (traços laríngeos e de cavidade oral) e o ponto articulatorio (pontos de C), distribuídos do seguinte modo:

sonoridade: sonoro (S) e surdo (s);

classe fonológica: plosiva (p), fricativa (f), nasal (n), líquida (h), vogal (g);

ponto da consoante: labial (L), coronal [-anterior] (P), dorsal (D), coronal [+anterior] (A).

d) *classe morfológica*: verbos (V), adjetivos e advérbios (v), substantivos (z). Palavras funcionais como preposições, pronomes e conjunções não ocorreram na amostra.

e) *tonicidade da sílaba*: presença da coda em sílaba tônica (T) ou átona (t);

As variáveis sociais foram gênero, faixa etária e escolaridade, assim distribuídas:

f) gênero: feminino (1) e masculino (2);

g) faixa etária: até 36 anos (3) e acima de 36 anos (4);

h) nível de escolaridade: de zero a 3 anos de estudo (5) acima de 3 anos de estudo (6).

Em relação à análise estatística, os dados codificados, como exposto acima, foram digitados, criando banco de dados no programa VARBRUL. A análise estatística do

fenômeno variável foi realizada, obtendo-se as frequências e pesos relativos do fenômeno lingüístico em estudo. Este formato de banco foi realizado por Cedergren e Sankoff (1974).

O banco de dados foi checado pelo programa *Chekctok*, a partir das especificações previamente estabelecidas no arquivo de especificações, gerando um arquivo corrigido. Este foi rodado no *Readtok*, produzindo um arquivo de ocorrências, no qual informações complementares são eliminadas (parênteses, cadeias de codificação...), criando arquivo contendo somente os símbolos referentes aos fatores analisáveis, que foi submetido ao *Make3000*. Este programa prepara os dados, via arquivo de ocorrências e de condições, considerando os fatores da pesquisa, para gerar um arquivo de células. Estas serviram para analisar as frequências percentuais das variáveis dependentes analisadas. O arquivo de células caracteriza uma análise unidimensional, uma vez que analisa isoladamente a influência de cada fator nas variáveis dependentes.

Na última etapa do tratamento estatístico dos dados foi empregado o programa *Varb2000*, com o qual se realizou uma análise multidimensional. Tal análise tem por base o princípio de que a variável dependente vem inserida em um contexto lingüístico e social, e que alguns destes fatores ou todos podem estar influenciando a escolha do falante. O programa *Varb 2000* analisa as percentagens calculadas pelo *Make3000* para cada um dos fatores e as transforma em pesos relativos através de cálculos, cujos valores finais refletem as várias dimensões de interferência simultânea na regra (Brescancini, 2002).

O programa *Varb2000*, diferentemente do *Make3000*, realiza uma análise binomial, na qual cada variável dependente é analisada de cada vez, considerando os valores de aplicação e não aplicação da regra em estudo. Assim, por exemplo, na semivocalização da líquida lateral, o primeiro valor (aplicação) foi atribuído a todas as ocorrências de semivogal [w] nos dados, e o segundo valor às outras formas variantes aplicadas nos dados (não aplicação). A partir desta análise o programa *Varb2000* também seleciona os grupos de fatores mais relevantes estatisticamente à variação, apresentando-os em ordem diretamente proporcional no *stepup*. Os resultados originados por tais aplicações foram analisados a partir da Teoria da Variação e com base na visão interativa da Teoria da Sílabas (Clements, 1990) e da visão Autossegmental (Clementes e Hume, 1995).

3.4.2 Análise e Discussão dos Resultados

No corpus da pesquisa, levantamos 142 possibilidades de ocorrências de /l/ em coda, distribuídas conforme vemos no quadro 13, em termos de aplicações para as quatro realizações já mencionadas no capítulo 2.

Variáveis Dependentes	Número	%
[³]	70	49
[r ^o]	43	30
[w]	24	17
[Ø]	5	4
Total	142	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 13 – Aplicação total das variáveis dependentes no *corpus*

Observamos que a velarização tem o maior número de ocorrências e atribuímos este fato ao maior número de dados dos sujeitos mais velhos que conservam esta variante. Lembrando a evolução prevista por Tasca (2002) para o 'l' em coda, os sujeitos mais velhos, como afirmam os estudos de variação no PB (Amaral, 1997; Espiga, 2001), mantêm as formas mais antigas na evolução, neste caso o [³]. A tendência inovadora dos jovens é referida em clássicos como Labov (1994), em virtude de serem poucos os jovens em Segredo, os dados também foram escassos, porém, durante a transcrição dos dados, percebemos que os jovens são os que pronunciam a variedade vocalizada.

A presença da retroflexa em segundo lugar, também pode ser atribuída ao maior número de dados de fala dos mais velhos, em combinação com sua menor escolaridade, pois, como afirma Amaral (2002), os mais escolarizados apresentam uma atitude mais favorável à forma prestigiada ou à língua padrão, enquanto os menos escolarizados são menos conservadores e não se preocupam tanto com o prestígio. Os dados de rotacização são quase que exclusivos aos sujeitos menos escolarizados nesta pesquisa e mais velhos.

3.4.2.1 Análise da Variável Dependente [3]

Na primeira rodada de análise da variável [3] houve *knockout*¹⁴ para o fator idade abaixo de 36 anos, demonstrando a ausência desta produção para os sujeitos mais jovens. A solução para tal *knockout* foi excluir tal variável, gerando um novo arquivo de células, sem a mesma. A partir deste novo arquivo chegamos, pela análise, aos resultados expostos nos quadros 14, 15, 16. Três fatores foram selecionados como significativos para o programa *Varb2000*: a posição silábica, a tonicidade e a escolaridade. Portanto, dois fatores lingüísticos e um extralingüístico.

Posição Silábica	Realizações	%	Peso Relativo
Coda medial	14/63	22	.30
Coda final	56/79	71	.66
Total	70/142	49	

Input = .48 significância=.045

Quadro 14 - Análise da variável posição silábica na produção [3]

Uma das explicações para coda medial ter menos ocorrências do [3] é o fato de haver maior ocorrência de outras variáveis nesta posição, como veremos nos dados da variável dependente [r^o] quase que exclusivos a esta posição. Portanto, a presença da líquida lateral velarizada maior em coda final parece conectada a uma presença maior da retroflexa, alternando com esta, em coda medial. Poderíamos pensar em uma distribuição complementar: coda medial retroflexa e coda final líquida lateral velarizada.

Tonicidade	Realizações/total	%	Peso Relativo
Sílaba Tônica	62/85	73	.72
Sílaba átona	8/57	14	.20
Total	70/142	49	

Input=.48 significância=.045

Quadro 15 - Análise da variável tonicidade na produção [3]

A presença significativa do [3] em sílaba tônica confirma os achados da maior parte dos estudos de variação que demonstram a sílaba tônica como a mais favorecedora para permanência de segmentos como afirma Pimentel (2003), embora seus dados terem

¹⁴ knockout se refere à ausência de dados para determinada variável. No caso acima descrito não havia dados de líquida lateral em coda nos sujeitos mais novos o que gera uma ausência da variável no programa que se vê impossibilitado de analisá-la estatisticamente.

acontecido na direção inversa por estarem em afijos verbais. Segundo Tasca (2002, p. 273), o fonema /l/ manifesta-se como velar [ʎ] diante de consoante ou final de palavra e como alveolar [l] nos outros contextos. Nos estudos de Espiga (2001) e Quednau (1993) aferidos por Tasca (2002) houve somente referência das variáveis extralingüísticas.

Escolaridade	Realizações/total	%	Peso relativo
Analfabeto até 2 ^a série	38/65	58	.62
3 ^a série em diante	32/77	42	.40
Total	70/142	49	

Input= .48

significância=.045

Quadro 16 – Análise da variável escolaridade na produção [ʎ]

Em relação à variável escolaridade, os dados vão a direção contrária aos estudos de Tasca (1999) e Espiga (2001), pois o dialeto prestigiado não propõe a líquida lateral, mas a semivocalização para [w]. Assim, os sujeitos com maior escolaridade estão na direção da mudança, produzindo a semivogal na coda. Os sujeitos com menor escolarização produzem significativamente mais [ʎ] na coda, pois não estão tendo acesso ao dialeto prestigiado, seja na escola, ou no fato de estarem em contato com a televisão. Vimos no histórico de Segredo que este veículo de comunicação é bem recente na comunidade.

3.4.2.2 Análise da Variável [r^o]

Na primeira rodada do programa de criação de células, três variáveis produziram *knockouts*, que foram solucionados como segue:

- o ponto palatal ausente no contexto seguinte à líquida, foi excluído como fator;
- em relação ao modo, as classes de vogal e líquida produziram outro *knockout* cuja solução foi amalgamar ambos os fatores;
- houve ausência de produções na variável idade abaixo de 36 anos, cuja solução foi excluir a variável.

A produção da retroflexa apresentou-se sensível a duas variáveis, uma lingüística, a posição silábica, e uma social, a escolaridade, conforme veremos nos quadros 17 e 18.

Posição Silábica	Realizações/total	%	Peso relativo
Coda medial	14/63	63	.91
Coda final	3/79	4	.14
Total	43/142	30	

Input = .16

significância=.004

Quadro 17 - Análise da variável posição silábica na produção [r^o]

Conforme já mencionamos anteriormente, a coda medial com [r^o] parece ter um peso maior do que a final pela distribuição complementar que os sujeitos mais velhos e com menor escolarização estão fazendo em relação ao [ʁ]. Ambas produções são mais freqüentes nestes sujeitos, demonstrando o espírito mais conservador dos mais velhos, bem como a influência da baixa escolaridade na produção que não obedece à língua padrão (Amaral, 2002). Esse fato pode ser visto no próximo quadro que demonstra a escolarização baixa como favorecedor da produção menos prestigiada de retroflexa para o /l/ em coda.

Escolaridade	Realizações/total	%	Peso relativo
Analfabeto até 2 ^a série	26/65	40	.70
3 ^a série em diante	17/77	22	.33
Total	43/142	30	

Input=.16

significância=.004

Quadro 18 - Análise da variável escolaridade na produção [r^o]

A menor escolarização permite a liberação do preconceito lingüístico muito freqüentemente relatado com relação a formas como a rotacização. Os sujeitos com menor escolarização são os que também permanecem mais tempo dentro da comunidade de Segredo sem acesso a Ibirapuitã, ficando menos expostos ao preconceito e podendo variar mais livremente, aderindo mais à produção do rótico retroflexo.

3.4.2.3 Análise da Variável [w]

A análise da variável [w] produziu um *knockout*: não houve dados para a variável escolaridade abaixo de 3^a série, cuja solução foi eliminar a variável.

Duas variáveis foram selecionadas como relevantes na produção da semivocalização: a classe fonológica do contexto seguinte e a faixa etária.

Em relação à classe fonológica do contexto seguinte, observa-se a presença de líquida e vogal como mais favorecedoras da semivocalização conforme quadro 19.

Classe fonológica	Realizações/total	%	Peso relativo
plosiva	16/79	20	.20
fricativa	1/19	5	.44
nasal	3/20	15	.58
vogal	3/22	14	.99
líquida	1/2	50	1.00
Total	24/142	17	

Input=.01

significância=.016

Quadro 19– Análise da variável classe do contexto seguinte na produção [w]

O maior favorecimento da semivocalização associado à presença de líquida no contexto seguinte pode estar direcionado por um processo de dissimilação, imposto pelo Princípio do Contorno Obrigatório. Podemos imaginar que o /l/ seja um dos contextos mais freqüentes na seqüência da semivogal. Essa dissimilação seria menos necessária diante de plosivas, fricativas e nasais, cujos traços diferem mais das líquidas.

Em relação à vogal, o [w] supomos que poderia ocorrer com freqüência por possíveis pausas entre a coda e a próxima sílaba já que temos tal ocorrência restrita à coda final (faxinal, temporal, mal, bombril, igual, royal, hospital...) em todos os sujeitos analisados, como se espera para o PB pela fuga de *onsets* com semivogais que poderiam ocorrer na ligação entre uma palavra e outra (sândi). Em caso de não ocorrer a pausa podemos estar diante de um processo de permanência do /l/ e ressilabação ou de um ditongo crescente como por exemplo: mal entendido → [mawentendido] ou [malentendido]. A opção será do falante, que neste caso, por ser mais jovem e menos conservador busca a produção mais recente temporalmente para o /l/ em coda que é o [w] (Tasca, 2002), conforme vemos no quadro 20.

Idade	Realizações/total	%	Peso relativo
23 a 36 anos	21/22	95	1.00
36 a 70 anos	3/120	2	.16

Input = .01

significância= .016

Quadro 20– Análise da variável idade na produção [w]

Os trabalhos de Tasca (1999) e Espiga (2001) são claros ao afirmarem a preferência pelo [w] pelos mais jovens, demonstrando a tendência menos conservadora nesta população. Essa tendência inovadora é também referida em trabalhos clássicos como o de Labov (1994).

3.4.2.4 Análise da Variável Apagamento

A análise desta variável apresentou seis *knockouts*, manifestos pela ausência de dados para três contextos seguintes (vogal posterior, pontos dorsal e palatal e modo líquida e fricativa). As outras três variáveis ausentes foram a coda medial, a sílaba tônica e as classes gramaticais de substantivo e verbo.

Portanto, os dados refletiram o que já havíamos apontado na descrição inicial deste trabalho no capítulo 2: a exclusividade do apagamento para as palavras 'difícil' e 'fácil'. Além disso, tivemos um baixo *input* deste dado, pois foram 5 ocorrências em todo o *corpus*.

A exclusividade de apagamento para essas duas palavras pode ser analisada qualitativamente. Para tanto, é importante analisar todas as palavras-alvo que ocorreram para coda final na amostra. Nelas percebemos uma grande maioria com acento final (oxítonas): Municipal, sal, royal, mil, real, anel, animal, Miguel, general, igual, Coprel, Pinhal, tal, final, temporal, mal, faxinal, qual e bombril. Apenas as palavras 'horrrível', 'fácil' e 'difícil' eram paroxítonas no *corpus*. Assim, embora não tenha havido apagamento para a palavra horrrível, a exemplo de duas ocorrências de difícil como [dificiw] em sujeitos mais jovens, o locus da sílaba átona parece-nos muito explicativo para o apagamento da coda final com /l/.

Concluimos que em nossa pesquisa, os dados selecionados pelo programa VARBRUL como mais significativos confirmam que as variáveis escolaridade e idade estão como favorecedoras, entre os mais velhos, da variável [ʒ], entre os mais jovens, a variável [w]. Nos contextos lingüísticos, as consoantes líquidas são as que mais favorecem a aplicação da vocalização em coda. Na posição ocupada na palavra, observamos que a velarização [ʒ] ocorre mais na coda final do que na medial. A variável retroflexa [r^o] ocorre mais na coda medial do que na final. Tais dados sugerem uma distribuição quase complementar de ambas nos sujeitos mais velhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não podemos negar a pluralidade lingüística e cultural do Brasil. Nosso passado e presente revelam a diversidade e a evolução que nossa língua segue. A diversidade, porém, não veicula o respeito pelas formas lingüísticas usadas pelo povo. Em nosso país, o uso de uma variedade como ‘carçamento’ leva a taxaões do tipo ‘pessoa ignorante’. Isso revela que o preconceito lingüístico é equivalente ao preconceito racial, religioso e social, envolvendo, com isso, aspectos ideológicos. Tal fato nos remete à importância de estudar a variação do português falado como forma de demonstrar as forças lingüísticas e extralingüísticas atuantes no processo de mudança da língua e tentar combater o preconceito pela demonstração da naturalidade desse processo.

O estudo da variante falada em Segredo permitiu detectar esse processo vivo de mudança, por isso esse trabalho contribui cientificamente por se o único realizado nesta comunidade. Detivemo-nos no nível fonético-fonológico, mais especificamente na descrição do sistema de líquidas que demonstrou uma forte tendência a variação na posição de coda para a líquida lateral e, em menor escala, para a não-lateral. Na posição de *onset*, a variação ficou restrita às produções fonéticas do ‘r’ forte (vibrante fricativa alveolar x fricativa velar) e da líquida lateral palatal (realizada como consoante complexa ou semivogal). Tais dados demonstram o processo de mudança, praticamente em conclusão nos sujeitos mais jovens que optam pela semivogal em coda para o /l/ , pela fricativa velar no *onset* com ‘r’ forte e pela consoante complexa para a líquida palatal, todas formas bastante prestigiadas na língua padrão e que demonstram o efeito da escolaridade no processo de escolha entre variantes possíveis da língua.

Assim, variáveis como escolaridade e idade foram determinantes na escolha das formas mais prestigiadas pelos mais jovens e na liberdade maior de expressão de tendências intrínsecas à língua nos mais velhos. Estes parecem seguir mais o que princípios lingüísticos como os propostos pelo Ciclo de Soância e o princípio do Contorno

Obrigatório explicitam na produção de estruturas bem formadas que acabam por gerar mudanças na língua.

Entre as variáveis lingüísticas analisadas, aspectos como, a posição da coda na palavra e a tonicidade de sílaba foram mais marcantes em nosso *corpus* do que contextos anteriores e seguintes para analisar a variação do /l/ em coda. Tais aspectos demonstram a importância de se considerar a sílaba como um nível hierárquico determinante na produção de processos fonológicos, pois direciona a leitura da geometria de traços para licenciar ou não a ocorrência de determinados segmentos em determinadas posições silábicas.

As análises dos dados fonético-fonológicos de Segredo nos permitem afirmar que forças sociais e lingüísticas estão indissociavelmente implicadas na fala dos sujeitos, demonstrando que a estrutura lingüística induz a mudanças que são alimentadas ou não pelas forças sociais. O papel do professor de línguas parece ser, de posse deste conhecimento, poder respeitar as opções de fala dos seus alunos e proporcionar acesso à diversidade cultural da sociedade brasileira, que se manifesta tanto na fala quanto na escrita. Diferenciar a modalidade escrita da oral e retirar o caráter normativo e prescritivo do ensino do português parece ser o grande desafio que o estudo da mudança lingüística nos coloca. Se admitíssemos que há formas certas e erradas, a cada momento teríamos de reconsiderar nossos critérios de eleição das mesmas, pois a língua segue ativamente seu processo de mudança seja por fatores intrínsecos, no caso aqui analisado princípios fonológicos, ou por fatores extrínsecos como a o preconceito ou necessidade de ascensão social, por exemplo. Oportunizar, ao aluno, o acesso não preconceituoso a esses distintos falares é proporcionar-lhe a necessária reflexão para conviver democraticamente com a diversidade.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.) *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Editora Cortez, 2001. p. 21–47.
- AMARAL, Marisa P. A síncope em proparoxítonas: uma regra variável. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (org.). *Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 99-126.
- AMARAL, Luís. O abaixamento de /i/ e de /u/ na região da campanha do Rio Grande do Sul. In: ENCONTRO DO CELSUL, 1, 1997, Florianópolis. *Anais do 1 Encontro do Celsul*. Florianópolis: UFSC, Vol. 1, abril, 1997. p. 475-483.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 9ª edição. São Paulo: Annablume, 2002.
- BEHLAU, M.S.; RUSSO, I. *Percepção da fala: acústica do português brasileiro*. 1ed. São Paulo: Lovise, 1993, v.1, 58p.
- BERRUTO, Galeano. *Prima Lezione di sociolinguística*. Roma: Laterza, 2004.
- BISOL, Leda. *O ditongo na perspectiva da fonologia atual*. D. E. L. T. A. , v. 5, n. 2, p. 185-224, 1989.
- _____. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 2ª edição. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- _____.; BRESCANCINI, Cláudia (org.). *Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- BLEVINS, Juliette. The Syllable in Phonological Theory. In : GOLDSMITH, John A. *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford, UK. Blackwell. 1995. p. 206-243.
- BONET, E.; MASCARÓ, J. *On the representation of contrasting rhotics*. Universidade Autônoma de Barcelona, 1996.

BORGES, Carla E.; GREGIS, Hilaine. O papel do sexo na retenção da oclusiva dental diante de [i] em Flores da Cunha (RS). In: ENCONTRO DO CELSUL, 1, 1997, Florianópolis. *Anais do 1 Encontro do Celsul*. Florianópolis: UFSC, Vol. 1, abril, 1997. p. 450-474.

BORGE, Paulo R. S., Uma evidência diacrônica para a caracterização da consoante palatal / ʎ / como uma consoante complexa. In: ENCONTRO DO CELSUL, 1, 1997, Florianópolis. *Anais do 1 Encontro do Celsul*. Florianópolis: UFSC, Vol. 1, abril, 1997. p. 520-529.

BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 2000.

BRESCANCINI, C.A. A análise da regra variável e o programa VARBRUL 2S. In BISOL, L. ; BRESCANCINI, C.A. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2002.

CALABRESE, A. A constraint-based theory of phonological markedness and simplification procedures. *Language Inquiry*, v. 26, n. 3, 1995.

CALLOU, D.; MORAES, J.A. ; LEITE, Y. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /R/ no português do Brasil. In KOCH, I.G.V. (org.) *Gramática do português falado*. Campinas: Editora Unicamp/FAPESP, 1996, p.465-93.

_____. *Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real*. DELTA, v. 14, p. 61-72,1998.

CALVET, Louis-Jean. *Saussure: pró e contra: para uma lingüística social*. São Paulo: Cultrix, 1975.

_____. *Sociolingüística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMARA Jr. , Joaquim Mattoso. *Problemas de Lingüística Descritiva*. 16ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

_____. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 31ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

CEDERGREN, H. J.; SANKOFF, D. Variable rules: performance as satatistical reflection of competence. *Language*, v. 50, n 2, p. 333-335, 1974.

CHAGAS, Paulo. A mudança lingüística. In: FIORIN, José Luiz (Org.) *Introdução à Lingüística: Objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 141-163.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The sound pattern of English*. Harper & Row Publishers, New York, 1968.

CLEMENTS, G. N.; KEYSER, S. J. CV Phonology : a generative theory of the syllabe. *Linguistic Inquiry Monograph*, Cambridge, Mass : MIT Press, n. 9, 1983.

_____. *On the representation of Vowel Height*. Cornell University, 1989.

_____. The role of sonority in core syllabification. In: KINGSTON, J.; BECKMAN, M. (orgs.) *Papers in Laboratory Phonology 1: Between the Grammar and Physics of Speech*. Cambridge: CUP, 1990, p. 283-333.

_____. ; HUME, Elizabeth V. The Internal Organization of Speech Sounds. In: GOLDSMITH, John A. *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford, UK. Blackwell. 1995. p. 245-306.

COLLISCHONN, G. *Um estudo da epêntese à luz da teoria da sílaba de Junko Itô*. Letras de Hoje, v. 31, p. 149-158, 1996.

_____. G. A Sílaba em Português. In: BISOL, Leda. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 2ª edição. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 91-123.

COUTO, H. *Ditongos crescentes e ambissilabidade em português*. Letras de Hoje, v. 29, n. 4, p. 129-141, 1994.

DUBOIS, Jean; GIACOMO, Mathée; GUESPIN, Louis; MARCELLESI, Christiane; MARCELLESI, Jean-Baptiste; MEVEL, Jean-Pierre. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 2001.

ENCONTRO DO CELSUL, 1, 1997, Florianópolis. *Anais do 1 Encontro do Celsul*. Florianópolis: UFSC, Vol. 1, abril, 1997. p. 440-483.

ESPIGA, J. W. R. *O português dos campos neutrais: um estudo sociolinguístico da lateral pós-vocálica nos dialetos fronteiriços do chuí e Santa Vitória do palmer*. 2001. Tese (doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do rio Grande do Sul, Porto Alegre.

FRANCO, Sérgio da Costa. *Soledade na História: 100 anos 1875-1975*. Porto Alegre: Companhia Riograndense de artes graficas, 1975.

GOLDSMITH, John A. *Autosegmental and Metrical Phonology*. Oxford, UK. Blackwell. 1990.

_____. *The Handbook of Phonological Theory*. London : Blackwell. 1995.

HAYES, Bruce. *A Metrical Theory of stress rules*. Tese (doutorado, PhD) – Cambridge. Mass : MIT, 1980.

HYMAN, Larry M. *A Theory of Phonological Weight*. Dordrecht : Foris, 1985.

ITÔ, Junko. *Syllable Theory in Prosodic Phonology*. Tese (Doutorado, PhD) – University of Massachusetts, 1986.

KUJAWA, Henrique Aniceto. *Cultura e Religiosidade Cabocla: Movimento dos Monges Barbudos no Rio Grande do Sul – 1938*. passo Fundo : UPF, 2001.

LABOV, William. *Sociolinguistique*. Paris: Les éditions de Minuit, 1976.

LABOV, William *Principles of linguistic change : internal factors*. Cambridge : Blackwell Publisher, 1994.

LADEFOGED, Peter. *A course in phonetics*. New York : Harcourt, Brace & Jovanovich, 1982.

LINDAU, M. The story of /r/. *Phonetic Linguistics*. Academic Press, 1985.

LOPEZ, Barbara S. *The Sound pattern of Brazilian Portuguese (Cariocan Dialect, (Doutorado, PhD) –Los Angeles : University of Califórnia, 1979.*

LUCCHESI, Dante. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da lingüística moderna*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MALMBERG, B. *A fonética*. Lisboa: livros do Brasil. 1954.

MARGOTTI, Felício Wessling. Abordagem Empiricista em Trabalhos de variação sociolingüística. [artigo científico]. Disponível em: <<http://www.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0401/08.htm>>. Acesso em: 5 nov. 2006.

MARQUARDT, Lia. *A vibrante no Rio Grande do Sul: uma análise computacional*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1977.

MATZENAUER-HERNANDORENA, Carmen ; LAMPRECHT, R. A aquisição das consoantes líquidas do português. *Letras de Hoje*. Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 32, n. 4, p. 7-22, 1997a.

_____. Um caso de efeito de OCP no português. In: ENCONTRO DO CELSUL, 1, 1997, Florianópolis. *Anais do 1 Encontro do Celsul*. Florianópolis: UFSC, Vol. 1, abril, 1997b. p. 687-697.

_____. Introdução à Teoria Fonológica. In: BISOL, Leda. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 2ª edição. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 11-89.

MCCARTHY, J. *On stress and syllabification*. *Linguistic Inquiry*. Cambridge, Mass., v.20 n. 3, p. 443-466, 1979.

_____. *Effects: gemination and antigemination*. *Linguistic Inquiry*, v. 14, n. 2, 1986.

_____.; PRINCE, A. Prosodic Morphology. In: Goldsmith, J. *The Handbook of Phonological Theory*. Backwell publishers, 1995, p. 318- 336.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.) *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 9-14.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.) *Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

MONARETTO, V. *A vibrante: representação e análise sociolinguística*. 1992. Tese (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

_____. *O Status fonológico da vibrante*. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 29, n. 4, p. 153- 157, dez. 1994.

_____. *Um Reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica*. 1997. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

_____; QUEDNAU, L. R.; HORA, D. As consoantes do português. In: BISOL, Leda (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 2ª edição. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 195-241.

_____. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (org.). *Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 253-268.

PIMENTEL, R.M. *A variação linguística do fonema /r/ na posição pós-vocálica em falantes da cidade de Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2003.

QUEDNAU, Laura R. A lateral pós-vocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não-linear. 1993. Tese (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

_____. A vocalização variável da lateral. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 29, n. 4, p. 143-151, dez. 1994.

QUICOLI, A. Carlos. Harmony, Lowering and nasalization in Brazilian Portuguese. *Língua*, Amsterdam, n. 80, p. 295-331, 1990.

RAMOS, Ana Paula F. *Processos de Estrutura Silábica em crianças com desvios fonológicos: uma abordagem não-linear*. 1996. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

PEREIRA, André; WAGNER, Carlos Alberto. *Monges Barbudos & O Massacre do Fundão*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 25ª edição. São Paulo: Cultrix, 2003.

SCHWINDT, Luis Carlos. A harmonia vocálica em dialetos do sul do país: uma análise variacionista. In: ENCONTRO DO CELSUL, 1, 1997, Florianópolis. *Anais do 1 Encontro do Celsul*. Florianópolis: UFSC, Vol. 1, abril, 1997. p. 440-449.

SELKIRK, Elisabeth. The syllable. In: HULST, Harry; SMITH, Van Der. *The Structure of phonological representations* (part II). Foris, Dordrecht, p. 337-383, 1982.

SILVA, Giselle Machline de Oliveira; SCHERRE, Maria Marta Pereira; *Padrões Sociolingüísticos: Análise de fenômenos variáveis do Português falado na cidade do Rio de Janeiro*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

SILVA, Thais Cristofaro. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Editora Contexto, 1999.

TASCA, M. Variação e Mudança do segmento lateral na coda silábica. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (org.). *Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 269- 302.

_____. *Interferência da língua falada na escrita das séries iniciais: o papel de fatores lingüísticos e sociais*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

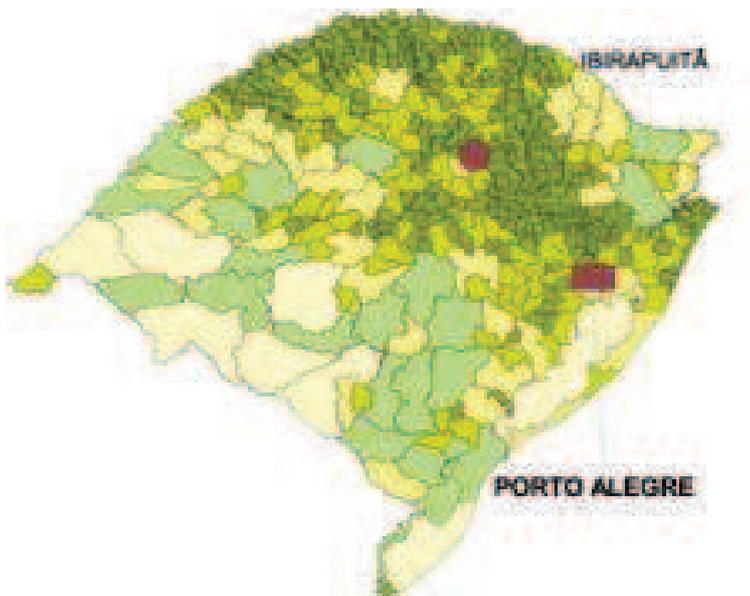
TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolingüística*. 5ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1997.

VIEIRA, M. J. B. As vogais médias postônicas: uma análise variacionista. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (org.). *Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 127-159.

WELTZELS, W. L. *Contrastive and allophonic properties of Brazilian Portuguese vowels*. Selected papers from the Linguistic Symposium on Romance Languages 18. Amsterdam, Benjamins, 1988.

ANEXOS

Anexo A- Mapa com a Localização do município de Ibirapuitã



Anexo B – Variação nos níveis morfossintático e discursivo

1. Nível Morfossintático

1.1 Simplificação das conjugações verbais

Cortar	Estar	Ir	Ir
Eu cortei	eu to	eu vô	se eu í
Tu corta	tu ta	tu vai	se tu í
Ela corta	ela ta	ela vai	se ela í
Nós cortamu	nós tamu	nós vamu	se nós imu
Vós - - -	vós - - -	vós -----	-----
Eles corta	eles tão	eles vão/vai	se eles í

Algumas formas verbais chamam atenção, pois são particularmente diferentes: ‘virim’, ‘terim’, ‘éri’, ‘prefiram’, ‘semu’, ‘fomu’, ‘fumu’, ‘fizéri’, ‘disséri’, ‘vieru’, ‘percurarim’, ‘fumu’, ‘segi’.

1.2 Emprego de nós e a gente

INFORMANTE	EXEMPLOS
2- senhor de 69 anos, agricultor, católico, alfabetizado. Estava pedindo algumas ferramentas emprestadas.	‘É qui az vêis u teus guri podi não querê imprestá <i>pa genti</i> ’
28-senhora de 70 anos, agricultora aposentada, cursou até a 6ª série do ensino fundamental, católica. Contava sobre as histórias de São João Maria e o fato dela estar muito doente.	‘i depois teim muita história qui já misquici agora duenti i tudu si distrói né i <i>a genti</i> tambeim si distrói’ ‘é depois fiquei duenti paralizei du meus istudu <i>a genti</i> parô né isqueci’
13-senhora de 63 anos, aposentada, analfabeta, evangélica. Falava sobre as histórias que sua mãe contava de São João Maria.	‘dispoi di grandí qui a mãe contava qui <i>a genti</i> si lembra né’
6- senhora de 60 anos, aposentada, analfabeta, evangélica. Explicava-nos sobre as normas que precisam ser seguidas em sua igreja.	‘é <i>a genti</i> trabalha na roça’ ‘não na nossa não não cortá u cabêlu qué dizê qui agora diz qui tá liberadu né a Assembléia di Deus tá liberadu podi cortá u cabelu podi pintá assim usá pintura só qui a <i>genti</i> aqui fora neim neim interéssa issuai né porque <i>a gente a gente</i> quis <i>a gente</i> sabia qui era assim né <i>a gente</i> quis intão nói têmu qui obedecê a lei di Deus né’
26- senhor de 59 anos, agricultor, cursou até a 4ª série, é evangélico. Falava-nos sobre a	‘já ouvi falá mas <i>a genti</i> não acredita muito (...) ah elis contavam uma história aí só qui

crença em São João Maria e sua opinião a respeito do monge.	<i>a genti oji a genti intendi deferenti puqui nós semu ivangélicu a genti istuda a bíblia né daí a genti vê a realidade'</i>
29-senhora de 70 anos, analfabeta, evangélica. Nos falou sobre os hábitos de ir a bailes em sua época.	'eu? Quinze dia di aula qui tivi na minha vida qui <i>a genti</i> vivia só da roça né' 'claru até a ora qui a genti cazô depois di cazadu <i>a gentia</i> in baili'
1-senhor de 60 anos, cursou até a 3ª série, evangélico. Fala sobre sua religião.	'eu sinti qui mudô né intão daí comecei a mudá minha vida i <i>a genti</i> é ôtra manera né'

Fonte: Dados da pesquisa.

Exemplos de 'a gente' e 'nós' com valor de 'eu'

1.3 Pronome Objeto e Pronome Sujeito

Nos exemplos extraídos das transcrições observamos que os falantes utilizam o pronome pessoal do caso reto no lugar do oblíquo na posição de objeto. Essa é uma tendência observada em pessoa de diversos níveis de escolaridade.

Exemplo 1: Agricultora, aposentada, estudou até a 4ª série do ensino fundamental, tem 58 anos: “Ralá eli daí vô fazê um dôci pra ti isperá”; “Clarú, tu corta ela ali, um pedaçu”; Eu as vês tenho peguiça di fazê puquê daí tem qui lavá bem eli lavadu”.

Exemplo 2: Agricultora e fumicultora, estudou até a 5ª série do ensino fundamental, tem 33 anos: “quando ela ficá beim doradinha nu fundo da panela qui tu mexê ela ligêru i u fundo da panela i aparecendu tu dêxa ela fervê mais um pôcu”; eu sempri bótu pêras novi e meia quinzi pras dez eu bótu ela fazê i antis di meu dia”; “tu tira um poquinho ela num piris daí tu bati ela beim ligêru”.

Exemplo 3: Agricultora, aposentada, estudou até a 6ª série, tem 70 anos: “é, a minha + conheceu eli”.

Exemplo 4: Agricultora, aposentada, analfabeta, 70 anos: “meu istudu nós tivemu eu tivi quinzi dia só daí u pai tirô nós du coléguiu prá trabaiá nós ia lá pertu du Delfinu”;

Exemplo 5: Agricultora, aposentada, analfabeta, 57 anos: “passei muito trabaiu na vida primeru foi cuns us fiu né u mais véiu (...) cincü anu eli quagi morreu quandu eu levei eli tinha até u zóiu viradu pra tráis i depois daí quandu parô eli fui eu aí ficô meus fiu qui neim cachorru na porta das casas pegandu um pedaçu di pão aqui”; “u ermão meu levô eli deu cumida i pegô e pagô um carru pra traze”.

1.4 A marcação do plural no sintagma nominal

Nos exemplos abaixo, retirados das entrevistas com os falantes de Segredo, observamos os seguintes comportamentos da variante /s/ e / Ø/:

Exemplo 1: 9- 58-F

“vô mi fazê uns dôci; daí vô fazê um dôci pra ti isperá; Agenti dispéja dois três pacoti di cocu; Daqui quantus mêis mais ô menus vocês vão vim”.

“uns doce” : uns houve marcação do /s/ no numeral modificador; no substantivo-determinante doce, não houve / Ø/.

“dois, três pacote”: dois e três são numerais-modificadores; no substantivo-determinante pacote não houve marcação de plural / Ø/.

“quantos mêis”: quantos pronome interrogativo houve a marcação do plural; no substantivo mêis não houve a marcação de plural.

Exemplo 2: 31-33-F

“Eu méçu é um litrão di leiti i séti xícara di açúcar séti caneca”

“três litrão di leiti”

“sete xícara”; “sete caneca”; “três litrão”: as palavras caneca, xícara e litrão não vêm marcadas pelo plural.

No caso dos numerais não há uma marcação do plural na estrutura da palavra, dessa forma a concordância se dá pela quantidade expressa e não por algum morfema de número. Mesmo assim o substantivo que sucede o número continua sem a marcação do plural.

Exemplo 3: 2-69-M

“as ôtra lá tudu é fina; us guri tão; terminei minhas fêria lá nu Pontão”; “terminô as fêria”; “contei umas piada”.

“as outra lá tudo”: observamos que nesse sintagma somente o artigo definido as recebeu a marca de plural, as palavras não possuem a marcação de plural.

“os guri”: o substantivo guri não é marcado com o plural; já o artigo definido os é marcado.

“minhas féria”; “as féria”; “umas piada”: ocorreu a marcação do plural nos artigos definido e indefinido, como também no pronome possessivo, nos substantivos férias e piada não ocorreu a marcação do plural. Observamos que a palavra “féria” não existe no singular, só existe no plural “férias”, logo esse fenômeno da não pluralização atinge até mesmo a palavra que não existe no singular.

1.5 Nível discursivo: discurso direto e indireto em Segredo

Recolhemos das transcrições das entrevistas realizadas, vários exemplos de discurso direto. Passamos agora analisar essas falas:

9- 58 – F:

"Não aquela guri, meu netu, qui tava aqui... aquela mi dissi dizéla não é, não é brasileira"

Nós observamos nesse exemplo a utilização do pronome oblíquo átono me/ ‘mi’, juntamente com o verbo ‘dizer’ no pretérito perfeito do indicativo ‘ele mi dissi’. O pronome oblíquo átono está sendo usado na posição proclítica.

9-58-F:

"Sabi quem qui eu achei qui eli era Vera o Liandru digu mais u Liandru mi passá aqui na caza da Nininha i num chega depois achei qui era u guri du Betu digu u meu afiado di certo si eu tivessi vistu qui era elis eu tinha vindu.."

Nesse exemplo, encontramos uma peculiaridade que é o discurso direto de um pensamento da pessoa. A informante pensou todas aquelas possibilidades e estava nos contando o que pensava na hora em que as pessoas passavam de carro: ‘digu mais u Liandro mi passá aqui na caza da Nininha i num chega’ e a outra frase “digu u meu afiado”. A informante utiliza o verbo dizer no presente do indicativo na primeira pessoa do singular e o pronome oblíquo átono na posição de próclise o que dá duplo sentido ‘u Liandru mi passá’, pois o pronome oblíquo, segundo a norma, tem função de objeto do verbo.

2-69 –M:

"intão tá qui neim uma cigana lá in Soledadi ela quiria vendê um cobertor um acolchoado não sei u quê né aí diss comu praque qui é issu ela diss sim mas u senhor ocupa si ma qui jeitu eu num sei praque qui é issu eu podia lhi comprá ma mi fazendu anssim né di muito"

bocabola ela dissí não pra dormi não ma eu não vô dormi ... pa mi vê livri dela né ... eu dissí não muito obrigadu eu não vô durmi não muito obrigadu aí ela mi largô...”

Nesse fragmento da entrevista podemos observar a alternância de diálogos entre o informante e uma cigana. A riqueza da fala não pode ser expressa totalmente na escrita já que nesse diálogo, em que o informante nos conta essa história, ele utilizou diferentes vozes uma para representá-lo e outra para representar a cigana. Na transcrição só poderemos analisar a forma, agora escrita, que o informante utilizou para se expressar: o verbo dizer - ‘eu diss’, ‘ela diss’- fazendo referência as diferentes falas realizadas pela cigana e por ele.

Os exemplos anteriormente citados não abrangem todas os detalhes da fala da comunidade de Segredo. Apenas ilustram os principais traços que nos pareceram relevantes para dar ao leitor uma noção do dialeto falado nessa comunidade.

Anexo C – Informações sobre o corpus

O primeiro número indica a seqüência da ordem alfabética, na descrição da gramática esses números vão aparecer indicando quem é a pessoa, sua idade e sexo.

Exemplo: 9-58-F

- 1- 60 – 3ª SÉRIE – EVANGÉLICO
- 2- 69 – 1ª SÉRIE - CATÓLICO
- 3- 82 – 1ª SÉRIE - EVANGÉLICO
- 4- 9 – 4ª SÉRIE - CATÓLICA
- 5- 16 – 8ª SÉRIE - CATÓLICA
- 6- 60 – ANALFABETA - EVANGÉLICA
- 7- 40 – 2ª SÉRIE - EVANGÉLICA
- 8- 10 – 3ª SÉRIE - EVANGÉLICA
- 9- 58 – 4ª SÉRIE - CATÓLICA
- 10- 23 – 1º ANO – CATÓLICO
- 11- 38 – 4ª SÉRIE – CATÓLICA
- 12- 57 – ANALFABETA - CATÓLICA
- 13- 63 – ANALFABETA - EVANGÉLICA
- 14- 42 – 3ª SÉRIE - CATÓLICO
- 15- 75 – 1ª SÉRIE - EVANGÉLICO
- 16- 80 – 4ª SÉRIE - CATÓLICO
- 17- 5 – NÃO VAI À ESCOLA AINDA - CATÓLICO
- 18- 56 – 4ª SÉRIE - CATÓLICO
- 19- 60 – 4ª SÉRIE – EVANGÉLICA
- 20- 70 – ANALFABETA - EVANGÉLICA
- 21- 16 – 1º ANO - CATÓLICO
- 22- 41- 2ª SÉRIE - CATÓLICO
- 23- 54- 3ª SÉRIE – CATÓLICA
- 24- 36 – 4ª SÉRIE - CATÓLICA
- 25- 55 – 6ª SÉRIE - EVANGÉLICA
- 26- 59 – 4ª SÉRIE - EVANGÉLICO
- 27- 41 – 4ª SÉRIE - EVANGÉLICO
- 28- 70 – 6ª SÉRIE - CATÓLICA
- 29- 70 – ANALFABETA - EVANGÉLICA
- 30- 73 – 3ª SÉRIE - CATÓLICA
- 31- 33 – 5ª SÉRIE – CATÓLICA